

Filipe Aburaya Yamaki

# POLÍTICA DE DROGAS E UNIVERSIDADE:

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

Filipe Aburaya Yamaki

# POLÍTICA DE DROGAS E UNIVERSIDADE:

UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Sodelli

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

*Dedico este trabalho aos meus pais  
Mioko A. Yamaki, Armando T. Yamaki  
E ao meu irmão Thiago A. Yamaki*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Sodelli, pelo cuidado e incentivo durante o percurso desta pesquisa, estimulando minhas reflexões, além estar presente de modo marcante em minha saga da aproximação ao pensamento fenomenológico;

Ao amigos Artur Avancine, Bruno Bengel, Guilherme Marcello, Jan Leonardi, Lucas Ong, Natalie Mas, Paula Albertin, Sophia Góes e Victor Facciolla por compartilharem momentos marcantes nestes anos de graduação em Psicologia na PUC-SP, proporcionarem grandes reflexões e tornarem este período muito mais agradável;

Aos meus colegas de supervisão por caminharem em direção a concretização do TCC,

A todos os bolsistas do Grupo PET de Psicologia (2007-2008) e a tutora Prof. Dra. Regina A. F. Kato, por promoverem experiências importantes para minha formação,

Em especial, aos meus pais Armando T. Yamaki e Mioko A. Yamaki e meu irmão Thiago A. Yamaki, por sempre me amarem e acreditarem nos meus planos.

YAMAKI, Filipe Aburaya. Política de Drogas e Universidade: uma compreensão fenomenológica existencial. Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Sodelli. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010, 156fls.

## RESUMO

A prevalência do uso de drogas tem crescido em esfera mundial, gerando maiores gastos com a saúde pública, além de aumentar a quantidade de acidentes de trânsito e o índice de violência urbana. Constata-se na literatura alguns levantamentos de prevalência de uso de substâncias psicoativas entre universitários, porém não é usualmente verificada a realização de estudos com o foco no manejo do uso de drogas no ambiente universitário, principalmente vinculado a prevenção e ao uso de risco, evidenciando a necessidade de investigar estes fenômenos. Neste sentido, foi realizada uma compreensão fenomenológica existencial do Ato do Reitor da PUC-SP que propôs a intensificação a proibição ao uso de drogas ilícitas, implementada em 2009 no Campus Monte Alegre. Foram realizadas entrevistas reflexivas coletivas com dois grupos de alunos do Curso de Psicologia (um de usuários de maconha e outro de não usuários), analisadas a partir do método desconstrutivo-construtivo da fenomenologia existencial. São apresentados ao leitor um breve histórico das drogas e uma explicitação das principais políticas referentes a esta temática na atualidade. As compreensões grupais abordam alguns aspectos como a intenção política do Ato, a efetividade da política e a relação entre usuários e não usuários. Na etapa final são realizadas algumas considerações finais, referentes a retomada dos aspectos mais importantes tratados durante o trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Drogas, Política de Drogas, Universidade, Fenomenologia Existencial, Prevenção.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

1. Trajetória.....	08
2. Sobre o Problema de Pesquisa.....	08
3. Justificativa.....	11
4. Método.....	11
4.1 A Entrevista reflexiva coletiva.....	12
4.2 A Análise das entrevistas e notas sobre fenomenologia.....	15

## PARTE I - Contextualização do uso e Políticas de drogas

Capítulo 1 - A História e o Uso de Drogas.....	19
Capítulo 2 - Uma breve exposição das Políticas de drogas: o Proibicionismo e a Redução de Danos.....	24

## PARTE II - ENTREVISTA REFLEXIVA COLETIVA

Capítulo 1 - Grupo de estudantes usuários de maconha.....	27
1.1 - Apresentação dos focos de análise do grupo de estudantes usuários de maconha.....	27
1.2- Análise do Sentido Grupo de estudantes usuários de maconha.....	52
Capítulo 2 - Grupo de estudantes não usuários de maconha.....	59
2.1 - Apresentação dos focos de análise do grupo de estudantes usuários de maconha.....	59
2.2- Análise do Sentido Grupo de estudantes não usuários de maconha.....	83
Capítulo 3 - Aproximando os Sentidos .....	90

## **PARTE III - REFLEXÕES FINAIS**

Considerações Finais.....96

Bibliografia.....99

Anexos.....103

# INTRODUÇÃO

## 1 Trajetória

Permaneci durante dois anos (2007 e 2008) do meu período de graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP no grupo PET de psicologia da PUC/SP. O PET (Programa de Educação Tutorial) é uma política pública vinculada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) e à Secretaria de Educação Superior (SESu). A proposta primordial do programa é a de apoiar atividades acadêmicas que integrem o ensino, a pesquisa e a extensão a partir da formação de grupos tutoriais de aprendizagem, compostos de alunos e um professor tutor, através da execução de atividades extracurriculares que complementem a graduação.

Durante o período que integrei o grupo PET de Psicologia da PUC/SP, a temática central de suas ações foi a saúde coletiva. Deste modo, desenvolvi em conjunto com os alunos Bruno Bengel de Paula e Livia Faggian e sob a orientação da Prof. Dra. Regina A. F. Kato, a pesquisa “*Estudo Exploratório de Aspectos intergeracionais de usuários com uso indevido de álcool e outras drogas*”.

A pesquisa foi aplicada em Centros de Referência no tratamento da dependência de drogas que funcionavam como Hospitais-Dia.

O aprofundamento nos estudos sobre a temática das drogas, e a realização de entrevistas com alguns dos usuários dos centros de referência que relataram ter iniciado o uso ao longo da juventude, propiciaram um espaço de reflexão sobre o as drogas no ambiente universitário. Ainda, foi possível pensar projetos que envolvessem o manejo da questão do consumo de substâncias psicoativas na Universidade.

## 2 Sobre o Problema de Pesquisa

A prevalência do uso de drogas lícitas e ilícitas tem crescido em esfera mundial, gerando maiores gastos com tratamentos médicos, internações hospitalares, além de aumentar a quantidade de acidentes de trânsito e o índice de violência urbana (Silva, 2006).

Canuto (2006) revela que até 1960 o consumo de drogas era um fenômeno considerado recorrente apenas em adultos, sendo que a partir desta data iniciou-se uma maior preocupação com o uso dessas substâncias nos *campi* universitários dos Estados Unidos. Neste sentido, foi constatado, na década de 1970, um aumento no consumo de quase todas as drogas lícitas e ilícitas por estudantes de escolas superiores e secundárias.

Em relação a população brasileira, Wagner & Andrade (2008), a partir de uma revisão da literatura sobre estudos referentes a temática das drogas e Universidades, afirmam a realização de alguns levantamentos estatísticos. A partir do final da década de 1990, foi investigado, principalmente, a prevalência do uso de drogas no meio universitário, apontando para um aumento acelerado no consumo de álcool, tabaco e drogas ilícitas nos últimos anos (Andrade et al, 1997; Kerr-Corrêa et al, 1999; Matos & Souza et al, 2001; Fiorini et. al, 2003; Stempliuk et. al, 2005; Lucas et. al, 2006; Wagner et. al, 2007; Lemos et. al, 2007).

Além dos estudos referentes a prevalência do uso de substâncias psicoativas, os mesmos autores da revisão observam a realização de trabalhos quantitativos que possuem o foco na relação entre o comportamento dos estudantes e o uso de drogas. Afirmam que, “ *Os estudos de comportamento de risco entre a classe universitária caracterizam-se pelos aspectos: violência, relações sexuais sem proteção e direção perigosa [...]*” (Wagner & Andrade, 2008, p.53).

É sugerido, então, que tanto os levantamentos de prevalência, quanto aqueles que investigam comportamentos de risco podem colaborar com ações de otimização dos programas de prevenção em instituições de ensino superior<sup>1</sup>.

A respeito da questão da prevenção, pode-se afirmar que os estudos sobre a prevenção ao uso de risco e a dependência de drogas e o ambiente universitário são escassos.

Sant’Anna (2008), em seu um estudo quantitativo sobre o consumo e uso nocivo de álcool e outras drogas pelos estudantes de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), entre os anos de 2005 a 2007, afirma que em 2007 91,6% dos alunos relataram presenciar o uso de álcool e/ou drogas ilícitas dentro do *campus* Monte Alegre. Em continuidade, ainda no ano de

---

<sup>1</sup> Idem.

2007, 50,5% dos alunos consideravam a atitude da reitoria omissa frente a questão do uso de drogas dentro da universidade.

De acordo com o *II Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil*, realizado em 2005 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas (CEBRID), com a abrangência das 108 maiores cidades do país, constatou que 22,8% dos entrevistados relataram já terem feito uso de drogas na vida (exceto álcool e tabaco). Este mesmo trabalho aponta que dentre estas substâncias a mais utilizada é a maconha, assim, 8,8% das pessoas revelaram o uso desta substância ao longo da vida. Porém, este consumo apresenta níveis muito menores que o uso de drogas lícitas como o álcool e tabaco, denotando, respectivamente, 74,6% e 44% de sujeitos que trouxeram à luz o uso pelo menos uma vez na vida. A partir das informações apontadas, pode-se observar que a *maconha é a droga ilícita mais consumida*. Assim, Karniol (2010) afirma que a prevalência de seu uso é estimada em 140 milhões de pessoas em todo mundo, cerca de 2,45% da população mundial.

Além de ser a substância ilícita mais consumida na sociedade, o uso de maconha é um fenômeno amplamente conhecido em relação a seu consumo na PUC-SP. Como é possível constatar na reportagem da revista **Veja São Paulo** “*Decisão por combater maconha cria polêmica na PUC*”<sup>2</sup>, produzida por Antunes (2009) que afirma: “*Durante muito tempo, a reitoria da Pontifícia Universidade Católica (PUC) foi conhecida por fazer vista grossa às rodinhas de estudantes que compartilhavam cigarros de maconha no campus de Perdizes.*”

Em Abril de 2009, a reitoria da PUC-SP, através do Ato do Reitor Dirceu de Mello<sup>3</sup>, decretou que não toleraria mais o consumo de drogas ilícitas dentro da Universidade, representando, assim, um momento histórico por se tratar do primeiro ato oficial de um reitor na história da universidade assumindo a existência do consumo de drogas dentro do *Campus Monte Alegre*. Deste modo, a medida do Reitor afeta diretamente a comunidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sendo de essencial importância uma compreensão profunda dos efeitos de tal política. Logo, o presente estudo pretende fazer uma compreensão, por meio do referencial teórico e metodológico da fenomenologia-existencial, do sentido da nova medida em relação ao consumo de drogas ilícitas para os estudantes da PUC-SP.

---

<sup>2</sup> Cf. Anexo I

<sup>3</sup> Cf. Anexo II

Ainda se intenciona discutir suas implicações, afim de fornecer instrumentos para que sejam repensados possíveis projetos preventivos em relação ao uso de drogas e a Universidade.

### **3 Justificativa**

Por representar um grave problema de saúde coletiva e de difícil manejo, o consumo de drogas deve ser amplamente estudado para que o fenômeno seja compreendido de modo a aprimorar ações voltadas para o tratamento e prevenção do uso de risco e dependência de drogas.

Tendo em vista a escassez de estudos acerca desta temática, a saber, o uso de drogas em instituições de Ensino Superior, uma compreensão aprofundada deste fenômeno é de grande importância para a proposição de possibilidades preventivas neste âmbito. Portanto, repensar esta questão abre diálogo com diversas políticas em relação ao uso de risco e dependência de drogas. Assim, questionar este foco de pesquisa é, de certa forma, possibilitar reestruturação de diversos contextos que confluem, sendo eles: atos políticos, uso de drogas e ambiente universitário. Com efeito, lançar olhar sobre o fenômeno destacado na forma de um trabalho científico clarifica seu aparecer que, por sua vez, aprimora a elaboração de medidas preventivas acerca desse mesmo assunto.

### **4 Método**

A pesquisa que se segue foi realizada com o intuito de coletar dados de análise acerca do foco primeiro a que ela se dedica. Isto é, como base de sustentação às argumentações que irão permear as páginas seguintes, as informações armazenadas serão analisadas afim de promover desvelamentos acerca de sentidos, muitas vezes, encobertos. Portanto, foram utilizados artifícios metodológicos para tal. Com efeito, foi confeccionado o trabalho em questão com base em uma pesquisa qualitativa a partir do método desconstrutivo-construtivo da Fenomenologia Existencial, tendo como instrumento de coleta a entrevista reflexiva coletiva. Nesta seção da pesquisa o que será colocado em foco é, justamente, a estrutura mesma deste trabalho, combinada à explicitação de cada uma das partes como compositoras de um todo.

Para tanto, se faz pertinente elucidar o caminho para a conclusão desta proposta em partes. A primeira parte trata-se de uma revisão histórica do uso de drogas, seguida de uma contextualização das principais posturas políticas em relação a este fenômeno, afim de situar o leitor em relação a temática do uso de drogas, que envolve a implementação do Ato do Reitor da PUC-SP. Tal medida propõe o enfrentamento de modo mais intenso ao uso de drogas ilícitas dentro do Campus Monte Alegre.

A segunda parte se dedica a descrição e análise das falas apreendidas como resultado do desempenho das entrevistas reflexivas coletivas realizadas com 2 grupos de estudantes da PUC-SP (Campus Monte Alegre), além da discussão dos resultados que será nomeada **aproximação de sentidos**.

A terceira parte é composta pelas reflexões finais da pesquisa e apontamentos sobre medidas preventivas ao uso de risco e dependência de drogas no âmbito universitário.

#### **4.1 A Entrevista reflexiva coletiva**

Como já dito, o instrumento adotado para a coleta dos dados posteriormente analisados foi a técnica reflexiva de entrevista coletiva. Sobre isso, Szymanski (2004) ressalta que:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significações durante qualquer ato comunicativo quanto à busca de horizontalidade (p. 14).

A escolha metodológica da entrevista reflexiva coletiva se deu devido a diversos aspectos, entre eles a afinação deste procedimento em relação ao objetivo da pesquisa e sua compatibilidade com o referencial fenomenológico-existencial. Sodelli (2006) aponta que a entrevista reflexiva “*é um procedimento totalmente compatível com o pensamento fenomenológico-existencial*” (p.26).

Minayo (1993) reafirma a relevância de fazer uso de entrevistas coletivas, considerando esta modalidade de entrevistas muito significativa devido ao

aprofundamento qualitativo de questões socializáveis e pela possibilidade de trabalhar com grupos semelhantes ou distintos.

Sodelli (2006) afirma que a entrevista reflexiva coletiva se revela, também, como um momento de organização de idéias, no qual os entrevistados acabam por construir um discurso para o interlocutor (pesquisador) baseado no recorte de uma experiência, além de reafirmar a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Um aspecto importante desta reflexão é o de constituir um momento no qual o participante pode expressar sua compreensão, além de ouvir outras idéias levantadas no grupo, ocorrendo assim, um movimento de articulação de sentido, assim Sodelli (1999) revela que: “*No trabalho com a entrevista reflexiva coletiva, observamos que o discurso de um entrevistado desperta no outro algum tipo de entendimento, seja de aceitação, de rejeição ou de indiferença.*” (p. 28). Szymanski (2004) explicita que “[...] *é preciso ter claro que a participação de cada membro do grupo reflete a influência dos demais e o resultado final da entrevista refere-se a uma produção do coletivo.*” (p. 57).

Em relação a postura do entrevistados Sodelli (2006) lembra que alguns cuidados devem ser considerados na entrevista reflexiva:

Não podemos afirmar que se resume simplesmente num papel de agente facilitador, ou seja, uma função que se restringiria à realização de perguntas ou questionamentos, cuidando, fundamentalmente, em promover um clima favorável no qual as respostas possam emergir. Ao contrário, neste modo de entrevistar, a postura do entrevistador é bastante ativa (p. 27).

Sobre esta postura ativa, Szymanski (2004) ressalta que o entrevistador é responsável por fazer sínteses do compreendido, propor esclarecimentos, questões focalizadoras, questões de aprofundamento e, por fim, devolver o compreendido, revelando deste modo, que a experiência do pesquisador se apresenta como essencial para que o rigor da investigação seja mantido.

Sodelli (2006) afirma, ainda, que esta modalidade de entrevista não utiliza um roteiro fechado a ser seguido. Desta forma, a clareza do pesquisador sobre os objetivos, os temas a serem investigados e o problema de pesquisa que está sendo estudado é o que norteia a entrevista. Salienta o autor que se deve atentar também para um dos aspectos mais importantes desta modalidade de entrevista, que é a questão desencadeadora. Szymanski (2004) considera que “[...] *ela deve ser o ponto de partida para o início da fala do participante, focalizando o ponto que se*

*quer estudar e ao mesmo tempo, amplia o suficiente para que ele escolha por onde começar” (p.27).*

A partir dos objetivos propostos por este trabalho, será tomada como questão desencadeadora a seguinte questão: *“Como vocês compreendem o Ato do Reitor de intensificar a proibição ao uso de drogas ilícitas dentro do Campus?”*

Retomando, para esta investigação foram estabelecidos dois grupos de alunos. Estes serão compostos por estudantes de cursos de graduação da PUC-SP, sendo um dos grupos formado por pessoas que relatem não ser usuárias de maconha e o outro composto por pessoas que relatem utilizar esta mesma substância, independente do tipo de uso (experimental, habitual, dependência de drogas).

A divisão em grupos de “usuários” e “não usuários” tem a finalidade de propiciar que os indivíduos que fazem uso de drogas ilícitas possam participar das entrevistas reflexivas expressando seus posicionamentos de modo mais livre, além de não precisarem assumir publicamente o seu uso de maconha a não usuários.

As entrevistas ocorreram em grupo, uma entrevista com cada grupo, com duração aproximada de 50 a 60 minutos, sendo aplicadas e gravadas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>4</sup>, e aprovação no Comitê de Ética em pesquisa da PUC-SP (Sede Campus Monte Alegre, protocolo de pesquisa número 113/2010)<sup>5</sup>, sendo transcritas integralmente<sup>6</sup> para posterior análise.

Cada grupo será composto de 6 a 8 estudantes do curso de graduação de Psicologia da PUC-SP que estejam cursando o terceiro ou quarto ano do curso em 2009. Considerando a dificuldade de ter acesso a um grupo de alunos que seja constituído de usuários de maconha, optou-se por escolher estudantes do curso de Psicologia pela maior facilidade de acesso a esta população. A escolha de alunos do terceiro e quarto ano está relacionada a intenção de formar que tenham participado da vida universitária da PUC-SP antes do ato do Reitor.

Para compor os grupos de alunos que participaram da entrevista foi utilizado um método denominado *“Informante-chave”*, que consiste no fato de um participante indicar outras pessoas para participar das entrevistas. Ou seja, o pesquisador

---

<sup>4</sup> Cf. Anexo III.

<sup>5</sup> Cf. Anexo IV

<sup>6</sup> Cf. Anexo V

entrará em contato com um representante do Centro Acadêmico do Curso de Psicologia que indicará dois alunos, um que seja usuário de maconha e outro não usuário desta mesma substância, que sejam compatíveis com perfil esperado para compor cada um dos grupos. Deste modo, cada participante indicado indicará outro possível colaborador, e assim sucessivamente até que sejam compostos dois grupos com até dez alunos cada.

#### **4.2 A Análise das entrevistas e notas sobre fenomenologia**

Critelli (1996) sinaliza que a fenomenologia não possui apenas um procedimento de análise, possibilitando assim, diversas articulações metodológicas que estejam afinadas a questão e ao fenômeno que se deseja saber a respeito. Deve-se compreender que neste modelo o pesquisador faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver. Assim, a autora lembra que “*O que se manifesta através do investigador acaba sendo aquilo mesmo em busca de que ele se põe a caminho. Através de si mesmo, o que ele vem a saber se autentica*”.<sup>7</sup>

Por adotar como problema de pesquisa uma compreensão do sentido em uma perspectiva fenomenológica-existencial, a análise das informações do presente trabalho possuirá como referencial o método desconstrutivo-constutivo desta abordagem, inspirado no que a referida autora denomina como *Analítica do Sentido*. Essa idéia se aproxima do conceito de Hermenêutica de Heidegger (1993), que vai em direção de compreender a interpretação como o desvelamento do sentido do ser, a partir da Ontologia Fundamental do pensamento deste mesmo autor, considerando as estruturas básicas do Dasein.

A Analítica do Sentido refere-se mais a uma orientação a respeito dos paradigmas que constituem o olhar que vê (olhar do pesquisador/investigador) e a manifestação do buscado; da manifestação “dos modos e do movimento fenomênico do aparecer de tudo o que há; do movimento de realização do real; do movimento de objetivação desse real; e da estrutura do cuida” (Critelli 1996, p.131).

De acordo com Minayo (1993), a pesquisa hermenêutica acaba por trazer ao primeiro plano, no momento do tratamento dos dados, as condições cotidianas da vida, possibilitando assim, o esclarecimento a respeito das estruturas profundas do

---

<sup>7</sup> Idem, p. 135.

dia-a-dia. Ainda ressalta Minayo, “ [...] a pesquisa hermenêutica traz para o primeiro plano, no tratamento de dados, as condições cotidianas da vida e promove o esclarecimento sobre as estruturas profundas desse mundo do dia-a-dia” (p. 221). A respeito interpretação Sodelli (2006) ressalta que:

A tarefa interpretativa deverá seguir o caminho de diferenciar a compreensão do contexto da comunicação da compreensão do contexto do próprio pesquisador; explorar e deduzir as definições de situações que o texto transmitido permite, a partir do mundo e da vida do autor e de seu grupo social; o pesquisador, ao analisar, pode pressupor que compartilha com o autor suas referências formais à vida social (p.29).

A respeito desta atitude ao interpretar os dados, pode-se dizer então, que o pesquisador busca entender por que o autor do texto o apresenta dessa maneira e não de outra possível (Minayo, 1993).

Dartigues (2005) afirma que a fenomenologia-existencial não se limita a um método descritivo, mas segue na direção de decifrar todo o dado que aparece por meio de uma interpretação do sentido. A esse respeito, Sodelli (2006) lembra que “[...] o sentido não se mostra na interpretação da linguagem lógica do falado, na resposta do ‘pensamento calculante’, mas sim, no ‘pensamento meditante’ do homem” (p. 30). Esta linguagem referenciada no pensamento iluminado é apontada por Dartigues (2005), o qual indica que ela é “no âmago da existência temporal, o limite que une a facticidade e o projeto do existente, seu já-aí e seu possível, o dizer poético” (p. 121).

O dizer poético é aquele que mostra, deixa ver, sendo diferente do que Heidegger (1993) aponta como *falatório*, que pode ser traduzido para o cotidiano como a possibilidade do homem falar muitas coisas e acabar por não dizer coisa alguma, ou seja, falar, falar e não dizer nada. Assim, Inwood (2002) afirma que a mesma linguagem que guarda o sentido de ser, também acaba ocultando-o, revelando, deste modo, a importância da interpretação.

A respeito da análise proposta na fenomenologia-existencial, Sodelli (2006) afirma que:

A palavra análise tem como significado o desfazer de uma trama em seus componentes fundamentais, sendo o seu caráter primordial, não a sua decomposição em elementos isolados, mas a recondução a uma unidade (síntese) da possibilidade ontológica do ser dos entes.(p.30)

Deste modo, Heidegger (2001) lembra que a Analítica do Sentido tem por finalidade:

[...]evidenciar a unidade original da função da capacidade de compreensão. A analítica trata de um retroceder a uma conexão em um sistema. A analítica tem a tarefa de mostrar o todo de uma unidade de condições ontológicas. A analítica como analítica ontológica não é um decompor em elementos, mas a articulação da unidade de uma estrutura (p.141).

O trabalho analítico realizado na presente pesquisa pretende tornar visível a trama de significados que cada grupo construiu no processo derivado da entrevista reflexiva coletiva. Assim, como ensina Critelli (1996), a análise a ser realizada volta sua atenção prioritariamente a complexa estrutura do cuidar:

- Aquilo que se cuida (o presente, o projeto, que se aproxima e distancia para os cuidados. Por exemplo: o que se fala);
- O modo pelo qual se cuida desse cuidar (o passado, o que já foi possível, a queda, hábitos, formas culturais, sociais, peculiares, individuais, operacionais. Por exemplo: como se fala de algo);
- O modo como se cuida desse cuidar do cuidar mesmo (o futuro, já-ser-lançado, compreensão do sentido do ser-para-morte, estados de ânimo, sentimentos. Por exemplo: como me sinto no meu ser-aí, na abertura de como se fala e como essa fala se orienta).

Sodelli (2006) revela que “*o olhar interpretativo busca compreender o sentido desta complexa estrutura do cuidar que, por muitas vezes, se aloja na sua própria superfície*” (p. 31). Dartigues (2005) ainda lembra que esse modo de cuidado que se restringe-se a superficialidade, geralmente, se desdobra “*na linguagem ao simples falatório, à insossa imitação do outro*” (p.116).

Essa possibilidade de ser do homem é nomeada por Heidegger (2001) como existência inautêntica ou queda, isto é, a existência que se deixa levar no correr do tempo, em vez de tomar-se a seu próprio encargo.

Seguindo a compreensão de Sodelli (2006), o procedimento de análise das entrevistas com cada grupo participante obedecerá as seguintes etapas, explicadas na mesma sequência que serão realizadas:

- Transcrição das entrevistas na íntegra, mantendo a fidelidade à linguagem dos entrevistados;

- Substituição cuidadosa de termos utilizados pelos elementos de cada grupo, a fim de fazer uma nova versão das entrevistas transcritas, abolindo vícios de linguagem e corrigindo possíveis erros de sintaxe;
- Realização de maneira exaustiva da leitura do material transcrito, por meio de uma atitude reflexiva, prolongando uma relação interrogativa com todo o texto (tanto a primeira entrevista como a segunda);
- Criação de focos de análise através do agrupamento das falas do grupo que tratem de um mesmo tema;
- Seleção dos focos de maior relevância/relação com os objetivos da pesquisa, descartando os outros, sem perder de vista a totalidade e a trama de significados das entrevistas (o modo como se falou sobre aquele assunto),
- Compreensão sob cada foco de análise selecionado;
- A partir desta primeira compreensão e das impressões, percepções e sentimentos que o pesquisador pôde absorver sobre o grupo nas entrevistas reflexivas coletivas (lembrando que esse material foi registrado manualmente por meio da escrita pelo próprio pesquisador durante e ao final de cada entrevista), elaboramos um primeiro texto descritivo/interpretativo que busca compreender o modo de ser de cada grupo;
- Numa perspectiva de desvelamento-revelação de sentidos, segundo a qual cada parte da entrevista, por um lado, deve ser entendida à luz da totalidade das entrevistas e, por outro lado, sua estrutura deve ser reconstruída, levando em conta, ainda, cada parte que lhe pertence, todo o material será interpretado novamente, pois, numa hermenêutica heideggeriana, o desvelamento resultará em novos ocultamentos (CRITELLI, 1996);
- Após este intenso processo de desvelamento-revelação e novos ocultamentos, cujo fim é determinado pelo horizonte do tempo de compreensão do pesquisador, elaboraremos um texto analítico que procura entender qual é o sentido, para cada grupo, do ato do Reitor em relação ao uso de Drogas ilícitas na Universidade.

Em síntese, o processo de análise em três momentos: apresentação dos focos de análise e sua respectiva compreensão; texto descritivo/interpretativo que busca compreender o modo de ser de cada grupo entrevistado; texto analítico que procura entender qual é o sentido, para cada grupo, sobre a política de Drogas evidenciada pelo Ato da Reitoria da PUC-SP.

## **PARTE I**

### **Contextualização do uso e política de drogas**

## 1 A História e o Uso de Drogas

Ao contrário do que é possível imaginar, o fenômeno do uso de drogas não é recente. O historiador de medicina Brian Inglis indica que algumas plantas como a papoula (de onde é extraído o ópio), a coca, a efedra, o chá e a rauwolfia eram utilizadas desde a pré-história (Carneiro, 2010; *apud* Inglis, 1968). Assim, MacRae (2010) ressalta também, que o uso de substâncias psicoativas apresenta-se na historiografia humana assumindo diversas feições ao longo de diferentes épocas e culturas, nesta mesma direção, Sodelli (2010) afirma que:

[...] se analisarmos, cuidadosamente, o modo como o homem vem lidando com o uso de drogas em diferentes épocas, perceberemos que esta relação tem-se modificado, constantemente, revelando que este fenômeno está longe de ser hegemônico (p.33).

Considerando o uso de drogas como um fenômeno não estático, sendo portador de diferentes significados ao longo do tempo, torna-se necessário apresentar alguns elementos históricos para elucidar o modo que o homem tem utilizado estas substâncias.

MacRae (2010) acena que existem registros do uso de drogas desde as primeiras civilizações, como no caso do ópio para fins medicinais presentes em tábuas suméricas (aproximadamente três mil anos antes de Cristo), cilindros babilônicos e hieróglifos egípcios. Nesta mesma direção, Escohotado (1994) afirma o emprego de bebidas alcoólicas mencionadas em tábuas de escrituras cuneiformes da Mesopotâmia em 2.200 a.C.

Os registros mais antigos de fibras de cânhamo (também conhecido como maconha) provém da China e são datados de 4.000 a.C., sendo utilizado também pela civilização assíria, no século IX a.C., como incenso, o que também pode ser constatado entre os citas e os egípcios (MacRae, 2010). A respeito da civilização egípcia, pode se dizer também que possuíam aproximadamente cento e vinte medicamentos distintos compostos de cerveja ou vinho (Escohotado, 1994).

Além do uso de drogas relacionado a fins medicinais, MacRae (2010) aponta diferentes civilizações que fizeram uso de substâncias psicoativas com caráter religioso, assim como:

As solanáceas alucinógenas, meimendro, beladona, daturas e mandrágona, cujo o uso na Europa também remonta aos celtas, foram usadas na Idade Média em unguentos e poções por praticantes de bruxaria. Na América, desde tempos pré-colombianos, diferentes tipos de tabaco eram usados com fins recreativos, religiosos e terapêuticos. Nesse continente também se usava uma ampla gama de plantas visionárias com finalidades rituais de maneira análoga à utilização de cogumelos alucinógenos entre xamãs da Sibéria e regiões setentrionais da Europa. Na África, ainda pouco estudada desse ponto de vista, também se fazia uso religioso da iboga, dotado de um princípio ativo similar ao LSD-25 (p.28).

A partir da afirmação, é possível observar que o uso de drogas relacionado a religião trata-se de um fenômeno antigo presente em muitas civilizações que habitaram diversos continentes. Porém, o mesmo autor relata que algumas drogas estimulantes como a coca, o mate, o guaraná, a noz de cola, eram utilizados de maneira profana e regular (diversas vezes ao dia) em diversas partes do mundo, com a finalidade de produzir energia e diminuir a fome.

Somente a partir da escola hipocrática (Grécia Antiga) que as noções de doença e cura começaram a se aproximar a resultados de processos naturais, deste modo, apresentavam um entendimento acerca do uso de drogas relacionado a dosagem utilizada. Então, a quantidade da substância administrada diferenciava um efeito curativo de um envenenamento (MacRae, 2010). Nesta mesma direção explica Toscano (2001), que o uso de drogas *“passava a ser então a proporção entre dose ativa e letal, como uma substância podendo ser ao mesmo tempo remédio ou veneno, dependendo da dose”* (p.8). Neste período, o ópio era utilizado em tratamentos para combater diversos males, além de estar presente em preparados denominados “triacas” que eram utilizadas por líderes políticos que temiam ser envenenados, assim, a tolerância ao ópio era um modo de retirar o veneno. Cabe ressaltar, que o uso de ópio não era observado pelos gregos como algo degradante, ao contrário do álcool que poderia trazer riscos (MacRae, 2010). A respeito desta compreensão referente ao uso do álcool, Toscano (2001) aponta que:

Apesar do emprego de diversas drogas, os gregos não ignoravam os problemas decorrentes do consumo. O potencial de perigo para o ser humano ficava restrito ao uso do vinho, símbolo de Dionísio, deus que apagava as fronteiras da identidade pessoal e convidava a orgias periódicas. O próprio Hipócrates aconselhava a ceder a embriaguez de quando em quando, considerando o relaxamento induzido pela substância um efeito útil do ponto de vista terapêutico (pp. 8-9).

MacRae (2010) explica que “A *visão romana sobre drogas sofreu grande influência da grega e as drogas continuaram a ser vistas como basicamente neutras, seus efeitos, positivos ou negativos, sendo dependentes da dosagem e maneira do uso*” (p. 29). Assim, Toscano (2001) considera que possivelmente foi no mundo greco-romano que “*se valorizou a necessidade do uso das drogas com moderação. Somente os excessos dos três grandes apetites (bebida, alimento e sexo) eram vistos como oferecendo perigo*”(p.9). Sodelli (2010) aponta que esses excessos eram considerados questões éticas e não médicas.

A cristianização do Império Romano alterou as noções pagãs em relação a neutralidade da droga (MacRae 2010). Toscano (2001) revela que se evidenciaram maiores restrições em relação ao uso de substâncias psicoativas, pois a instituição católica “[...] *foi proibicionista em relação a elas e responsável por importantes mudanças de concepção e pela censura em relação a farmacopédia greco-romana*” (p.9). A este respeito MacRae (2010) complementa:

Os sacerdotes da nova religião do estado passaram a perseguir os praticantes de cultos religiosos vistos como rivais, tentando obliterar qualquer traço de suas antigas crenças e práticas, incluindo aí sua vasta farmacoterapia (p.29)

A proibição adotada pela Igreja Católica, neste período, evidencia que, ao longo da história, a aceitação social das drogas esteve relacionada as concepções religiosas, como exemplifica Sodelli (2006):

Na época da inquisição da igreja católica, quando certas pomadas e poções passaram a ser provas de bruxaria; na ortodoxia islâmica, o café foi proibido e em seguida liberado; o uso do mate foi proibido no Paraguai, pelos espanhóis [...] (pp. 44-45).

A partir do levantamento destes momentos históricos, observa-se que os valores religiosos se apresentam como importantes balizadores da relação do homem com as drogas. Entretanto, a religião não deve ser considerada como o único fator, pois a aceitação ou proibição do uso destas substâncias esteve relacionada a outros fatores como o interesse econômico, que pode ser observado nas guerras entre Inglaterra e China a respeito do tráfico de ópio (Sodelli 2006).

Carneiro (2010) lembra que durante a Idade Média, o uso do ópio como analgésico e eutanásico foi condenado pela Igreja Católica, porém o uso desta

substância sobreviveu no mundo árabe, que no século XVI readquiriu legitimidade e sendo novamente utilizada no Ocidente, sendo utilizada frequentemente como medicamento na forma de láudano, que consistia na dissolução do ópio em álcool. A partir da expansão das navegações, o comércio desta droga que era produzida na Índia, Pérsia e Turquia, também aumentou. Desta forma, o lucrativo tráfico de dada substância foi monopolizado pelas companhias ocidentais de comércio. Neste contexto, o este autor ressalta que o Ocidente mantinha um comércio deficitário com a China até o início do século XIX, pois compravam seda, chá e porcelana e pagavam em prata, por se tratar do único metal aceito pelos chineses. Com o aumento da importação de chá pela Grã-Bretanha (cerca de vinte vezes), a China passou a receber ópio inglês produzido na Índia como pagamento no lugar da prata, resultando em ações protecionistas, por parte das autoridades chinesas, que passaram a proibir e controlar a entrada desta droga em território chinês, que ocorria através do contrabando. A respeito desta prática, Toscano (2001) afirma que a Inglaterra recorreu *“ao contrabando de ópio em grande escala para a China, visando encobrir seus déficits comerciais nas trocas com este país oriental”* (p.11).

A partir da medida protecionista e o episódio que envolveu o cerco dos militares chineses a firmas estrangeiras, ocasionando a apreensão e destruição de mais de vinte mil caixas de ópio na cidade de Cantão, a Inglaterra em nome do “livre comércio”, promoveu uma agressão ao país oriental, dando início a primeira guerra do ópio (1839 a 1842) que resultou na derrota chinesa e assinatura do tratado de Nanquim que obrigava o país perdedor a ceder Hong Kong aos ingleses. Permitir a pregação de missionários cristãos e a comercialização do ópio em cinco cidades. De 1856 a 1860, ocorreu a segunda guerra do ópio que envolveu a participação da Inglaterra, Estados Unidos e França, levando a ocupação de Pequim e uma nova derrota chinesa (MacRae, 2010 ; Toscano, 2001; Sodelli, 2006).

Sodelli (2006) afirma que a proibição da maconha nos Estados Unidos implementada no final dos anos 30, foi influenciada por diversos fatores, inclusive interesses econômicos.

As indústrias de sintéticos competiam diretamente com aquelas que utilizavam o cânhamo (maconha) como matéria-prima em diversos tipos de mercadorias, por exemplo, aditivos para combustíveis, fibras sintéticas e produtos químicos utilizados na fabricação de papel a partir de eucaliptos. A partir do desenvolvimento das indústrias americanas fabricantes de produtos sintéticos, a

proibição ao uso e plantação de maconha revelou-se como uma grande alternativa para combater a concorrência (Burgierman, 2002).

Assim, Sodelli (2006), ressalta que diversos fatores tem influenciado no uso de algumas substâncias psicoativas, porém considera que todos eles se convergem na busca pelo controle, assim afirma:

Em relação ao fator religioso, por exemplo, fica evidente a tentativa de sobrepor uma determinada crença à outra, buscando exercer um controle sobre as pessoas de costumes e crenças que se opusessem à moral religiosa dominante. Sobre os interesses econômicos, esta argumentação se fortalece ainda mais, pois o conceito de “controle” é uma lição primária no mundo da economia; em outras palavras, quem controla a cenário econômico, com certeza, aumenta consideravelmente, suas chances de garantir todos os seus interesses. (p.46)

Scheerer (1997) considera que os argumentos utilizados em defesa da proibição ao uso de drogas, historicamente, aparentam representar uma preocupação com as possíveis consequências capazes de lesar a saúde do usuário. Todavia, entende que quem observa este fenômeno nos dias de hoje, percebe que as preocupações não se detêm a uma questão de saúde pública, mas o objetivo consistia na plena busca pelo controle, pelo poder. Nesta direção, Escohotado (2000) elucida esta questão a partir da compreensão de que o modo de lidar com as drogas estabelecido pelo homem vem sendo influenciado por fatores que não se resumem a medicina, mas perpassam os valores morais, religiosos e o controle político.

## 2 Uma breve exposição das Políticas de drogas: o Proibicionismo e a Redução de Danos

A partir da compreensão do uso de drogas como um fenômeno permeado por diversos aspectos como médicos, religiosos, econômicos e políticos; pretende-se então, explicitar as principais tendências que representam o modo de lidar com a temática das drogas. Neste sentido, trataremos sobre as duas principais abordagens que norteiam as políticas destinadas ao consumo destas substâncias psicoativas, dentre elas, a Proibicionista e o modelo de Redução de Danos (RD).

Cavallari & Sodelli (2010) afirmam que o modelo Proibicionista, também conhecido como “Guerra” contra as drogas, é pautado na abstinência total ao uso de drogas, principalmente as ilícitas. Assim, expressam uma postura que não tolera qualquer tipo de consumo de substâncias psicoativas ilegais, promovendo ações encaminhadas a eliminação das drogas ilícitas, defendendo a ilegalidade e repressão ao consumidor deste tipo de drogas. Logo, Sodelli (2006) explicita que a proposta proibicionista possui duas propostas claras de atuação: a primeira envolve a tentativa de acabar com o cultivo, produção e tráfico de drogas no mundo e a segunda seria acabar com o consumo de drogas no mundo. O mesmo autor também explicita que:

Na perspectiva proibicionista, o uso de drogas é compreendido de uma maneira dualista, o Bem e o Mal, o Certo e o Errado. Obviamente, o uso de substâncias psicoativas é entendido como algo que faz mal a saúde e, conseqüentemente, um comportamento desviante, errado, que deve ser evitado a todo custo. Por isso, este modelo prioriza a abstinência total ao uso de drogas, o que hoje está representado aqui no Brasil pelo slogan preventivo conhecido como “Diga não às drogas” (p.60).

O proibicionismo revela-se de modo bastante difundido no Brasil, como explicam Cavallari & Sodelli (2010) ao indicarem que *“essa abordagem ainda impera em nosso meio, é calcada em interesses políticos e econômicos internacionais e tem forte influência norte-americana”* (p. 796). Outra peculiaridade evidenciada trata-se do vocabulário bélico utilizado, como “combate às drogas”, “luta contra as drogas” e “ação antidrogas”, a esse respeito afirmam que *“[...] como qualquer guerra, (o*

*proibicionismo) favorece o incremento da violência em torno da droga e atemorização da população”* (pp. 796-797). Ainda nesta mesma direção, consideram que concebem as substâncias psicoativas como assunto policial, marginalizando o usuário de drogas, gerando um afastamento da sociedade civil em relação ao assunto.

Apesar do domínio da postura pautada no proibicionismo, Tavares-de-Lima (2008) afirma que:

Como contraponto as políticas proibitivas em relação ao uso de drogas, aos modelos moralistas que enfatizam aspectos de doenças e de criminalidade, sobretudo por verem as drogas segundo um enfoque limitado, que as considera, apenas, como substâncias ilícitas, oferece-se o modelo de redução de danos (p.33).

A respeito de sua origem, Cavallari & Sodelli (2010) apontam que a redução de danos teve início em 1926 na Inglaterra a partir do Relatório de Rolleston, que considerava que o melhor tratamento para alguns pacientes usuários de opiáceos ocorreria através da obtenção da droga por meio de prescrição médica, afim de que pudessem levar uma vida mais estável e socialmente útil. Em relação a experiência de adoção do programa Rolleston, afirmam que:

[...] com acompanhamento do serviço de saúde e longe da criminalidade (pois recebiam as drogas puras, sem precisarem recorrer ao tráfico), os usuários puderam ter melhores condições de qualidade de vida, de desenvolvimento individual e social; além de reduzirem danos pessoais, foram também diminuídos os problemas sociais (p.799).

Além de Rolleston, os autores afirmam que a partir do advento da AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, causado pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, o HIV), ocorreu um fortalecimento da política de Redução de Danos na Europa, Austrália e Estados Unidos. A partir de programas que visavam a distribuição de seringas a usuários de drogas injetáveis, a esse respeito ressalta Tavares-de-Lima (2008):

O programa de troca de seringas estabelece um marco, em relação às primeiras ações de redução de danos. Consistia na troca de seringas usadas por seringas novas, entre usuários de drogas injetáveis. Esse programa foi iniciado pelos próprios usuários de drogas injetáveis, na década de 80, na Holanda. Observava-se, à época, o aumento do índice de infecção pela hepatite B, dada à troca de sangue contaminado por compartilhamento de material entre eles (p.33).

Aproximando o programa de troca de seringas a população brasileira, é possível afirmar que a primeira experiência ocorreu na cidade de Santos em 1989, sendo alvo de repressão sob a alegação de estímulo ao uso de drogas, sendo retomado na Bahia em 1995.

Para O'Hare (1994), a política de Redução de Danos é uma política social que possui como objetivo primeiro a diminuição dos efeitos negativos/prejudiciais do uso de drogas. Assim, frente a dificuldade ou falta de desejo do usuário de abandonar o uso de drogas, prioriza-se criar alternativas com a finalidade de minorar o dano causado por este consumo. Sodelli (2006) afirma que apesar de parecer simples, o conceito de RD foi compreendido de diversas maneiras entre seus defensores, implicando em diferentes práticas. Com efeito, divide esta abordagem entre Redução de Danos Tradicional e Redução de Danos Libertadora.

Alencar, Ong, Soares & Vilela (2009) apontam que a Redução de Danos tradicional visaria interferir na diminuição do consumo de substâncias psicoativas, e a partir disso, atingir o objetivo de promover a abstinência ao usuário de drogas. Ainda em relação a esta estratégia Sodelli (2006) que:

Fica evidente que este modo de compreender o modelo de R-D, embora trabalhe de maneira prática com a idéia de reduzir danos, tem como pressuposto fundamental e ideal a interrupção do uso de drogas, ou seja, procurar manter os indivíduos na abstinência (p.99).

Assim, explica que a Redução de Danos Libertadora não tem como objetivo a interrupção do consumo, nem acabar com o uso de drogas, porém preocupa-se com o modo que este consumo é realizado, possuindo assim, a intenção primeira de diminuir possíveis danos à saúde do usuário.

## **PARTE II**

### **Entrevista Reflexiva Coletiva**

## 1 Grupo de estudantes usuários de maconha

Como descrito na introdução<sup>8</sup>, o processo de análise da entrevista com o grupo de estudantes usuários de maconha será apresentado de acordo com as seguintes etapas: descrição dos focos de análise com a primeira compreensão do pesquisador (descrição/interpretação), e por último, elaboração de um texto analítico (desvelamento/ocultação).

### 1.1 Apresentação dos Focos de Análise do Grupo de usuários de maconha

#### FOCO 1: A INTENÇÃO DO ATO E A MUDANÇA DA CULTURA DA INSTITUIÇÃO

*“... eu não sei se (o Ato do Reitor) tem mais um valor político e diplomático do que de fato efetiva.”*

*“Acho que além do mais, esse enfrentamento, esse dito enfrentamento que ele se propôs a fazer, na minha opinião, é muito mais uma promoção da própria reitoria, da própria figura dele do que qualquer outra coisa...”*

*“Eu acho que a questão menor aí é o uso de drogas, o uso de maconha. É muito mais a propaganda, na minha opinião, pelo menos, que ele conseguiu com VEJA (revista) e com milhões de jornais por aí, simplesmente pelo fato de soltar a bomba. “Vamos lembrar para o mundo que se usa maconha... Que se usa drogas de um modo geral dentro da PUC” e com isso ele ganhou um destaque, uma causa, uma luta...”*

*“Tem a crise das faculdades particulares, que ta precisando pegar mais gente pra trazer para a faculdade, mais estudantes e tem essa questão de abrir essa questão cultural para abarcar mais alunos, acho que é essa a finalidade...”*

---

<sup>8</sup> A discussão metodológica foi realizada na introdução deste trabalho

*“Mas tem uma coisa que é assim, não sei nem se era o plano do Reitor mesmo exterminar o uso de drogas aqui na PUC. Acho que a idéia mesmo era revelar para a mídia que a gente pretende também abarcar o outro perfil de estudantes que possam frequentar a PUC também...e acho que isso ele conseguiu....de fato...que é divulgar “Não...a PUC não tem só estudantes que vão para a PUC só para usar droga...” ”.*

*“Acho que foi mais nesse sentido (concordando com a fala a cima), a atuação dele só visou isso, não visou de nenhuma forma combater o uso”*

*“Os caras tão querendo mudar a cultura da PUC também...”*

*“E tão mudando já...”*

*“E tão mudando para fora e...”*

*“Eu vi assim, faz parte do plano de Marketing deles...”*

*“é exatamente...”*

*“eu acho que ela pode ser só maquiada, mudar, mudar, não...”*

*“Não vai mudar....”*

*“Até porque as coisas não vão mudar aqui, é só para quem esta de fora poder ter uma impressão diferente...”*

*“Mais ou menos, porque eu acho que a longo prazo...”*

*“A longo prazo outras pessoas vão entrar aqui, eu penso que a PUC ela é composta pelos que estão a aqui”*

*“A nossa cabeça é essa a partir do momento que outras pessoas, com outra visão vão começar a entrar, a PUC vai mudando a sua cultura...”*

*“Os caras tão intencionados em mudar a cultura, aos pouquinhos eles...”*

O grupo de alunos compreende que o ato do Reitor não teve como principal intenção impossibilitar o uso de maconha dentro do Campus, porém caminhar no sentido de tentar promover a atual gestão da reitoria (principalmente a figura do Reitor). Através do aumento da visibilidade da Universidade na mídia gerada a partir da abordagem desta temática. Ligada aos esforços de promover a figura do Reitor da Universidade, estaria a tentativa de alterar a imagem da PUC na sociedade, divulgando-a como instituição que combate o uso de drogas ilícitas em seu Campus, sendo este um acontecimento relacionado ao fenômeno que o grupo denomina de “crise das faculdades particulares” que implicaria na necessidade da PUC-SP expor para a sociedade que é capaz de acolher um perfil de alunos que não seja usuário de drogas, afim de atrair mais estudantes para ingressar na instituição. Esta medida que visa aumentar o número de alunos da Universidade traz consigo a necessidade de alterar aspectos referentes a Cultura da instituição. Nesta direção, o grupo aponta que a Reitoria pretende mudar a Cultura da Universidade, porém considera que em um primeiro momento esta medida resultaria em uma mudança meramente aparente (com a mudança da imagem da Universidade). No entanto, a longo prazo, com a entrada de um novo perfil de estudantes, seria possível que estes aspectos culturais sejam mudados efetivamente, pois acreditam que a PUC é constituída pelas pessoas que habitam a instituição.

## FOCO 2: CULTURA DO USO DE DROGAS NA UNIVERSIDADE

*“Isso na PUC é quase cômico assim, porque tem esse casamento de uma tradição comunitária e ser propriedade da Igreja... e como essas coisas se dão aqui dentro é completamente diferente de lá fora.”*

*“O fato das drogas e do outro é exatamente pela Igreja, a gente ter a liberdade de fazer o que quiser aqui e ninguém invadir (como por exemplo a polícia) ou pelo menos ter esse acordo é pelo respeito que a Igreja Católica detêm no nosso país”*

*“Na minha cabeça acho que PUC e drogas é quase a mesma palavra.”*

*“é uma coisa que faz parte do cenário, uma coisa naturalizada, você chega aqui e sabe...”*

*“a questão do uso de drogas aqui ela parece que já faz parte do cenário, que é natural, você chega aqui PUC e assimila ...”*

*“Eu lembro da aula do “X” (professor) que ele perguntou ...se a gente fosse fazer um símbolo da organização PUC, as duas coisas que surgiram foram uma folha da maconha e um Bob Marley...”*

*“isso é o que eu fico pensando, porque é meio comum (uso de maconha) a todas as universidades públicas do país que tem um campus com espaço mais aberto...”*

*“Mas na PUC é gritante porque não tem um campus mais aberto..”*

Os alunos ressaltam que a PUC-SP, por ser patrimônio da Igreja Católica (que trata-se de uma instituição muito respeitada no Brasil), se revela como uma instituição onde não ocorre a entrada da polícia. Então, os alunos se sentem mais livres para usarem drogas ilícitas, deste modo, também revelam que ocorre um funcionamento distinto (em relação ao uso de drogas ilícitas) entre o espaço da Universidade (interior do Campus) e fora dela. O grupo também compreende que o uso de drogas ilícitas na PUC-SP é visto como algo comum, natural do ambiente, pertencente a cultura do lugar, porém entendem também que o o uso de drogas ilícitas não se resume a instituição PUC-SP. Pode ser observado em outras universidades públicas que possuem Campus maiores e por isso o fenômeno aparece de modo mais camuflado do que na PUC que não possui um Campus muito extenso.

### FOCO 3: A EFETIVIDADE DA PROIBIÇÃO DO USO DE DROGAS ILÍCITAS NO CAMPUS E SUAS IMPLICAÇÕES

*“efetividade nenhuma (em relação ao Ato do Reitor), só efetividade de propaganda pra ele”*

*“... a gente sempre da um jeito, sempre consegue (fumar maconha), não é nem um pouco difícil, então a proibição deles faz pouco efetiva.”*

*“eu acho que uma coisa é isso, como a gente sente na prática que na verdade não muda nada, porque você muda o lugar que você vai fumar...”*

*“...mascarou a coisa...” (Sobre o uso de maconha no Campus Monte Alegre)*

*“eles não quiseram em momento algum lidar com a questão das drogas, mudou a aparência e foi isso assim”*

*“É de fato, se ele se debruçasse em algum problema de fazer com que a galera consumisse menos droga no campus ele ia ter um resultado mais efetivo.”*

*“mas é que ia dismantelar a PUC inteira se você quisesse trabalhar mesmo a questão do uso de drogas aqui dentro...”*

*“é...mas essa não foi uma posição...” (sobre o posicionamento de impossibilitar o consumo de maconha na Universidade)*

*“A reitoria não quer esse calo no sapato dele...”*

*“Iria dar um trabalho...”*

*“Iria até pegar fogo isso aqui se o cara falasse não entra mais maconha aqui..”*

*“Eu fico me perguntando assim, se de fato em nenhum lugar da PUC pudesse fumar, ai alguma coisa iria acontecer...”*

O Ato de intensificação a proibição do uso de maconha no Campus Monte Alegre revela-se como ineficiente, pois o grupo compreende que é possível consumir esta substância dentro da Universidade com facilidade, sendo alterado apenas o local que é possível fumar. Deste modo, indicam que essa alteração de espaço de consumo de drogas possibilita que o uso de maconha ocorra de um modo mais velado e, conseqüentemente, em uma “aparente” diminuição do uso. Os alunos entrevistados apontam também que a Reitoria não possuiu interesse em diminuir o uso de drogas no Campus, contentando-se apenas com uma mudança aparente. Ainda nesta mesma lógica, mostram que poderiam obter resultados mais efetivos se estivessem comprometidos com a diminuição do consumo, porém ressaltam que uma medida deste tipo trata-se de uma ação mais trabalhosa que encontraria muito mais resistência dos usuários, ocorrendo assim uma mudança mais profunda, porém não entendem que a Reitoria estaria disposta a lidar com esta situação.

#### FOCO 4: A POSTURA DOS SEGURANÇAS EM RELAÇÃO AO USO DE DROGAS NO CAMPUS

*“Ainda mais que a gente conta com a convivência (em relação ao uso de maconha no campus) dos GRABBERS (seguranças) que nunca fica claro se é uma orientação deles a permissividade ou é a “gente finisse” de cada um assim, muitos fazem vista grossa e muitos....sei lá,. você está fumando descaradamente o único baseado do pátio da cruz o cara vai lá e te aborda, mas muitas vezes mesmo quando não podia antes, já não podia antes, e rolava uns 3 antes e o cara passava e fazia vista grossa...não sei...”*

*“eu não acho que é verdadeiro o teor do conflito que se discute enquanto o comportamento é sempre dúbio, que depende (vai) mais da sua relação com aquele Grabber (segurança) que é mais “gente fina” que o outro do que de fato você ter uma posição de fato da faculdade e uma efetivação desta posição..entendeu?”*

*“Eu acho que não é só convivência, porque aí o cara vai ficar arrumando problema o dia inteiro? Vai lá, vai fumando, vai, vai, pode ser...”*

*“convivência... é que ajudar a gente ajuda ele também, não causa problemas” (em relação a postura do segurança de permitir o uso de maconha).*

*“É. Ele não quer saber se no C.A. pode, ele sabe que aqui não pode e é isso que ele vai garantir.”*

*“É que ele não pode deixar acontecer ali na... é que tem uma câmera vigiando pra ver se ele vai fazer isso na verdade ou não...”*

*“Ah então, mas uma coisa que eu presenciei também, tem Grabber que faz questão de chegar na estupidez...”*

*“Tem alguns que são muito educados...”*

*“Tem mais um trato interpessoal aí”*

Os entrevistados indicam que os seguranças contratados pela PUC-SP possuem uma postura permissiva em relação ao uso de maconha no Campus, porém não é claro aos entrevistados se essa atitude trata-se de uma ordem de seus superiores que direciona o tipo de atitude a ser tomada frente a situação de consumo de drogas ilícitas ou advém do trato interpessoal entre cada segurança e usuário de drogas ilícitas. Cabe ressaltar que os entrevistados assinalam que há distinção em relação ao modo que os profissionais da segurança lidam com os usuários, desde uma abordagem mais educada até um comportamento mais ríspido.

A respeito desta postura de convivência ao uso de maconha, o grupo ressaltava que este tipo de comportamento por parte dos seguranças torna o trabalho possível. Isto é, a postura de permitir o uso de drogas ilícitas pode estar relacionado com uma maior facilidade de execução de seu trabalho, pois ao permitir o uso de substâncias psicoativas ilegais. Logo, o profissional não precisa entrar em conflito com as pessoas que fumam maconha no campus, porém deve-se ressaltar que não podem

tomar esse tipo de atitude em determinados locais do campus, porque são vigiados por seus superiores pelas câmeras de segurança do sistema de monitoramento interno da PUC-SP.

#### FOCO 5: O ATO DO REITOR E OS ESPAÇOS DE USO DE DROGAS (MACONHA) NO CAMPUS

*“porque todo lugar era um lugar possível de uso (de maconha), mas agora não é mais.”*

*“(O Ato do Reitor) foi uma medida assim que deu território para droga e pouco, restringiu para caramba e cortou com uma cultura que vem...”* (sobre a restrição dos espaços de consumo de maconha na universidade)

*“ainda não cortou (com a cultura de uso de maconha em qualquer lugar da universidade), mas eu acho que caminha para...”*

*“...na contramão também os maconheiros não param de fumar por causa disso, se de alguma maneira (o uso de maconha) se restringe aqui (dentro da PUC), você dilui ao mesmo tempo...”*

O grupo aponta que o Ato possibilitou uma reorganização espacial do uso de maconha dentro da Universidade, pois antes desta política o uso de drogas ilícitas era possível em diversos locais da PUC-SP, sendo que após sua implementação ocorreu uma restrição dos locais passíveis de consumo de maconha dentro do Campus Monte Alegre. Nesta mesma direção, os alunos entendem que apesar de limitar os espaços em que ocorre o uso de drogas, esta ação não impede que os usuários continuem fumando maconha.

## FOCO 6: A LEI ANTI-FUMO E O USO DE DROGAS (TABACO E MACONHA) NO CAMPUS

*“não acho que afetou, acho que os problemas estavam ai antes e se introduz mais uma variável ali que vai aparecer quando esse assunto for tocado”* (sobre a Lei Anti-Fumo e o uso de maconha no Campus)

*“uma variável que vai dificultar e vai diminuir o consumo também.”* (complementando a fala anterior)

*“é...não diminuiu, mudou de lugar”* (sobre a diminuição do consumo de maconha pós lei anti-fumo)

*“deslocou...”* (sobre a possibilidade da lei anti-fumo alterar o consumo de maconha no Campus)

*“exatamente...quantitativamente não.”* (complementando a fala anterior)

*“Mas espacialmente, total.”* (complementando a fala anterior)

*“Não é uma coisa mais tão aparente...”* (sobre o uso de maconha no Campus)

*“concentrou...”* (sobre o uso de maconha no Campus)

*“...nessa semana eu estava fumando cigarro (tabaco) na “prainha” e o segurança virou pra mim e falou assim, “então entra no C.A. ou vai para a rampa”, só que o C. A. em relação a essa lei do fumo é mais proibido que a prainha.”*

*“É então, é que eu estava pensando agora é que um ambiente seguro independente do GRABBER (segurança) é o Centro Acadêmico, só que são poucos os que permitem até o cigarro, quanto mais a maconha”*

*“que essa lei anti-fumo criou um espaço que é permitido fumar, que é o C.A. ou é fora da PUC, ou na rampa (espaço aberto dentro da PUC)...”*

*“A lei anti-fumo proíbe o C.A. (como lugar passível de fumo), quem criou o C.A. como espaço que se fuma é a PUC” (complementando a fala anterior)*

*“ah, mas no geral eu percebi uma grande diferença, assim, os lugares pra fumar ficaram muito mais concentrados”*

*“Você vê na entrada, sempre tem mais, nas duas entradas (lugares que o fumo é permitido), sempre tem mais um burburinho fumando, e tal, mas de modo geral não acho...”*

A Lei Anti-fumo foi entendida pelos entrevistados como uma variável que foi acrescentada a questão do uso de drogas na PUC-SP, apresentando-se como um aspecto que não diminuiu quantitativamente o consumo de maconha, porém auxiliou na reorganização dos espaços em que o fumo desta substância é possível, pois colaborou para um deslocamento, possibilitando um maior encobrimento deste consumo. Outro aspecto relacionado a Lei Anti-fumo trata-se da intensificação do uso do consumo de drogas fumígenas nos espaços que este uso é possível. Dentre os locais passíveis de fumo de tabaco é citada “a rampa” (local aberto dentro do Campus) e as entradas da Universidade, enquanto alguns Centros Acadêmicos permitem o consumo de tabaco e/ou maconha, sendo que o consumo de drogas fumígenas nos C.A.'s apresenta-se como uma infração da referida lei (principalmente por se tratar de um local fechado e coberto).

#### FOCO 7: O ATO, A LEI ANTI-FUMO E O CENTRO ACADÊMICO COMO ESPAÇO DE USO DE DROGAS

*“...acho que já houve um rearranjo em função dessas medidas e tal (ATO e Lei Anti-Fumo), e as coisas (usos de drogas) acabaram se concentrando no centro acadêmico”*

*“Mas ela intensificou muito o uso de drogas e cigarro dentro do C.A. ”*

*“Acho que isso é uma problemática muito grave, porque você não pode fumar fora do C.A. maconha, nem cigarro, então a pessoa está incomodada com a pessoa que está fumando lá dentro, enquanto a pessoa ta fumando e não tem possibilidade de fumar em um outro lugar, então virou um território fixado para ter um consumo.”*

*“mas você vai lá (no centro acadêmico de psicologia) por volta desse horário e você não encontra um gato pingado da “psico” e o pessoal vai lá só pra fazer isso (fumar maconha), entendeu? E lota aquele lugar e eu me sinto expulso daquele lugar, entendeu?”*

*“acho que o problema disso é a imagem que isso dá pra gente. Entendeu? Ouvir que um funcionário da PUC chega e diz você tem uma seda? A gente dá e o cara fala, não vou entrar aqui só porque o pessoal fala que só por que entrar na psico queima meu filme a nível de PUC? Todo mundo fala que sabe que todo mundo que entra aqui fuma maconha.”*

*“Tipo, ver uma molecada que ta colando (no C.A.) do primeiro, segundo colegial aqui do lado, a molecada ta vindo para fumar e a gente ta deixando, vejo os moleques saindo e bolando um, mano, o bagulho é um pastel, nem sabe bolar e vem aqui fumar... da vontade de chegar e falar, “você tá na faculdade?, sai daqui...”*

*“*

O grupo afirma que em função do Ato de drogas adotado pela Reitoria e a execução da Lei Anti-Fumo na PUC-SP, ocorreu um rearranjo do consumo que concentrou e intensificou o uso de tabaco e maconha no centro acadêmico, fixando este espaço para o fumo destas drogas e trazendo consigo algumas consequências, como o aumento. Em alguns períodos do dia, da frequência de usuários de maconha que não são do curso relacionado ao C.A. em questão, fazendo com que os alunos pertencentes a faculdade que o C.A. é destinado sintam-se excluídos do espaço perante esta situação, a partir desta mesma lógica, o grupo relata que alunos de um colégio próximo tem frequentado o centro acadêmico para fumar maconha. Outra consequência levantada trata-se da imagem dos alunos, que por frequentarem o C.A., acabam sendo considerados usuários de maconha.

## FOCO 8: CENTRO ACADÊMICO: OCUPAÇÃO DO ESPAÇO E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS ESTUDANTES DO MESMO CURSO

*“Só uma coisa, voltando a aquela história de que as pessoas fumam tem uma frequência maior na universidade, pensando no Centro acadêmico, os espaços de convivência são marcados por pessoas que só fazem uso, realmente, se você for pensar. Você vai ter pessoas ficando mais na Universidade do período extra-aulas, pessoas que fazem uso, compartilham o uso e tal... Porque tem uma relação também com os espaços de convivência”*

*“Tem uma questão que acho que dentro do C. A. muitos alunos que não se utilizam de drogas não entram lá porque se sentem incomodados com a fumaça e tal..”*

*“e é antidemocrático isso..”*

*“e não ficam e não frequentam o centro...”*

*“... acho que é um espaço potente para muitas outras coisas que não só uso” (sobre a concentração do uso de drogas no C.A)*

*“ta virando uma discussão agora, mas isso não é uma discussão, isso é quase um acordo de silêncio. Ninguém faz nada, ninguém fala nada e a galera chega lá e acende...”*

*“não tinha discussão...mas desde o primeiro dia que pisei aqui já conhecia a molecada, o pessoalzinho, as meninas, eu chegava ali e queria ir, interagia....”mó cheiro de cigarro, para, nem frequento...”*

*“já teve essa discussão...bastante...” (sobre o uso de drogas já ter sido discutido no C.A.)*

*“mas isso não chega ao conhecimento da maioria, por mais que discussões sobre isso (uso de drogas e ocupação do C.A.) aconteceram até na época do “o que*

*vamos fazer com o C.A.” e antes disso... Mas esse é o ponto, é uma minoria que participa, não da pra dizer que não, é uma minoria. A grande maioria sabe o que vai acontecer, não se interessa, não vai atras... Também não acho que a informação não chega até as pessoas, acho que chega, mas as pessoas não vão, não vão participar disso, porque é isso, é uma coisa que está institucionalizada...”*

*“...não acho que essas pessoas (não fumantes) não frequentem também porque elas são desinteressadas, mas também porque elas são excluídas destes espaços de convivência...”*

*“eu to falando do direito que está no papel, o C. A. é um centro acadêmico para os estudantes... Os estudantes fumam, os estudantes não fumam, então o direito é qualquer pessoa que for estudante pode usufruir...”(sobre o direito de ocupar o C.A.)*

*“Participar da decisão, de qualquer atividade, de passar tempo lá, qualquer coisa...”  
(Sobre o direito de ocupar o C.A.)*

*“Acho que a gente ta pensando muito em termos de direitos, um espaço que é reservado, um direito que diz um poder ou não poder, mas tem uma organização que se faz e uma organização que acontece...não diria que as pessoas são excluídas daquele espaço, mas verifica-se aquele espaço, o C.A., estou falando, verifica-se (sendo) muito mais usado pelas pessoas que usam cigarro, maconha e estão fazendo seu social extra-alua...”*

*“...não acho que os caras mandam embora quem não fuma, mas até que ponto você quer fazer valer um direito porque ele deve ser um direito democrático e até que ponto você deve respeitar a ocupação que se deu no espaço? Porque se foi uma ocupação que se deu no espaço sem conflito... Porque não tem a briga de “tirem a maconha do C.A”, então é uma ocupação legítima aquilo, não é ilegítimo, não é que as pessoas que não usam droga... não existe essa luta, então não existe essa prioridade...”*

*“Mas é muito mais uma exclusão simbólica...não é nem uma exclusão física...”*

O grupo entende que o centro acadêmico é habitado somente por pessoas que usam drogas, deste modo, revela-se como um espaço de convivência de pessoas que consomem estas substâncias e compartilham o uso. A ausência de pessoas não fumantes neste espaço é entendida de modo distinto pelos integrantes do grupo. Assim, alguns entrevistados compreendem que os não usuários deixam de fazer uso do espaço do C.A. porque não manifestam interesse de se envolver em questões políticas, por mais que fiquem cientes dos assuntos abordados em reuniões do centro acadêmico, ou seja, não participam da movimentação política por estarem desinteressados. A outra parte dos alunos entende que os não fumantes acabam por ter que tolerar o fumo no centro acadêmico, porém, sentem-se incomodados pela fumaça resultante do consumo de drogas fumígenas, desta forma, são excluídos do C.A., não frequentando ou participando de atividades neste espaço.

#### FOCO 9: O INCÔMODO E O FUMO DE MACONHA EM ESPAÇOS QUE ESSE USO É POSSÍVEL

*“quem se ofende com isso (uso de drogas na PUC), aguenta”*

*“Sim...”* (sobre a aceitação por parte do não fumante que fica no C.A. da fumaça gerada pelo uso de drogas de outras pessoas presentes no mesmo local)

*“eu nunca tive conflitos, eu nunca fui abordado por uma pessoa que não fumava.”*

*“Então, eu não vejo de maneira direta (o incômodo com uso de drogas), nunca, nunca, e eu fumo aqui desde antes de entrar aqui há alguns anos... Nunca vi uma abordagem do tipo “Você pode fumar ali..não curto” ou então “ Ai, seu maconheiro...”, não, nada, nenhuma abordagem de quem não fuma e se incomoda perante a pessoa que ta fumando, eu vejo, eu penso, não há de ser unânime...”*

*“eu já, bastante...”* (resposta a fala anterior)

*“Não há de ser unânime de uma faculdade tão densa que nem a PUC, fisicamente densa, tem muita gente em vários cursos, em vários períodos, não é possível que*

*todo mundo ache ou aprove...não sei o que, mas eu imagino que os que não gostam esquivam..."*

O grupo não apresenta um único entendimento a respeito do incômodo gerado pelo fumo de maconha aos não fumantes, pois possuem uma compreensão que aponta o não fumante como um indivíduo que muitas vezes tem que se sujeitar ao consumo de drogas fumígenas por ocupar o mesmo espaço, cabendo a ele quando incomodado, o pedido que o fumo seja interrompido (comportamento presenciado por parte dos entrevistados). No entanto, o outro modo de entendimento levantado pelos entrevistados indica que não há um conflito claro entre pessoas que consomem ou não fumam maconha devido ao incômodo ocasionado pelo uso desta substância, pois afirmam que nunca foram mal-tratados ou abordados por não usuários que pedissem para que o consumo fosse interrompido. Portanto, ressaltam que a população que frequenta a PUC-SP trata-se de um público heterogêneo, assim concluem que o uso de maconha não deve possuir uma aceitação unânime na comunidade acadêmica, levantando a hipótese de que os incomodados evitem se deparar com situações de uso.

#### FOCO 10: TRATO ENTRE FUMANTES E NÃO FUMANTES ONDE O USO DE DROGAS FUMÍGENAS É POSSÍVEL

*"eu já vi muita gente fumando aqui no corredor depois que foi proibido e eu hoje sempre comento que eu nunca faria isso porque é exatamente isso que aqui é institucionalizado e eu não estou dizendo de regra, de política institucional, mas é institucionalizado que não se fuma nesse corredor, então não se fuma neste corredor, mas eu não me incomodo minimamente de fumar no C.A. Que é um lugar que é institucionalizado que se fuma, é um lugar para fumantes e não fumantes que quiserem ficar lá, considerando que é um espaço que o fumo é "legalizado"."*

*"Ninguém vai deixar de fumar cigarro dentro do C.A...mas eu acho que é assim, é o espaço, acho que tanto o fumante precisa ter seu espaço quanto o não fumante precisa ter o seu."*

*“O não fumante, ele passa um pouco mais mal, sofre mais, porque o fumante que já chega meio que no direito, tipo eu acendo, foda-se você, se você estiver incomodado, você que fale pra mim “ou, por favor...””*

*“o cara vai te dar um trato e você vai responder este trato, de uma maneira ou de outra, se o cara for chato, se o cara for legal, como o outro é a mesma coisa, é um relacionamento que você vê “pô, o cara tá ai mó de boa estudando, pediu, foi gentil quando ele pediu pra eu fumar em outro lugar, não vejo por que não...”ou então meu” a menina chata, ela sempre faz isso, não gosto dela, ela que se foda, eu vou fumar, mas não é uma posição que se tem a respeito de uma situação geral do direito ou do respeito, é sempre um trato particular, tipo assim, na PUC parece que é essa a dimensão na qual ficam canalizada esse pode, não pode, esses respeitos, não respeitos...tipo entre duas pessoas, não se pensa amplamente”*

*“eu falo também (para fumar perto da janela do C.A), e falei bastante, muito tempo e o que os outros faziam era bem isso, depende de como vou falar, tem neguinho que fala “se você não tivesse sido gentil, eu ia te mandar a merda e ia pra cima de você”.”*

*“Quando as mulheres da “Casa do Psicólogo” (livraria que funcionava dentro do C.A.) estavam lá, quando elas trabalhavam, elas não fumavam nem cigarro, nem nada, elas pediam pra gente não fumar no horário comercial que elas trabalhavam e tipo, cada vez que alguém fumava elas saíam e diziam “por favor, a gente não quer fumar...vocês estão fumando, a fumaça vem pra cá...a gente sofre...”. Então quem queria parava, quem não queria não parava... E geralmente as pessoas ou paravam de fumar, iam para a janela ou iam para outros lugares. É mais ou menos assim que funciona quando alguém se queixa...”*

*“pra mim tem uma coisa que é o bom senso, um pouco, sabe? Acho que a gente não precisa depender de uma regra que aqui pode, que ali não pode, e acho que, por isso acho que é uma questão muito mais cultural da relação entre as pessoas, assim. Você fumar em um lugar fechado, realmente é agressivo, mas ir e chegar na janelinha, na porta, conseguir estar no mesmo espaço, pensando que tem alguém ali...”(sobre o espaço do não fumante)*

*“na verdade quem tem que pensar é o oposto, antes de eu acender o cigarro olhar e pensar assim ,“será que eu vou incomodar alguém?”, então eu só to pra mim, a gente é egoísta na hora do bom, né?”*

*“...realmente houve uma ocupação (do C.A. pelos fumantes) e isso foi legitimado, está legitimado, isso, estamos falando em um ambiente institucionalizado de determinada forma. Eu acho que daí entrou numa relação de força, que uma instância sai vencedora e esta forte e se manteve, então, será que o bom senso penetra nisso aí, acho que essa é uma questão...”*

*“Hoje não existe.”* (Sobre a existência do “bom senso” na relação entre fumantes e não fumantes no C.A.)

*“O bom senso não tem esse espaço para chegar, hoje não tem uma conversa...”*

*“emergiu uma determinada força tal, os fumantes..., mas isso foi instituído e eu acho que o bom senso é barrado.”*

*“Acho que faz...”* (sobre o bom senso se fazer presente ou não entre fumantes e não fumantes no C.A.)

*“você acha que faz? Eu não sei...”* (sobre o bom senso se fazer presente ou não entre fumantes e não fumantes no C.A.)

*“Se existe bom senso ai, se existe bom senso entre eu e o M. é uma coisa, agora no coletivo acho que não, acho que existem ações individuais, acho que existem ações de bom senso, (...) mas eu acho que pensando no coletivo, no ambiente como espaço coletivo, eu acho que não, eu acho que ficam várias individualidades, cada um se relacionando...”*

*“ou seja, não há um coletivo, não há um bom senso que esteja ou não esteja no coletivo”*

*“será que essa consciência coletiva existe? Acho que não existe em nada...”*

*“essa questão (relação entre fumantes e não fumantes) indica para esta questão do respeito ao humano e não a regra.”*

O grupo entende que existem alguns lugares do Campus que acabaram sendo institucionalizados como locais passíveis de consumo de drogas fumígenas, como por exemplo, alguns centros acadêmicos. Nestes ambientes, os fumantes partem do princípio que podem fazer uso destas substâncias, deste modo, recai sobre o não usuário que estiver incomodado com a fumaça, a tarefa de abordar o consumidor de tabaco ou maconha para que pare com o uso. Os alunos também ressaltam que o modo de abordagem utilizado pelo não fumante para solicitar a interrupção do uso é um aspecto relevante, pois o trato interpessoal neste momento é visto como essencial para que o pedido seja acatado. Neste sentido, compreendem que esta institucionalização da ocupação de alguns espaços que permitem o fumo possibilitou que os interesses dos estudantes usuários destes tipos de drogas (passíveis de fumo) fossem fortalecidos. Desta maneira, ressaltam que essa relação entre fumantes e não fumantes não é permeada pelo “bom senso” que é descrito como um modo de lidar com as situações, que não é determinado por regras ou leis e que também contemplam aos interesses de um todo (caráter coletivo) e não somente somente favorável as intenções do sujeito da ação.

Apesar de relatarem a ausência de um comportamento que contemple os interesses coletivos, os entrevistados indicam que o trato entre usuários e não usuários de drogas fumígenas não deve ser manejado a partir de regras, mas deve ser fortalecida a reflexão acerca do respeito entre as pessoas.

#### FOCO 11: O ESPAÇO DE DISCUSSÃO SOBRE USO DE DROGAS APÓS O ATO

*“essa questão (O Ato do Reitor) levantou essa discussão mais um pouco e de alguma forma as drogas são uma coisa que atravessam a humanidade desde sempre e a gente ta querendo sempre abafar esse tema, esse e e outros tantos.”*

*“só fazendo um gancho com o que você falou, acho que independente das formas e dos objetivos com que a reitoria, enfim, se utilizou, eu acho que essa questão do abafamento..., acho que pelo menos ela trouxe...(a temática, a discussão), inclusive a gente está aqui pelo motivo que isso fez surgir, fez emergir.”*

*“Acho que essa discussão está em andamento, ela está ganhando a proporção dela no espaço mais consciente...”*

*“Mais ou menos, eu acho que tem um limite de amplitude claro ao mesmo tempo que todo mundo discute a gente fala quando o Grabber (segurança) vai embora, agente comenta, mas eu não sei o que se faz pelas pelas instâncias institucionais mesmo abrirem isso como um ponto para todo mundo”*

*“então o que a gente fala nas costas do Grabber (segurança) é qualquer coisa que compreenda ele no trabalho dele e rapidamente coloque a gente no que a gente quer fazer de novo...entendeu? Então a problemática ou qualquer conflito que tenha ai acaba assim que o Grabber (segurança) deixa a gente fumar no lugar onde a gente possa fumar...”*

*“eu acho que não mudou mesmo, porque é muito mais o papo de quando o Grabber (segurança) vai embora a gente fala um pouco disso e logo depois muda de assunto e dá risada, entendeu? Do que movimentou uma conscientização...”*

*“teve um movimento eu acho, tiveram várias reuniões e quase todos os centros acadêmicos fizeram um debate, o pessoal do direito fez um debate contra as drogas, a gente da psico fez lá na 333 (sala), teve no “benê” Ali, tiveram várias discussões, mas pra mim assim, todas as discussões caminharam no mesmo sentido...porque que se proíbe e não se trabalha a questão? Todas as discussões que não essa que o Grabber (segurança) sai e você bate papo, mas discussões que foram institucionalizadas para essa questão, é, nenhuma delas assim, todas elas fora exatamente no mesmo caminho, do quanto a proibição não trabalha, fica na pontinha do iceberg tentando fazer com que ele não apareça e lá embaixo está a mesma. Na do direito veio um cara, tava um pessoal, tinha um do DENARC, tinha um presidente da OAB, a discussão foi assim, a conclusão de toda história foi qual o*

*sentido de se proibir? Qual é o efeito de se proibir a questão? Ali no “Benê” a mesma coisa e todos os centros acadêmicos optaram por chamar pessoas para compor as mesas de discussão que fossem na linha anti-proibicionista, tiveram a repressão na PUC....e as discussões foram todas por aí, “qual é o sentido disso?””.*

O grupo possui entendimentos distintos em relação a amplitude da discussão trazida a partir da implementação do Ato da Reitoria, pois por um lado indicam que a política adotada possibilitou que os espaços de discussão fossem ampliados, gerando uma discussão mais consciente (abordando principalmente a reflexão sobre o sentido e os efeitos da adoção de uma política de proibição). Neste sentido, apontam que a partir da implementação de tal política foram organizadas reuniões e alguns debates acerca deste Ato (promovidos principalmente pelos C.A.’s). Porém, também revelam compreensões distintas a essas, que colocam em dúvida a “conscientização” trazida pelas discussões realizadas após o Ato, pois não entendem que ocorreu uma ampliação da reflexão sobre o tema para toda a Universidade a partir das discussões promovidas pelas instancias institucionais, já que consideram que a discussão restringe-se a comentários referentes a atuação dos seguranças.

## FOCO 12: POLÍTICA DE PROIBIÇÃO E REFLEXÃO SOBRE O USO DE DROGAS NA SOCIEDADE

*“o que eu acho é que é uma decisão do Reitor, é um jeito do Reitor de lidar com a questão que não muda nada, ...ele não traz a discussão para um ambiente universitário, ele faz como é lá fora, a sociedade se organiza pelas leis e aqui dentro eu acho que, pra mim pelo menos, uma universidade é o espaço de se questionar como as coisas estão sendo construídas lá fora e aí querer lidar com a questão da maconha na universidade deixando a proibição, a fiscalização mais rigorosa, tudo bem....é um jeito, mas esse “rigorosa” é bem entre aspas, que é o que todo mundo está falando, porque todo mundo dá seu jeito, enfim...e não traz discussão, não traz a problemática para pensar também.”*

*“(A proibição) é mais uma medida socio-educativa usada como punição”*

Os entrevistados entendem que o Ato da Reitoria revela um modo de lidar com o uso de drogas dentro da PUC-SP através da punição, afastando-se de uma ação com caráter educacional, já que não possibilita a reflexão na medida em que deixa de promover a discussão da temática no ambiente universitário. O grupo aponta que o espaço universitário possui a tarefa de promover o questionamento sobre o modo que regras são construídas na sociedade, desta maneira, ressaltam que esta política adotada pelo Reitor trata-se de uma ação baseada unicamente na aplicação da lei referente ao uso de drogas ilícitas, sem promover o questionamento sobre a mesma.

#### FOCO 13: POSSÍVEIS MODOS DE LIDAR COM O USO DE DROGAS NA PUC-SP

*“Eu não vejo uma “saída”, porque eu não vejo um problema...”* (ao ser questionado sobre uma solução/”saída” a respeito do uso de drogas na PUC)

*“Uma questão infra-estrutural é o meu manejo, tem essa questão, vou pegar um caso específico, já que o nosso centro acadêmico tem uma parte ali e tem outro espaço que era ocupado pela livraria, eu faria um espaço ali para as pessoas que quiserem fumar um baseado poderem fumar, o outro espaço fica pro restante da galera, a galera limita um espaço específico, eu acho que assim, um espaço protegido, a pessoa vai ali e vai a hora que quiser, fica a vontade, monta ali de acordo com o tempo que tem que ser montado, construindo esse espaço, acho que é um espaço protegido que sei lá, você está conseguindo é... compartilhar com os outros que não curtem, não querem saber, se incomodam, sei lá, e ta tendo o uso ali, as pessoas não vão ser feridas nesse sentido, o uso delas vai ficar só que eu acho que já que a gente sofreu esse rearranjo, a gente trabalhar em cima disso, to dentro disso que a gente tem, como é que nós vamos fazer, acho que é essa a minha sugestão por exemplo.”* (sobre possíveis manejos a respeito do incômodo gerado pelo uso de maconha por parte de não usuários)

O grupo não entende o uso de drogas ilícitas no Campus como um problema, por isso não aponta uma solução para lidar com esse consumo. Porém, levantam um caminho possível em relação ao uso de maconha e a ocupação o C.A. que é um

espaço habitado por fumantes e não fumantes. Sendo assim, sugerem que uma parte do espaço do Centro Acadêmico fique reservada para que as pessoas possam fazer uso de maconha ou cigarro. Logo, existiria um espaço que seria passível de fumo e outro que este consumo não fosse permitido, evitando que o não fumante fique exposto a fumaça.

#### FOCO 14: USO DE MACONHA DENTRO DA UNIVERSIDADE

*“Eu não acho adequado, entendeu? Pelo fato de que tem gente, muita gente que entra e sai para se drogar, eu penso que um espaço (...) é construído pela forma que você se porta nele, assim é na minha opinião, uma biblioteca, por exemplo, tem pessoas que gostam e tem pessoas que não gostam num clima de biblioteca, mas aquele clima ele é construído para isso entendeu? Eu acredito que os lugares, os ambientes, eles controlam muito a gente e eles devem ser construídos em uma certa direção, eu penso que aqui a PUC por ser do jeito que é, é tudo muito espaçado, ...eu por exemplo, na hora que eu to conseguindo entrar no nível que eu consigo estudar, entrar numa relação de conhecimento, de aprofundamento, já dispersou, já era, já desmanchou. Se aqui fosse um laboratório de química, pesado, com cálculos nervosos eu não ia conseguir estudar aqui nem fodendo...”*

*“porque o espaço que você usa drogas deve ser um espaço que todos que estão ali concordam com o uso de drogas, a partir do momento que a gente está num coletivo e a gente entrou aqui, todos nós aqui, pode concordar ou não, querer outra ideologia, mas todos nós assinamos um contrato de estudo, a nossa função aqui é vim e entrar, estudar, e sair...”*

*“eu discordo”* (resposta a fala acima)

*“eu acho ótimo, não entra polícia, tem um monte de amigos, se você não tem você pede um pega do cara que tem, quando você tem e o outro não tem você fala assim “alguém quer dar um pega? não sei o que...”, é um ambiente socializador”*

*“eu fumo maconha e é um privilégio, porque você fuma maconha e depois tem uma aula bacana, as vezes não, mas as vezes você tem acesso a um conhecimento legal, as vezes ...”*

*“eu acho “do caralho” sair de uma prova “foda” e meu dar dois passos e poder fumar ali, sabe? Poder falar de alguma coisa que acabou de acontecer, sei lá, maconha é legal pro maconheiro, se puder achar um lugar para fumar maconha, o cara nunca vai achar ruim”*

O grupo revela modos distintos de compreensão acerca do uso de drogas ilícitas dentro do espaço universitário, apontando tanto posturas favoráveis como desfavoráveis. Os alunos entrevistados que entendem que o Campus não é um espaço adequado ao uso de maconha argumentam que a atividade primordial do espaço universitário é o estudo, ressaltando que todos os alunos, ao ingressar na Universidade, assinam um contrato de estudo com a PUC-SP. Por se tratar de um espaço coletivo, outras atividades praticadas (que não as acadêmicas) devem ser aceitas por todas as pessoas que fazem uso deste espaço. Outro argumento contrário é o entendimento de que os espaços devem ser constituídos em uma determinada direção, afinada com a função que possuem, pois a configuração dos espaços é formatada pelo modo que pessoas lidam com o lugar. Ao mesmo tempo que esse arranjo dos ambientes influencia o modo de se comportar de seus frequentadores, desta maneira, o consumo drogas não se revelaria como adequado ao ambiente universitário.

As compreensões favoráveis ao uso de maconha no Campus ressaltam a não fiscalização do uso por policiais e aspectos socializadores como a possibilidade de dividir o uso de drogas com outros usuários ou poder contar com a presença de amigos. Em complemento, evidenciam a possibilidade de fazer uso desta substância antes ou depois de atividades acadêmicas.

#### FOCO 15: DESEMPENHO ACADÊMICO E USO DE DROGAS NA UNIVERSIDADE

*“É total isso, ninguém discorda disso”* (sobre o uso de maconha influenciar no desempenho das atividades acadêmicas)

*“Mas acho que não necessariamente negativamente” (sobre os efeitos do uso de maconha no desempenho das atividades acadêmicas)*

*“Ai cada um vai ter que pesar o seu, eu não sei. Pra mim pesa o meu próprio uso” (sobre os efeitos do uso de maconha no desempenho das atividades acadêmicas)*

*“Exatamente, de pessoa para pessoa”*

*“O efeito da maconha em relação ao estudo ajuda porque te dá um critério a mais a discernir qual que é a sua estratégia melhor de estudo...entendeu? Tipo, isso eu não vou conseguir produzir chapado, porque eu sei, eu posso fumar maconha na minha universidade, eu fumo maconha e faço isso, eu sei portanto que eu não tenho um bom desempenho quando eu estou chapado. Igualmente eu sei que eu tenho um bom rendimento na aula de fenô (disciplina), então você introduz um elemento que te dá mais possibilidades de discriminação... então mesmo que você experimente e não goste, fala assim, “não meu acho que maconha não devia estar na faculdade”...porque? Porque a maconha esteve na faculdade e eu me dei mal, mas isso só se deu porque a maconha esteve na faculdade, por isso eu acho interessante a maconha estar lá para todo mundo poder discernir e lidar com isso”*

*“se eu usei demais eu não vou conseguir, se eu não usei “tá de boa” ” (sobre os efeitos do uso de maconha no desempenho das atividades acadêmicas)*

*“Eu acho que a maconha, não sei, pelo menos na minha experiência, em alguns momentos ela foi até facilitadora de uma compreensão mais ampla de algumas coisas, de uma... Um portar-se mais apropriado para uma discussão, mais apropriado no sentido do raciocínio, da compreensão...”*

*“Não sei, acho que eu já me senti com maior facilidade para compreender tal matéria, fenomenologia, por exemplo, e não que assim... Eu lembrava de tudo depois, depois eu conseguia sistematizar aquilo e colocar numa prova e responder o que era perguntado”*

*“Igualmente tem assim também fumar maconha e estudar genética, não é a coisa mais indicada...”*

*“Acho que isso depende de matéria a matéria”*

*“Boa parte das melhores discussões que eu tive na Universidade, não foram em sala de aula, mas que foram fora da sala de aula e que me acrescentaram muito quanto formação de psicologia foram no C.A. fumando maconha”*

*“Eu acho que eu poderia ter essas discussões sem fumar maconha, mas geralmente eu me encontro com muitas pessoas assim pela maconha, porque um vê e já vem, “dá um pega” e começa a rolar”*

*“Por exemplo eu já tive professora que falou para mim é tipo normal ter aluno que puxa um fumo para aguentar o peso de uma aula, em supervisão...”*

*“o cara de medicina que tem uma carga de estudos pesadíssima e não é a toa que a faculdade de medicina, ai sim estatisticamente falando que é uma das carreiras que mais consomem droga da formação, que é muito pesado aquilo, se você não tem esses desvios aqui...poder fumar um, poder se drogar, poder pirar muito numa festa...e a PUC dá isso, a gente tem uma carga animal de coisas para fazer, e você misturar isso com uma maconha, nossa, você não sobrecarrega nenhum dos dois...”*

O discurso do grupo em relação ao uso de maconha e o desempenho acadêmico assinala que este consumo influencia a produção no ambiente universitário e que os efeitos são passíveis de variação em cada pessoa. Tal medida parte de uma noção em que cabe ao próprio usuário entender como é afetado por este consumo, indicando que a experiência de usar drogas antes de estudar, possibilita ao aluno que consome maconha, que discrimine as consequências deste uso no exercício de suas atividades na PUC-SP. Assim, os entrevistados ressaltam que o uso de maconha facilita o entendimento de alguns assuntos do mesmo modo que é capaz de prejudicar na assimilação de outras matérias. Com efeito, afirmam que essa relação entre auxílio e prejuízo pode se repetir dependendo da quantidade

de substância consumida. Então, cabe ao usuário a tarefa de considerar o quanto irá fumar, considerando a atividade que irá desenvolver após o uso.

O grupo relata o uso de maconha como facilitador do encontro e discussão entre pessoas que consomem esta droga, apontando que boa parte das melhores discussões ocorridas na Universidade ocorreram com outros usuários sob efeito de maconha, em situações que não estavam em aula, mas que contribuíram para a formação acadêmica. Além das situações citadas anteriormente, os alunos ressaltam que alguns estudantes usam drogas para suportar aulas que não gostam ou com o intuito de se aliviarem uma sobrecarga de atividades.

## **1.2 Análise do sentido do GRUPO DE ALUNOS USUÁRIOS DE MACONHA nas entrevistas**

O pesquisador agradeceu aos participantes por aceitarem colaborar com o trabalho e fez considerações para situar os alunos, explicando-lhes que a entrevista não possuiria um roteiro de questões preestabelecidas, mas seria lançada uma pergunta inicial que serviria como norte da atividade. Assim que a questão desencadeadora *“Como que vocês compreendem o ato do Reitor de intensificar a proibição ao uso de drogas ilícitas dentro do campus?”* terminou de ser proferida pelo entrevistador, imediatamente, um dos alunos expôs suas impressões referentes ao que tinha sido perguntado, iniciando a discussão que seguiu de modo natural.

O grupo entende que o respeito que a Igreja Católica detém no Brasil impede que a polícia entre na PUC-SP, deste modo, os alunos sentem mais liberdade para consumirem drogas ilícitas, demarcando o consumo de maconha dentro da universidade de modo distinto ao que ocorre em espaços exteriores ao Campus Monte Alegre. Em relação a este uso de substâncias psicoativas ilegais, os entrevistados revelam que este consumo é considerado como algo comum (presenciado cotidianamente), vinculado a **cultura** da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Porém, consideram também que o uso de drogas ilícitas não é um fenômeno isolado, presente apenas nesta instituição de ensino superior, mas pode ser observado também em outras universidades (públicas) que possuem campus mais extensos, resultando em uma menor visibilidade deste consumo.

Neste contexto, o Ato do Reitor é entendido pelos entrevistados como uma ação que deixou em segundo plano a intensão de impossibilitar o consumo de drogas ilícitas no campus, priorizando, através do aumento da visibilidade da universidade na mídia, a promoção da atual gestão da Reitoria (principalmente a figura do Reitor) da PUC-SP.

Vinculada a esta promoção de seus gestores, estaria presente também a tentativa de modificar a imagem da PUC-SP na sociedade, no sentido de demonstrar que a instituição combate o uso de drogas ilícitas em seu campus. Porém, ressaltam que esta medida estaria relacionada a um fenômeno denominado pelo grupo como a “Crise das Universidades Particulares”, que implicaria na necessidade de atrair um maior número de ingressantes em seus cursos. Assim, apresenta-se como intenção do Reitor, a exposição da PUC-SP na sociedade como instituição de ensino capaz de acolher um perfil de alunos que não seja usuário de drogas, implicando em uma tentativa mudança da cultura da universidade. O grupo entende que em um primeiro momento, a tentativa de mudança de aspectos culturais da PUC-SP revelaria-se como uma mudança apenas aparente destes elementos ( inclusive o uso de drogas). Todavia, apontam que a partir da entrada de um novo perfil de estudantes, seria possível que aspectos referente aos valores e cultura da instituição fossem efetivamente alterados, já que compreendem que a cultura é formatada pelo modo que as pessoas habitam a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O Ato em relação a intensificação da proibição do uso de maconha no Campus Monte Alegre é compreendido pelos alunos como **ineficaz**, já que é possível fazer o uso desta substância nos espaços do campus com facilidade. A respeito das implicações desta política no uso de drogas ilícitas, os entrevistados consideram que ocorreu uma alteração referente aos espaços em que este consumo é possível. Sendo assim, afirmam que antes do Ato o consumo de maconha era ocorria em diversos locais do Campus, vez que após sua implementação ocorreu uma restrição dos locais passíveis do consumo desta droga. Portanto, a reorganização espacial do fumo de maconha possibilitou um velamento deste fenômeno, implicando em uma aparente diminuição do consumo, os estudantes entrevistados consideram que esta ação não impede, nem resultar em uma diminuição quantitativa do uso de drogas ilícitas.

Ante as compreensões referentes a intenção da Reitoria ao adotar o Ato a respeito do uso de drogas ilícitas e as consequências da implementação dessa

política. O grupo afirma que a gestão da PUC-SP poderia obter resultados mais efetivos em relação ao impedimento do uso de maconha no Campus se **realmente estivesse implicada** em combater este consumo. Ao contrário, os alunos entendem que a Reitoria contenta-se com a menor visibilidade do uso destas substâncias psicoativas no campus, pois a diminuição efetiva do consumo trataria de uma ação muito mais trabalhosa que encontraria resistência dos usuários. Em síntese, afirmam que a Reitoria não estaria disposta a lidar com esta situação.

Em relação ao modo que a política de drogas da PUC-SP foi implementada, o grupo ressalta a postura dos seguranças contratados pela universidade que são responsáveis pela fiscalização do uso de drogas ilícitas no campus. Assim, afirmam que estes profissionais possuem uma atuação permissiva em relação ao consumo de maconha no campus. Não é claro aos entrevistados se esta postura advém do cumprimento de uma ordem de seus superiores ou trata-se do manejo interpessoal que cada segurança estabelece ao lidar com um fumante de maconha na universidade. Nesta mesma direção, os alunos revelam que há distinção entre o modo que os seguranças lidam com os usuários, desde uma abordagem mais educada até um comportamento mais ríspido. O grupo considera, também, que a conivência dos seguranças em relação ao uso de drogas ilícitas na PUC-SP pode estar relacionado com uma maior facilidade de execução das tarefas destinadas a esses funcionários. Já que ao permitir o consumo destas drogas, o profissional não precisa se entrar em conflito com alunos que consomem maconha dentro do campus. Entretanto, deve-se ressaltar que esta atitude não pode ser tomada em todos os locais do campus, por que são vigiados por seus superiores através do sistema de câmeras responsáveis pelo monitoramento do Campus Monte Alegre.

A Lei Anti-Fumo é entendida pelo grupo como um aspecto que foi acrescentado a questão do uso de drogas na PUC-SP, deste modo, apresenta-se como uma variável que não implicou na diminuição do uso de drogas ilícitas. Isso colaborou com a reorganização espacial deste consumo através da restrição e deslocamento dos locais passíveis de consumo de maconha. Desta maneira, contribuiu também com diminuição da visibilidade deste uso. Os entrevistados apontam também que a restrição dos locais de uso propiciada pela Lei Anti-Fumo implicou em uma intensificação do uso de drogas fumígenas nos locais passíveis deste consumo (inclusive maconha). Em relação aos espaços que o fumo (de

tabaco) é permitido, os alunos entrevistados citam alguns espaços abertos situados no interior do Campus ( como “a rampa”). Além das entradas do Campus Monte Alegre, o consumo de substâncias fumígenas (tabaco e maconha) também é permitido dentro de alguns centros acadêmicos, que tratam-se de espaços cobertos e fechados, ocorrendo assim, a infração da referida lei.

O grupo afirma que a partir da implementação do Ato da Reitoria e da execução da Lei Anti-Fumo (que implicaram em um deslocamento e restrição dos espaços de uso de drogas ilícitas, além de intensificação desse consumo nestas áreas), o centro acadêmico acabou por ser fixado como um espaço de uso de drogas (maconha e tabaco). Esta demarcação do espaço do C.A., trouxe consigo algumas consequências como o aumento, em determinados períodos do dia, da frequência de alunos de outros cursos, posto que não são todos os centros acadêmicos que permitem este consumo. Logo, os estudantes pertencentes ao curso que o C.A. é destinado se sentem excluídos deste espaço nestas circunstâncias. Além disso, outras consequências foram reveladas. Como a presença de alguns alunos do colégio vizinho a PUC-SP que frequentam o C.A. com a finalidade de consumirem maconha, e a imagem dos alunos fazem uso do espaço do centro acadêmico e acabam sendo considerados usuários de maconha. Ainda sobre o C.A., os alunos entendem que a ocupação de seu espaço é realizada somente por pessoas que usam drogas. Neste sentido, se mostrou, assim, como um espaço de convivência e compartilhamento de uso, porém não apresentam um posicionamento homogêneo em relação a ausência de não fumantes neste local. Deste modo, uma parte do grupo afirma que os não usuários deixam de frequentar o C.A. por não possuírem interesse em se envolver com questões políticas, e por mais que sejam informados das questões debatidas neste espaço, deixam de participar da mobilização política promovida. A outra parte do grupo aponta que os não fumantes acabam por ter que tolerar o uso de drogas fumígenas para habitarem o C.A. Desta forma, muitos se sentem incomodados pela fumaça gerada pelo consumo de tabaco ou maconha, sendo excluídos deste espaço, deste modo, deixam de frequentar o C.A. ou participar de suas atividades.

O grupo entende que alguns lugares do campus foram institucionalizados como localidades passíveis do consumo de drogas fumígenas, como alguns centros acadêmicos. Nestes lugares, os fumantes partem do pressuposto de que podem consumir drogas fumígenas, desta maneira, a tarefa de abordar o fumante para

pedir que este consumo seja interrompido recai sobre o não usuário incomodado com o uso. A respeito desta abordagem, os entrevistados entendem que o modo que o não usuário lida com o fumante revela-se como um aspecto relevante para que o pedido seja acatado. Desta maneira, os alunos compreendem que a apartir desta institucionalização do fumo nesses lugares, os interesses dos usuários de tabaco ou maconha acabaram sendo fortalecidos, assim, apontam que esta relação entre fumantes e não fumantes não é permeada pelo “bom senso”, que é descrito pelo grupo como um modo de lidar com as situações que não é determinado por leis ou regras e que contemplam o interesse de um todo, que contemple a um coletivo e que não seja somente favorável àqueles que executam a ação. Apesar de considerarem que este manejo que contempla os interesses coletivos é inexistente, o grupo entende que a relação entre usuários e não usuários de drogas fumígenas não deve ser regulada por meio de regras, mas necessita ser fortalecida a partir do respeito entre as pessoas.

Apesar de apresentarem uma compreensão hegemônica a respeito do modo que ocorre o trato entre usuários e não usuários de drogas fumígenas que habitam o mesmo espaço, o grupo apresenta discordâncias em relação ao incômodo sofrido pelo não fumante em relação ao uso de maconha realizado por outras pessoas que ocupam o mesmo espaço. Uma parte do grupo não entende que ocorra um conflito claro entre consumidores de maconha e não fumantes desta substância devido ao incômodo gerado a partir de seu uso, pois afirmam que nunca foram abordados ou mal-tratados por não usuários que pedissem a interrupção deste uso. Ainda, entendem que a comunidade que frequenta a universidade trata-se de um público heterogêneo, indicando que a aceitação do uso de maconha não deve ser unânime, assim, apontam que os incomodados evitem se deparar com situações em que ocorre o uso. A outra parte do grupo afirma ter presenciado o pedido de interrupção do consumo de maconha por parte de um não usuário a um fumante desta substância. Neste sentido, fortalecem a compreensão de que existe um conflito gerado a partir do incômodo do uso de maconha entre pessoas que ocupam o mesmo espaço, ressaltando que o não fumante acaba tendo que tem que se sujeitar ao consumo de maconha para ocupar o mesmo espaço ou abordar o usuário para solicitar a interrupção do consumo.

Os participantes da entrevista entendem que o modelo proibitivo adotado em relação ao uso de drogas ilícitas na PUC-SP apresenta-se como uma ação com

caráter punitivo, afastando-se de uma medida educativa, pois não possibilita a reflexão sobre o uso de drogas nem promove a discussão da temática no ambiente universitário. Neste mesmo horizonte, o grupo entende que a universidade possui a função de promover o questionamento sobre o modo que as regras são contruídas na sociedade. No entanto, compreendem que o Ato da Reitoria revela-se como uma aplicação da lei, sem a promoção de um olhar crítico a respeito desta legislação. A respeito da discussão gerada após a implementação da política de drogas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o grupo aponta duas leituras distintas. A primeira considera que após a implementação do Ato, foram criados espaços de discussão a partir da organização de reuniões e alguns debates (promovidos principalmente pelos centros acadêmicos), que possibilitaram uma ampliação da reflexão sobre o tema (promovendo, principalmente, o pensar sobre os efeitos e o sentido de adotar uma política de proibição) e gerando uma discussão mais consciente. De outro lado, a outra compreensão referente a este aspecto apresenta um posicionamento distinto, pois os alunos colocam em dúvida a “conscientização” gerada a partir das discussões ocorridas após a implementação da referida política de drogas, pois não concordam que ocorreu uma ampliação dos espaços de reflexão sobre a temática em questão. De posse desta premissa, as instâncias institucionais não criaram espaços de debate que abarcassem toda a comunidade acadêmica, desta maneira, consideram que a discussão gerada restringe-se a comentários referentes a atuação dos seguranças.

Os entrevistados apresentam entendimentos distintos em relação ao consumo de maconha dentro do campus da universidade, deste modo, revelam posicionamentos favoráveis e contrários a esta ação. A partir de uma compreensão contrária ao uso de drogas ilícitas na universidade, compreendem que o consumo de maconha não seria adequado a este local, pois a atividade primordial do espaço universitário seria o estudo. Desta maneira, consideram também que ao ingressarem na universidade, os alunos que habitam a PUC-SP assinaram um contrato de estudo com esta instituição, neste sentido, afirmam que outras atividades praticadas no campus (exceto as acadêmicas) devem ser aceitas por todas as pessoas que compartilham este espaço. Outro argumento contrário, parte da concepção de que todos os ambientes são consituídos em uma certa direção afinada a uma finalidade específica. Assim, os espaços são configurados a partir da ocupação de seus

frequentadores, na mesma medida em que esta configuração espacial influencia o modo de se comportar das pessoas que habitam este local.

Os alunos entendem que o consumo de drogas não se revelaria como adequado a universidade por não estar alinhado a função primordial deste espaço que é o estudo. Em contrapartida, os entrevistados que consideram este consumo adequado ao ambiente universitário afirmam que o uso de maconha possibilita um espaço de convivência e compartilhamento da droga entre o usuários, além de estarem juntos aos amigos e não ocorrer a fiscalização do uso de drogas ilícitas pela polícia. Outra consideração trata-se da possibilidade de consumirem drogas antes ou depois das atividades acadêmicas. Em relação as influências deste consumo no desempenho acadêmico, o grupo afirma que o uso desta substância psicoativa influencia a produção demandada no ambiente universitário e que os efeitos são passíveis de variação em cada indivíduo, assim, afirmam que é função de cada usuários entender como é afetado por este uso, logo, ressaltam que a experiência de utilizar drogas antes de estudar, possibilita ao aluno que consome maconha que discrimine as consequências desta ação no exercício de suas tarefas na PUC-SP.

Sobre os efeitos do uso de maconha, os entrevistados apontam que o consumo desta substância facilita o entendimento de algumas matérias do mesmo modo que é capaz de prejudicar que alguns conteúdos seja aprendidos. Afirmam, ainda, que essa relação entre auxílio e prejuízo pode depender da quantidade de droga consumida, sendo necessário que o usuário considere a atividade que irá desempenhar após o este consumo. Além disso, o grupo relata o uso de maconha como facilitador do encontro e discussão entre usuários, ressaltando que boa parte das discussões que participaram na Universidade ocorreram com outros usuários no momento em que compartilhavam uso. Outra finalidade levantada pelo discurso do grupo é o uso de drogas psicoativas para suportar uma aula que não gostam ou aliviar a sobrecarga das atividades acadêmicas.

## 2 GRUPO DE ESTUDANTES NÃO USUÁRIOS DE MACONHA

O processo de análise da entrevista com o grupo de estudantes não usuários de maconha será apresentado seguindo a mesma ordem realizada com o grupo anterior: descrição dos focos de análise com a primeira compreensão do pesquisador (descrição/interpretação), e por último, elaboração de um texto analítico (desvelamento/ocultação).

### 2.1 Apresentação dos Focos de Análise do Grupo de não usuários de maconha

#### FOCO 1: A INTENÇÃO DO ATO

*“de fazer uma boa propaganda...”* (sobre outras intenções do Ato do Reitor que não sejam a intensificação a proibição do consumo de maconha no Campus)

*“Na verdade parece que essa era a solução pra eles, pelo que a gente acha eles conseguiram o que eles queriam que era falar pra sociedade que a PUC esta mudando, mas ao mesmo tempo não mudar porque...”*

*“...mudar é difícil.”* (complemento da fala anterior)

*“Eu não acho que seja totalmente esvaziado...”* *Vamos fazer isso então e que se ferre, os alunos vão continuar consumindo“, mas eu acho que o fato de não ter sido pensado em uma coisa que pudesse atingir os alunos de uma forma que eles sabem que os alunos não vão ficar cumprindo ordem que vem de cima sem criticar, só o fato de ter sido feito desse jeito me leva a questionar qual o valor enquanto medida pra diminuir realmente o consumo...”* (Sobre o Ato possuir a intenção de alterar somente a imagem da Universidade)

*“De repente o que eles queriam era mostrar para o lado de fora que estava pondo ordem, mas pra dentro também não interessava ter uma confusão muito grande com*

*essas pessoas mais envolvidas com a política e então esse acordo agrada ambas as partes. Como só quem vem pra cá vai ter acesso a verdade, né?”*

O grupo compreende que a intenção da Reitoria da PUC-SP ao adotar a atual política de drogas envolveu uma tentativa de promover uma mudança da imagem da Universidade na sociedade, a fim de que fosse vista como uma instituição organizada que não permite o uso de drogas ilícitas em seu Campus; deixando em segundo plano a preocupação com uma diminuição do consumo efetivo destas substâncias no espaço acadêmico por ser necessário um esforço muito maior para que isso ocorra, promovendo uma alteração aparente.

## FOCO 2: O ATO E A IMAGEM DA UNIVERSIDADE

*“até para as pessoas que não vem pra PUC, o que sai no jornal, o que sai nas revistas, vira e mexe tinha uma notícia, agora não tanto, agora o foco está mais “A PUC reprime a droga no Campus”, mas antes era “fumacê na PUC”, tinham umas chamadas assim, sabe?”*

*“eu fico pensando uma coisa sobre o ato porque eu acho que não foi uma política que veio isolada, acho que essa reitoria vem tentando implantar outras políticas que fazem parte de um pacote só, e eu fico me perguntando até que ponto esse ato foi pra realmente chegar ao resultado de diminuir o consumo ou de mostrar que a PUC está se organizando, que a PUC não é “uma baderna”, que a PUC tem um sistema de computador que reuni as notas, sabe? Até que ponto isso não foi para demonstrar socialmente o valor da PUC enquanto universidade de ensino que bota ordem, sabe? “*

*“Isso eu acho essencial, porque acaba sendo uma política de fachada mesmo”  
(complementando a fala anterior)*

*“acho que até mostrar para os próprios alunos que a PUC está mudando, sabe, com tudo isso que está acontecendo...”*

*“acho que para os pais também... Assim, a faculdade é particular, a grande maioria é paga pelos pais...”*

*“Tem uma redução em alguns cursos de ingressantes...”* (sobre a intenção do Ato de alterar a imagem da Universidade)

O Ato do Reitor possibilitou que veículos da mídia apontassem uma nova postura da PUC-SP de impedimento ao uso de drogas em seu Campus, esta ação apresenta-se como uma inserida em um conjunto de outras atitudes que tem sido tomadas no sentido de promover uma mudança da imagem da PUC-SP na sociedade. Desta forma, uma instituição mais organizada, visando atingir tanto os alunos e outras pessoas que queiram ingressar na Universidade, quanto seus pais que muitas vezes são os responsáveis pelo pagamento das mensalidades. Este caráter propagandista do Ato fortalece uma compreensão de que a questão do uso de drogas na Universidade apresenta-se como secundário, indicando uma “política de fachada”.

### FOCO 3: USO DE MACONHA NO CAMPUS E IMPLEMENTAÇÃO DO ATO

*“e não resolveu, né?”* (sobre a proibição do uso de maconha no Campus)

*“É de fachada, continua usando aqui dentro...”* (sobre a proibição do uso de maconha no Campus proposta pelo Ato do Reitor)

*“Eles se propõe a aplicar a lei de proibição, mas proíbem “naqueles””*.

*“Acho que não mudou.”* (sobre o uso de maconha no Campus após o Ato do Reitor)

*“eu também não acho que tenha diminuído não”*

*“Acho que esta localizado...”*

*“Centralizou...”*

*“era constante, na frente... mais fora do C.A” (sobre o uso de maconha antes do Ato do Reitor)*

*“em todos os lugares, no pátio da Cruz, de vez em quando até nas salas de aula (quando estava vazia)”(sobre o uso de maconha antes do Ato do Reitor)*

*“se escuta de um acordo de cavalheiros que se fizeram entre os guardas (seguranças) e os alunos de poder fumar só dentro dos C.A`s”*

*“No final a medida tirou a maconha de todo o campus, mas manteve ( no C.A.) com toda essa negociação entre os usuários e os seguranças acabou... A medida e a maneira como os seguranças lidam com os usuários acabou delimitando um espaço”*

*“e também não querem aumentar o problema pra eles, pois se tivesse que proibir mesmo e pegar o nome de todo mundo e assinar ia dar muito mais trabalho.”*

*“e até mesmo o cuidado disso, porque uma coisa é pegar o nome e ir atrás, uma coisa mais de fiscalização. Ok...possível de se fazer, não é... Mas o que você vai fazer com isso?”*

Os alunos entrevistados que não fazem uso de drogas ilícitas apontam que o Ato do Reitor sobre o uso de drogas na Universidade não alterou quantitativamente o consumo de maconha no Campus, porém gerou o deslocamento (e concentração) do uso que antes ocorria em diversos lugares da Universidade para locais específicos onde o uso desta substância é possível. Por exemplo, os Centros Acadêmicos (C.A.`s). Essa mudança de locais de uso propiciou uma “aparente” diminuição do consumo de drogas ilícitas, que agora ocorre de modo mais velado, com a conivência dos seguranças responsáveis pela fiscalização, diminuindo assim transtornos que seriam gerados a partir de uma proibição efetiva do uso desta droga, como a identificação de alunos usuários e possíveis medidas posteriores.

#### FOCO 4: POSICIONAMENTO DA REITORIA EM RELAÇÃO AO USO DE MACONHA NO CAMPUS

*“Talvez a informação de que agora a reitoria não está pra brincadeira...”* (sobre a inserção de novos aspectos gerados depois do Ato do Reitor em relação a intensificação do uso de maconha no Campus)

*“é, mas entre aspas...”* (referente a fala anterior)

*“é, por uma semana...”* (complementando a fala anterior)

*“Se é que houve um interesse da universidade combater de fato...talvez a manutenção do consumo tenha algum interesse na política da universidade, como foi discutido de não prejudicar nenhum aluno, de manter internamente uma aparência de uma política ditatorial e acaba sendo de fachada tanto pra dentro quanto pra fora.”*

Apesar do Ato propor uma clara intensificação a proibição do uso de drogas no Campus, o grupo compreende, a partir de sua implementação, que a Reitoria não assume um posicionamento de impedir o consumo de maconha. A manutenção do uso desta droga de modo velado não prejudica os alunos que são usuários e ao mesmo tempo possibilita que seja garantida a imagem da PUC-SP como instituição que não permite o uso de drogas ilícitas.

#### FOCO 5: O ATO E A LEI ANTI-FUMO NO CAMPUS

*“acho que deu mais força...”* (sobre a influencia da Lei Anti-Fumo sobre o Ato do Reitor de intensificar a proibição do uso de maconha no Campus)

*“acho que a lei veio bem a calhar, sabe...reforçou o pacote”*

*“criou um espaço...”* (sobre o efeito do fortalecimento do Ato do Reitor gerado pela Lei Anti-fumo)

*“mas acho que não alterou quantitativamente...” (o consumo de maconha no Campus)”*

*“tem os lugares especiais para fumar, tanto cigarro quanto maconha...”*

*“Você vê de longe, você passa assim e você vê que tá branco...” (sobre a fumaça gerada pelo fumo dentro do C.A.)*

*“acho que na verdade só mudou o foco, “não pode fumar maconha aqui...”, agora não é não pode fumar maconha aqui, tem uma questão que é menor... Agora não pode fumar cigarro, você está dentro por causa dessa segunda lei, e não da primeira.”*

*“fica na sua porque tem outra lei antes” ...não sei, eu vejo a postura da PUC meio assim, é por isso que foi fortalecida, não é a lei que não pode fumar maconha...não pode fumar cigarro, é como se fosse seu segundo erro.”*

*“eu lembro que no começo o segurança acompanhava a pessoa até final da rampa, até a rua para ela fumar, e agora, por exemplo naquela rampa pode... Tanto é que eu até fiquei confusa no começo. “pô, pode dentro? Pode só na rua?”, porque uma hora eu via o segurança indo com a pessoa até lá fora para se certificar na rua e depois também na rampa, nem eu entendia a lei direito...” (sobre a execução da Lei Anti-fumo)*

*“Acho que a PUC criou uma lei própria porque não pode fumar se tem paredes envolta...” (sobre a execução da Lei Anti-fumo)*

A lei Anti-Fumo é executada na Universidade de um modo que não se faz claro para os alunos onde é permitido fumar na Universidade, além disso, não ocorre o cumprimento da Lei de modo integral, pois é possível fumar dentro de alguns lugares fechados como os C.A's, por exemplo. Outro aspecto ressaltado foi a Lei Anti-Fumo ter fortalecido o Ato do Reitor a respeito do uso de drogas ilícitas, pois a Lei restringe o fumo a locais abertos (ao ar livre), conseqüentemente diminui a quantidade de lugares passíveis de uso de maconha, porém mesmo com essa

influência da Lei Anti-Fumo, os alunos afirmam que o uso não foi alterado quantitativamente, mas possibilitou a criação de locais onde o uso de maconha é possível.

## FOCO 6: O ATO, A CULTURA DA PUC E O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA SOCIEDADE

*“historicamente a PUC sempre se propôs a discutir, a “problematizar” certas questões e valores na sociedade, acho que a gente tem em vários, se não em todos os cursos da universidade. E a partir do momento que você tenta uma política de proibição e impede qualquer tipo de abertura para discussão, acho perde até o caráter que a PUC vem construindo há muito tempo, os valores que a PUC sempre defendeu desde a época da ditadura que foi o exemplo clássico. (...), mas existem problemas com a lei fora, existe o tráfico, existe uma série de problemas, a PUC antes de tomar essa medida preventiva tinha que propôr discussões, de mostrar pra sociedade muito mais do que ela está proibindo, que ela tem idéias a dar, idéias a discutir, a favorecer a discussão da própria sociedade. É uma universidade afinal, se propor a isso.”*

*“talvez essa reação crítica que teve em cima dessa postura foi por ser universidade e lidar com essas questões, mas ao mesmo tempo deixa-se de discutir uma questão maior, as vezes eu vejo por ai que as pessoas ficam vendo a droga na PUC como aqui só no nosso pedacinho.”*

Ao pensar o Ato da Reitoria como uma postura que se propõe a intensificar a proibição, impedindo o espaço de discussão, o grupo compreende que tal política rompe com um caráter histórico da PUC-SP, ligado diretamente a importância da Universidade na sociedade, como instituição capaz de promover a reflexão sobre questões sociais, como por exemplo o uso de drogas e suas implicações. Neste sentido, o Ato é entendido como uma proposta de resolução da questão do uso de drogas ilícitas que se restringe ao Campus, sem discutir suas implicações de modo mais amplo, comprometido com as questões sociais.

## FOCO 7: CULTURA PUC E LEGALIDADE

*“talvez toda essa crítica só tenha surgido porque historicamente a PUC se formou como um lugar onde era legalizado, (...) todo lugar é proibido, mas aqui criou-se um espaço que pode, então, como uma lei particular”*

*“na verdade eu fico pensando... foi uma coisa imposta? Sim (o ato da reitoria), mas é uma lei maior, então vai fazer como? É uma lei que existe, né? “*

*“A lei existe, mas existem as exceções...”* (sobre o modo que a Lei é aplicada dentro do Campus)

Os alunos entendem que a proibição ao uso de drogas trata-se de uma questão legal e que o Ato do Reitor da PUC-SP segue a mesma direção da Lei, porém entendem que foi uma política muito criticada devido a cultura que foi se fortalecendo historicamente na Universidade de que o uso de drogas ilícitas é permitido.

## FOCO 8: CARÁTER PUNITIVO DO ATO

*“Na verdade o que eu sei é pelos depoimentos, o que me contam, que são seguranças abordando as pessoas, dizendo as vezes que não pode, pegando o nome dos alunos, anotando número de matrícula, coisa desse tipo...”*

*“uma proposta proibicionista em que de repente se colocou seguranças pra vigiar e o próprio fato de pegar o nome dos alunos já é uma certa ameaça de depois ter uma certa punição”* (sobre o Ato e seu modo de implementação)

*“eu vi que também tem um tipo de atendimento do PAC a alunos usuários de drogas e eu acredito que seja para esses alunos que foram pegos dentro do campus, então até que ponto isso vira uma medida de atendimento ou não mais uma ameaça de punição...se o cara usar ele vai lá ter que fazer um tratamento no PAC, até onde isso não vira obrigatório também, não sei de que forma poderia ser feito, mas acho que é uma medida muito repreensiva”*

O grupo entende que a fiscalização do uso de drogas ilícitas no Campus é realizada pelos seguranças (empresa contratada pela PUC-SP) através da abordagem do usuário, impedimento do uso e identificação do mesmo. A ação de identificar as pessoas que fazem uso de drogas ilícitas dentro do Campus revela-se ao grupo como uma tentativa de lidar com a questão por meio da ameaça de punição.

#### FOCO 9: ATO DA REITORIA: PROIBIÇÃO E DISCUSSÃO SOBRE O USO DE DROGAS

*“Eu acho que a universidade podia promover uma discussão sobre isso (uso de drogas) , mas não sei se teria muita aderência dos alunos.”*

*“Não sei, mas acho que a tentativa já é válida...” (sobre a “Universidade”/Reitoria promover uma discussão sobre uso de drogas)*

*“acho que (a conversa) já seria um pouco tendenciosa...”*

*“Mas acho que o que é muito criticado é que não houve essa conversa”*

*“Não houve, foi uma medida de proibição, cobrança e busca de quem é usuário e acho que essa medida é difícil, fazer uma política de proibição de alguma coisa e não encontrar resistências, então você abre o espaço para a discussão, para trazerem idéias, por mais difícil que seja e realmente é, conversar sobre isso eu já acho muito mais válido, porque é uma medida enfim, extremamente indelicada do ponto de vista comunitário, eu acho...”*

*“Talvez tivesse um espaço maior para discussão se tivesse acontecido de outra forma...”*

*“Talvez fosse mais eficaz se fosse uma coisa mais reflexiva, pra discutir, afinal qual o sentido de usar drogas aqui dentro....porque acho que as drogas estão aí e existem milhões de questões proibitivas e ela continua, as pessoas continuam*

*usando independente do lugar, eu acho que a questão por ser uma universidade e lidar com o conhecimento, a formação de pessoas e tudo mais, mas pudesse ter sido uma...se for pra fazer uma crítica acho que seria mais por ai...Mas que eu acho que também era necessário, continuar do jeito que estava também não cabia”*

*“De ser liberado...” (complementando a fala anterior ao ser questionado como era o “jeito que estava”)*

*“eu também acho que aqui (Universidade) é um espaço de promover discussão”*

*“mas não de proibição (...) sem discussão”*

*“acho que foi mais essa discussão entre os alunos, em alguns eventos da universidade, semana acadêmica, semana de integração, eu não sei muito...” (sobre o espaço de discussão promovido após a implementação do Ato do Reitor)*

*“eu acho que a gente acaba acostumado, convivendo com isso...” (sobre o espaço de discussão promovido após a implementação do Ato do Reitor)*

*“Mas já era uma discussão meio... Não era nem uma discussão... Era uma coisa diária...”*

*“Acho que já era uma coisa que gente já estava meio habituado assim pra gerar uma discussão... Acho que mesmo para quem usava...”*

*“Não foi uma discussão nova...” (referente a fala anterior)*

*“acho que vem mais de fora pra dentro, minha família veio muito assim perguntar...”hossa, proibiram...? Mas como podia? Como assim?” (sobre o espaço de discussão promovido após a implementação do Ato do Reitor)*

*“Mas acho que não pode, no país não pode, nenhum lugar pode, porque aqui poderia? Fora que acho que esvazia algumas críticas políticas, porque ai fica um*

*monte de gente brigando pela droga que acho que é uma luta meio vazia, porque é uma questão muito maior do que poder fumar aqui no campus ou não.”*

O grupo entende que a política adotada pela Reitoria trata-se de uma medida proibitiva que não possibilitou um espaço de discussão sobre a temática do uso de drogas na PUC-SP, sendo este um motivo de críticas. Porém, não desqualificam totalmente tal ação, pois consideram que a liberação do consumo de maconha presenciada anteriormente deveria ser alterada. Apontam que este tipo de política (que adota a proibição) é passível de encontrar resistências, assim, levantam a possibilidade da adoção de uma política que promova a discussão deste assunto, indicando que esse outro tipo de posicionamento revela-se também como uma ação de difícil implementação, já que talvez não existisse grande aderência dos alunos ou que a postura da Reitoria fosse considerada de antemão como “tendenciosa”. Acreditam que poderia ser mais eficiente do que a atualmente adotada em relação ao uso de maconha no Campus. Os alunos afirmam a importância da promoção da discussão, pois a adoção de medidas proibitivas têm sido tomadas na sociedade em relação as drogas sem acabar com o uso destas substâncias. Através do debate, poderiam ser trazidas novas idéias e a reflexão sobre o sentido de usar drogas na Universidade. Esse modo que favorece o diálogo é fortalecido pela concepção da Universidade como uma instituição responsável por promover a reflexão, lidar com o conhecimento e formar pessoas.

Os não usuários de drogas ilícitas compreendem que o Ato possibilitou a discussão entre os alunos, principalmente, em eventos da Universidade como a Semana de Integração (do curso de Psicologia) ou a Semana Acadêmica (que envolve todos os cursos da Universidade). Entretanto, indicam que o Ato não gerou uma grande mobilização dos estudantes além das situações citadas anteriormente, o que pode estar relacionado a um certo costume/hábito de conviver com o uso de drogas no Campus. Ou seja, o uso de maconha não apresentou-se como um fenômeno novo, suprimindo o interesse dos estudantes pela discussão. Neste sentido, entendem que talvez o Ato tenha gerado mais discussão fora da comunidade PUC do que entre as pessoas que a frequentam. Ressaltam também que a centralização da discussão sobre a liberação ou proibição do uso de drogas ilícitas dentro da Campus acaba por não promover um debate mais amplo sobre as drogas para além do espaço da Universidade.

## FOCO 10: GESTÃO DA SEGURANÇA E FISCALIZAÇÃO DO USO DE DROGAS DENTRO DA UNIVERSIDADE

*“Eu fico pensando também que no fato da polícia ser proibida de entrar aqui também obriga a universidade a ter esse papel da vigilância e de controlar isso aqui dentro, então de certa maneira, quando isso não é garantido por uma coisa que vem de fora, fica diretamente ligada a reitoria, coordenação, vira uma responsabilidade exclusiva da Universidade. Acho que isso dificulta porque qualquer ato, qualquer medida que se tome já cai direto nas costas da própria universidade, não da questão da polícia não poder entrar para fiscalizar e coisa do tipo, como se seguisse suas próprias leis...sabe?”*

*“Exatamente....você não é uma polícia, você é outro papel... Talvez essa que seja a grande dificuldade, né?”*

O grupo aponta que, por não permitir a entrada da polícia para fiscalizar o Campus, a Reitoria revela-se como a única responsável pela gestão da Universidade, possibilitando que as leis sejam executadas de modo distinto dentro da PUC-SP em comparação ao modo adotado fora do espaço universitário. Esse modo de gerir e fiscalizar os espaços (interior do Campus), faz com que qualquer medida ou política adotada seja creditada ao Reitor da instituição, diminuindo a atribuição a outras esferas que também são responsáveis pela organização social, como o Estado e as leis responsáveis por sua regulação. Deste modo, A implementação do Ato de drogas é dificultada, pois cabe a Reitoria a responsabilidade de impedir e fiscalizar o uso de drogas no Campus Monte Alegre, porém não possui o mesmo poder de fazer cumprir as normas que detêm a polícia.

## FOCO 11: C.A E USO DE MACONHA/TABACO

*“Do C.A. sim...”* (sobre a intensificação do fumo no C.A. após o Ato do Reitor)

*“... fica inabitável o C.A”* (sobre a fumaça gerada a partir do uso de tabaco e maconha no C.A)

*“O problema é que tem C.A. que tem janela para corredor...”*

*“Pra sala...”* (complementando a fala anterior)

*“E daí você está na sala de aula e vira um fumódromo na sala...”* (complementando a fala anterior)

*“Não gostar do cheiro é uma coisa, mas ficar no meio da fumaça lá, eu acho que não tem quem aguente, quem não usa, que aguente ficar no meio daquela fumaça 10 minutos que seja.”*

*“...antes dava para ir lá, ficar um pouco, conversar, agora não dá, é aquela fumaça o dia inteiro, sabe?”* (sobre a intensificação do uso após o Ato do Reitor)

*“eles estão usando o espaço do C.A. pra fazer coisas que fogem ao objetivo do C.A. Tudo bem vocês querem fumar de vez em quando lá? Tudo bem, mas só para fazer isso o tempo inteiro? Fica um espaço que não é mais para ser C.A. é pra ser fumódromo”*

*“tem gente que deixa de ir ao C.A. por exemplo, que fica, vocês falaram, muita fumaça, incomoda muito e você não está curtindo, você não está no meio do ritual e você deixa de ir, por exemplo, pra mim não que incomode, no C.A. sim, que é um espaço com “mega” concentração de fumaça, enfim, ai sim.”*

*“eu fico pensando, será que não existe nenhuma reflexão por parte do C.A. de que talvez o movimento político se esvazie por conta disso? Sabe? Que as pessoas que não usam, não se sintam incluídas? Eu não sei se realmente eles chegam a pensar nesse fato.”*

*“Acho meio estranho que as vezes tem até uma cobrança do pessoal do C.A. do tipo, mas as pessoas não vem ao C.A. Não aparecem no C.A. Pô,mas eu vou aparecer lá pra que? Sabe? As pessoas da psicologia não estão lá muitas vezes...”*

*“Eu não sei, mas acho que o nosso C.A. acabou trazendo muito esses usuários, virou um lugar que pode mesmo, eu várias vezes passo lá não tem ninguém da psicologia, tem varias pessoas fumando maconha, mas não são da psicologia, são de outros cursos...ai fica estranho,né?”*

*“Eu tenho um amigo do meu curso de fotografia que já veio falar “é... vocês... eu passei lá no C.A. da Psicologia... só tem doidão...” Pô, o que eu vou falar?”*

*“é engraçado, eu estava conversando com uma pessoa que usa maconha e ela também estava reclamando muito do C.A. ter virado esse espaço de uso de maconha, porque se esvaziou. Eu falei, então vamos propor como pauta da reunião, mas acabou se perdendo.”*

O grupo relata que é possível consumir tabaco e maconha dentro do C.A., assim, afirmam que ocorreu uma intensificação do uso neste local após o Ato do Reitor, aumentando a concentração de fumaça, chegando a comparar tal ambiente a um “fumódromo”. Os não usuários entendem que o consumo intenso e constante de drogas fumígenas neste ambiente fechado ofusca o objetivo do C.A., inclusive a articulação política dos alunos, além de gerar um incômodo àqueles que não fumam e que por conta da fumaça não conseguem permanecer dentro do Centro Acadêmico ou se sentem excluídos por não usarem maconha e deixam de frequentá-lo. Em ultima análise, o C.A. deixa de ser ocupado pelos alunos de seu curso.

Outro aspecto relacionado a intensificação do uso de drogas no C.A. é o aumento do número de alunos de outros cursos que vão ao Centro Acadêmico para fazerem uso de maconha. Essa ocupação por muitos estudantes “estrangeiros” incomoda os alunos do curso referente ao Centro Acadêmico. O grupo aponta outro fator referente ao consumo de drogas no centro acadêmico que se trata da imagem que outras pessoas possuem dos alunos que frequentam o C.A., que acabam sendo considerados usuários de drogas ilícitas.

## FOCO 12: DISCUSSÃO ENTRE OS ALUNOS SOBRE O USO DE DROGAS NO C.A.

*“possível é, mas não é uma coisa fácil...” (sobre a possibilidade de mobilizar os usuários do C.A. para pensar o uso de drogas)*

*“porque daí você é visto como o moralista, e não é por aí.” (complementando a fala anterior)*

*“mas é muito assim, se você não é oito, você é o oitenta” (sobre a possibilidade de ser visto como usuário ou moralista)*

*“você não consegue ser o que tem o diálogo, é difícil também, tem uma coisa que eu vi muito mais dentro da PUC que teoricamente é um lugar que... Teoricamente, sendo um espaço onde as pessoas mais permitidas deveriam ter mais diálogo, eu vejo o contrário. Acabam tendo menos e você é visto com um “puxa esse assunto meio moralista”, você só consegue conversar entre os seus iguais (usuários ou não usuários).”*

*“no fim a droga é uma coisa meio que divide turmas, assim, ou você é da turma que usa ou você é da turma que não usa.”*

*“não tem muita troca” (complementando a fala anterior)*

*“é radical... dos pólos. Eu tentei freqüentar algumas reuniões do C.A., mas eu acho muito difícil a reflexão ali, porque são algumas mesmas pessoas que sempre falam alto e põe uma opinião muito difícil de... não é um debate, é um... ”vamos fazer desse jeito....”*

*“uma hora você desiste também. Eu tentei também por um tempo” (sobre o diálogo sobre uso de drogas no C.A.)*

Os entrevistados apontam que a discussão entre os estudantes sobre o uso de drogas no C.A. é difícil, pois a tentativa de tratar sobre esta temática gera uma

divisão entre usuários e não usuários. Logo, o espaço de promoção de debate é transformado na tentativa de imposição de um ponto de vista, desta maneira, não ocorre muita troca e a conversa restringe-se ao diálogo entre pessoas que possuem idéias semelhantes.

O grupo entrevistado (não usuários de maconha) relata que a abordagem do assunto drogas em uma discussão sobre seu uso neste espaço faz com que a pessoa seja vista como moralista.

### FOCO 13: INCÔMODO COM USO DE DROGAS LÍCITAS (ÁLCOOL E TABACO) NO CAMPUS

*“O cigarro particularmente me incomoda muito, então é uma questão... A bebida não incomoda os outros, mas cigarro, qualquer lugar que a pessoa está fumando, está todo mundo sentindo o cheiro de cigarro.”*

*“Nossa e antes aqui nesses corredores ali de cima que são mais fechados, era muito ruim.”*(sobre o incômodo gerado a partir do uso de tabaco)

*“... o tipo de lei que proíbe o cigarro, tem sua , como é que posso dizer? Sua validade...tem uma parte boa da lei que se não é pelo bom senso, se as pessoa não respeitam umas as outras, então vamos fechar...”*

*“Eu já vi uns professores reclamando assim que de vez em quando vem uns alunos bêbados pra aula e como é que o aluno vai aprender se ele está bêbado?”*

*“Desculpa o professor, mas acho que o problema é do aluno.”* (referente a fala anterior)

*“é, mas acho que isso pode incomodar muito mais o professor do que os outros alunos, eu nunca vi um aluno reclamando que o outro está bêbado na sala de aula, no máximo você vai dar umas risadas, “olha..o cara está viajando...”*

O grupo apresenta entendimentos distintos acerca do incômodo referente ao uso de álcool e tabaco, aparentando que o fumo de tabaco é menos tolerado que a

ingestão de bebidas com teor alcoólico, principalmente devido a fumaça. A tolerância a essas drogas relaciona-se diretamente ao desconforto/incômodo gerado por elas, assim, são mais tolerantes em relação ao álcool, pois consideram que o comportamento dos alunos que se encontram sob efeito desta substância não interfere em seu bem-estar ou rendimento acadêmico. O que não ocorre com o cigarro, pois relatam que as pessoas não se respeitam mutuamente, fazendo com que outras pessoas sejam incomodadas através da exposição a fumaça do uso de cigarro.

#### FOCO 14: FESTAS E USO DE ÁLCOOL NO CAMPUS

*“Mas bebida não pode, só que é bem mais pontual, né?”*

*“Não pode, mas também tem umas festinhas no C.A.”* (referente a fala anterior)

*“Eu lembro que eu mesmo ajudei a organizar festa no C.A. na época que eu era da bateria (...) a gente tinha que entrar com umas malas com as cervejas todas escondidas lá dentro, (...), mas depois que você já estava com tudo lá dentro e colocava a “plaquinha” pra fora que era “cervejada”, ninguém estava nem ai, é assim, “entrou... agora já era”. Teve uma vez só que deu problema, desde a época que a gente estuda aqui. Que teve uma festa e acabaram com a festa, mas foi uma vez só.”*

*“é que são pequenininhas também, então não sei. O que me atrapalha mais é o som.”* (sobre as “cervejadas” no C.A.)

*“Logo que a gente entrou eles proibiram as festas aqui no Pátio da Cruz, ai o pessoal estava revoltado e eu ficava pensando “gente, porque eles estão revoltados? Tem aula aqui embaixo, o pessoal não consegue ter aula porque está tendo festa, o pessoal fica bêbado e depreda a faculdade e está todo mundo achando um super absurdo não ter festa? Realmente, deve ser uma festa super divertida, fico imaginando, deveria ser muito legal mesmo, talvez se eu tivesse aqui*

*antes até iria gostar da festa, mas perde a prioridade de ser uma instituição de ensino.”*

*“também acho que não cabe aqui também, porque o problema é que se pudesse usar esse espaço, mas, não no horário da aula, tudo bem...no fim de semana...”*  
(sobre o uso de álcool dentro da Universidade)

*“acho que o período da faculdade envolve tanto álcool na cultura, de todos os países que eu conheço até hoje está muito envolvido...eu não acho que seja alguma coisa que dê para separar, acho que no fim já é uma coisa super natural, “pô, o aluno está na faculdade, tem que beber, se divertir”. Mas ao mesmo tempo também, colocar isso dentro do espaço da universidade e falar tudo bem pra isso, complicado, porque você tira a prioridade do seu espaço de ensino.”*

*“exatamente, eu acho que se fosse em uma hora certa, um lugar certo, está ótimo.”*(referente a fala anterior)

*“não sei, pode até ser preconceito meu, não vejo muita graça em beber dentro da universidade... Tem bar aqui atrás...tem lugar muito melhor, acho muito mais fácil...”*

*“no bar você fica com seus amigos, aqui não...vira uma festa”*

O grupo afirma que o consumo de bebidas alcoólicas dentro do Campus é proibido, porém ocorre de modo pontual em determinadas eventos de pequeno porte como “cervejadas” (já que festas maiores não são permitidas), que são organizadas por entidades que representam os alunos. Sendo que após o início do evento dificilmente ocorre sua interrupção devido ao consumo de álcool.

Os entrevistados entendem que o consumo de bebidas alcoólicas por universitários revela-se como algo que possui uma aceitação cultural, neste sentido, o consumo de álcool por universitários acaba sendo visto como um comportamento “natural”. Porém, o uso desta substância dentro do espaço do Campus e em horário de aula é reprovado, pois a finalidade da Universidade como espaço destinado ao ensino acaba sendo perdida.

## FOCO 15: O ATO E A REAÇÃO DOS ALUNOS

*“na PUC as pessoas não aceitam esse tipo de medida, os estudantes não tem esse caráter de aceitar isso pacificamente...”*

*“Na época assim que eu vi os alunos de ciências sociais distribuindo uns panfletos “não a repressão”, mas também entra nesse discurso muito já gasto...”*

*“que não é reflexivo, exatamente...que é um bando de “não sei o que, burguesia e repressão”, esse papo. Também não adianta e não promove (...)fica um contra controle...” (em relação a fala a cima)”*

*“eu lembro também de ter visto alguns alunos é, procurando o Hélio (Pró-Reitor de Cultura e Relações Universitárias) para conversar, mas assim, meio no corredor, sabe? Meio caçando o cara para conversar e não foi nem chamar para uma conversa também...”é então, a gente tem que debater isso aí”, já numa postura meio agressiva também.”*

*“ Ou “é proibido, não pode mais, Graças a Deus e pronto”. Acho que é tanto dos dois lados. Acho que tem a não reflexão tanto das pessoas que costumavam fumar dentro do campus e que com essa regra interna, nova regra interna, continuam como uma forma de protesto, tanto das pessoas que sempre foram contras e agora “alguém apoiou” e pronto...”*

*“...não teve nenhuma organização, argumentação desse público que foi contra de uma forma organizada e tudo mais e nem se criou isso, não se criou uma organização. Talvez a gente como aluno podia ter organizado isso, e não necessariamente ter vindo da reitoria um espaço para isso e chamar a reitoria... Se aconteceu eu não fiquei sabendo, fiquei sabendo de uma ou outra palestra, são coisas mais pontuais, que é uma questão muito maior que não é só da universidade. É que aqui é permitido por um acordo interno, o que a gente falou, agora é proibido, mais ou menos...”*

*“tem aluno que não está nem ai, pra eles tipo “foda-se” se estão proibindo ou não, “quero fumar e pronto.” ”*

*“acho que (a resistência dos alunos) é proporcional ao ato, talvez se fosse de outra forma, talvez tivesse mais, uma resposta mais consciente”*

*“E a resistência acaba não sendo tão forte, porque agora eles são mais organizados no espaço, acho que a resistência não se faz mais tão presente por conta disso.”*  
(sobre a resistência dos usuários de maconha ao Ato do Reitor e a delimitação de espaços onde o consumo é possível)

*“Vira uma resistência engaiolada na verdade, né?”* (complementando a fala anterior)

O grupo afirma que os alunos que frequentam a PUC-SP usualmente não aceitam uma medida política que visa a proibição de modo pacífico, assim, relatam que presenciaram manifestações como distribuições de panfletos contrários ao Ato do Reitor com dizeres a respeito do “combate a repressão” e discussões nos corredores da Universidade entre alunos que não concordam com a política de drogas adotada e representantes da atual gestão da Reitoria. Todavia, afirmam que muitas vezes o discurso utilizado nas manifestações contrárias ao ato tratam-se de ações que não surgem a partir de uma reflexão, um pensar sobre a temática, servindo apenas como uma reação a proibição. Nesta mesma direção, outro tipo de postura adota pelos alunos que os entrevistados se referem é a atitude de ignorar o Ato e continuar fazendo uso de maconha na Universidade. Em relação a postura de alunos não usuários, o grupo ressalta a atitude de alunos que não são usuários de drogas ilícitas e aceitam o Ato, sem refletirem sobre suas implicações. Assim, levantam que não foi criado nenhum movimento que organizasse os alunos para que discutissem a temática do uso de drogas na Universidade (nem por parte da Reitoria, nem pelos alunos). Isto é o que ocorreu de modo pontual em poucos eventos, sem que ocorresse um aprofundamento a respeito deste assunto.

Por ocorrer uma centralização/delimitação dos locais possíveis de uso de drogas ilícitas (e não a impossibilidade do consumo destas substâncias), o movimento de resistência dos usuários ao Ato acabou sendo enfraquecido.

## FOCO 16: USO DE DROGAS DENTRO DA UNIVERSIDADE E ESPAÇO DE CONTESTAÇÃO

*“eu penso um pouco no sentido da droga assim, né? Porque que fuma dentro da universidade? Por que aqui? É proibido em tudo, mas pessoas fumam em outros lugares e quando eu converso um pouco com as pessoas eu tenho a impressão de que é bem isso, a universidade é um lugar de contestação e de protesto, então aqui é um ambiente que você pode fazer isso, só que daí o protesto fica um pouco...”mas (hoje) pode? Então é protesto se antes que não era permitido?”*

*“Acho que confunde tudo, né? É o espaço que é permitido e sabe que ninguém vai incomodar, junta com essa questão política, ai junta com essa questão do grupo , que fuma junto e são as pessoas que fumam com ele estão lá, então acho que vira uma mistura de coisas...”* (complementando a fala anterior)

O grupo aponta que as razões e significados do uso de drogas ilícitas dentro da PUC-SP apresentam-se de modo confuso, pois um dos argumentos trata-se do significado do uso de substâncias psicoativas ilícitas como um sinal de contestação e protesto, porém os entrevistados entendem que este significado se perde a medida em que o uso de maconha é “permitido” (já que é possível fazer uso no Campus) nos dias de hoje. Assim, entendem também que relacionado a este “caráter de protesto” está em jogo a possibilidade de consumir maconha sem ser incomodado e o uso grupal (já que ocorre um compartilhamento do uso entre os pares).

## FOCO 17: SOBRE POLÍTICA DE PROIBIÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES

*“será mesmo que a faculdade tem que proibir? É uma coisa que existe na sociedade, quando você proíbe você está escondendo um lado, porque existe, acho que de uma certa forma poder (usar drogas) permite mais uma discussão e menos preconceito, porque essa visão de “ai não pode cheirar cocaína, não pode fumar maconha” é uma coisa super moralista e meio vazia.”*

*“toda proibição é discutível, é uma medida fácil pra quem está no cargo, pra quem está na reitoria, na prefeitura, enfim, qualquer lugar, a proibição resolve o problema ali ou pelo menos de fachada mesmo, mas acaba talvez trazendo outros problemas embutidos nesse e depois não vão ter controle”*

*“acho que também tira toda a responsabilidade. A partir do momento que você proíbe, toda responsabilidade é do aluno se ele está usando, ele está usando, está contra a lei e o problema é dele e não vê como uma questão interna, por que será que existe tanto aluno que usa drogas aqui dentro? Será que não existem algumas práticas que estão favorecendo o uso de drogas e não só a questão de divertimento?....vai além disso...”*

*“mas acho que essas medidas sendo proibitivas elas tanto não se aplicam diretamente, porque você sempre encontra brechas como também você impede o pensar em uma medida mais inteligente, eu acho que tem esse paralelo com as duas.”*

*“como que você vai discutir o preconceito, tendo uma lei proibicionista em cima?”*

*“... a discussão tem que ser feita desde o começo direito e não uma proibição”*

*“porque acho que geralmente a tática de proibir é mais fácil, a curto prazo tem mais efeito...”*

*“é mais bem aceito” (complementando a fala anterior)*

O grupo questiona se é o papel da Universidade proibir o uso de drogas dentro do Campus, a partir do levantamento de alguns aspectos e implicações da adoção de uma postura que tenha como proposta impossibilitar o uso no ambiente acadêmico. Relatam, então, que o consumo de drogas na sociedade é um fenômeno que existe, sendo que esta postura anteriormente citada possibilita que ocorra uma camuflagem através de uma visão moralista, indicando que esta postura acaba por inibir um manejo menos preconceituoso, impossibilitando um maior espaço para a discussão. Compreendem também que a medida que se propõe a não permitir o uso

revela-se como uma solução mais simples para quem está no cargo político, pois tem como conseqüências efeitos imediatos e aparentes (de fachada), sendo mais bem aceito e evitando o trato com outras questões mais complexas envolvidas neste manejo. Por exemplo, a culpabilização exclusiva do usuário de drogas que assume um papel de infrator da Lei, desconsiderando outros aspectos que influenciam sua conduta como possíveis aspectos favorecedores do uso de drogas. Nesta mesma direção, outro ponto indicado é a resistência a proibição, ou melhor, a tentativa de encontrar soluções para burlar a medida impeditiva, fator este que impede uma reflexão mais inteligente sobre o tema.

#### FOCO 18: OUTROS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A ATUAL POLÍTICA DE DROGAS DA PUC-SP

*“ia ser debater”* (Sobre possíveis modos de lidar com o uso de drogas no Campus)

*“acho que daí, a partir dessa reunião, talvez poderiam ser dadas algumas outras sugestões e debatendo, ponderando, talvez eles chegassem a um consenso, algum tipo de medida que não precisasse ser feita dessa forma (proibindo)”*

*“Eu não acredito que seja uma tarefa fácil articular esses alunos, cada um com um interesse, cada um lutando mais do que o outro pelo seu interesse, pelo que acha que é certo e não sei se daria em alguma coisa também, acho que igual o que o Y. falou, tinha que ser proposto uma questão de não ficar sendo de fachada, mas até que ponto poderia sair daí uma medida mais bem aceita, mais interessante... não sei, ninguém pode dar certeza que teria saído daí.”* (sobre a implementação de uma política não proibitiva)

*“e não só com aquelas pessoas que fumavam no Campus, mas com toda a universidade, porque a questão da droga não é só com a pessoa que usa...”* (sobre o modo de entender o uso de drogas na Universidade)

*“Eu fico pensando naquela pesquisa que teve na USP que foi um programa de redução de danos, não lembro muito bem afinal o que era exatamente a pesquisa, mas eu lembro que estava aqui na PUC e até recebi o cartãozinho que era uso de*

*exctasy e explicava algumas coisas e que foi muito criticada de diversos lados por ser uma perspectiva de redução de danos, daí fico pensando se a PUC fosse fazer alguma coisa nesse sentido iria gerar muito mais discussão, coisa que ela não iria bancar.”*

*“O que usar a partir dessa lei, porque a lei esta ai e acho uma questão bem delicada. Eu acho que pode ser um espaço aberto para a discussão não moralista e ao mesmo tempo não poder usar a droga aqui dentro. Em escola, por exemplo, locais...escolas que são extremamente abertas para isso, mas você não pode usar dentro da escola, né? Talvez a universidade pudesse seguir esse caminho, sem ser moralista...”*

*“hoje em dia existe um consumo que é mais consciente”*

*“e também quais os reais perigos de usar drogas? Daí discutir o problema na prática. O que é ruim? Como usar? Como não usar? Porque não sou também a favor de não usar. Eu não gosto, é diferente, mas também pra discutir o certo, sei lá, a gente quer que as pessoas não usem drogas? Eu não acho, não defenderia isso.”*

*“e talvez até, eu fico pensando assim, pessoas que usam drogas aqui dentro, talvez usem aqui dentro porque talvez antes de chegarem aqui passaram por lugares que eram assim, sempre proibido, proibido, proibido e agora pode aqui... “esse é um espaço que eu tenho”, sem nunca ter refletido sobre o uso e por isso que consegue (usar drogas) aqui. Então proibindo você só vai reproduzir aqui, proibindo, ela só vai procurar um outro lugar, e assim vai indo.”*

O grupo afirma que uma outra solução (que não a imposição de uma proibição) para lidar com a questão do uso de drogas ilícitas no Campus seria principalmente através da promoção do debate com toda a comunidade acadêmica sobre o assunto, no intuito de que as pessoas que frequentam a Universidade pudessem ponderar e sugerir alternativas, a fim de tentar construir uma política que não fosse apenas “de fachada”, no sentido de não promover uma alteração e apenas proporcionar uma mudança de imagem. Porém, também entendem que a articulação dos estudantes, principalmente aqueles que possuem posicionamentos

opostos (a favor ou contra o uso de drogas ilícitas no Campus Monte Alegre), seria algo complexo de ser realizado, pois o diálogo pode ser dificultado devido a possibilidade dos grupos se fecharem em defenderem apenas seus interesses, impossibilitando um movimento de troca e discussão.

Os entrevistados também entendem que a adoção de uma política de Redução de Danos é muitas vezes alvo de críticas e que a atual Reitoria não estaria disposta a lidar com a discussão que a implementação de tal política iria suscitar.

Os integrantes não entendem que a proibição ao uso de drogas deveria ser necessariamente um caminho a ser seguido, pois acreditam que seja possível um uso mais consciente, sendo necessário que sejam esclarecidos os riscos e outras informações referentes ao seu consumo. Assim, apontam que os estudantes talvez façam uso por sempre freqüentarem instituições que adotavam a proibição e encontraram na PUC-SP um local onde é possível realizar tal atividade sem nunca ter pensado sobre esta ação. Mas, ao mesmo tempo, entendem que talvez seja possível promover um espaço onde o uso de drogas não seja liberado/aceito e que ao mesmo tempo promova uma discussão franca a respeito do uso de substâncias psicoativas.

## **2.2 Análise do sentido do GRUPO DE ALUNOS NÃO USUÁRIOS DE MACONHA nas entrevistas**

Primeiramente o entrevistador agradeceu a disponibilidade de todos os participantes e explicou como funcionaria a entrevista, explicitando que não existiria um roteiro pré-estabelecido com perguntas formuladas *a priori*, informando também, que colocaria uma questão inicial que serviria como norte da discussão. Ao ser lançada a pergunta desencadeadora “*Como que vocês compreendem o ato do Reitor de intensificar a proibição ao uso de drogas ilícitas dentro do campus?*” um dos integrantes imediatamente tomou a palavra e começou a falar sobre o que foi perguntado, depois disso, a discussão adquiriu uma boa fluidez e ocorreu de modo natural.

O grupo entende que a atual gestão da Reitoria está implicada em promover uma mudança da imagem da PUC-SP para sociedade como um todo (tanto para quem participa do cotidiano da Universidade quanto para quem não a frequenta e

apenas recebe informações através da mídia. Um exemplo disso é, pais de alunos responsáveis pelo pagamento das mensalidades ou estudantes que queiram ingressar na PUC), afim de assinalar uma instituição mais organizada, adotando algumas medidas com a finalidade de atingir este objetivo. Dentre estas ações realizadas pela Reitoria está o Ato que trata sobre o uso de drogas ilícitas no Campus Monte Alegre, neste sentido, os alunos possuem a visão de que tal política prioriza uma mudança da imagem institucional, colocando em segundo plano um manejo referente ao consumo de drogas ilícitas dentro do Campus.

Os efeitos da implementação do Ato do Reitor são entendidos nesta mesma direção, pois concluem que ocorreu apenas um rearranjo do uso de maconha nos espaços da Universidade. Ou seja, o uso que ocorria em diversos locais deste Campus foi deslocado para algumas áreas que possuem menor visibilidade, fazendo com que o fumo de maconha ocorresse de modo mais velado. Os alunos compreendem que além do consumo de maconha ter se restringido a determinadas localidades do Campus, ocorreu, também, uma intensificação do uso destas substâncias nos lugares onde ele (atualmente). Então, se mostra possível concluir que a política de drogas da PUC-SP não alterou quantitativamente o consumo de drogas ilícitas neste Campus.

Os entrevistados revelam que os seguranças, que são contratados pela Universidade e possuem a responsabilidade de fiscalizar do consumo de substâncias psicoativas, adotam uma postura conivente em relação ao uso de maconha em alguns locais do Campus. Deste modo, o grupo entende que a tentativa de diminuir efetivamente o consumo de drogas na Universidade por meio da proibição não apresenta-se como uma verdadeira intenção da Reitoria. Assim, ressaltam, que o efetivo impedimento ao consumo de maconha na universidade é uma medida com efeitos muito mais complexos do que a adotada atualmente. Não obstante, a gestão da Reitoria teria que lidar com a identificação dos usuários e se preocupar com medidas posteriores a serem tomadas com quem infringisse a normatização. Desta maneira, o modo de implementação do Ato referente ao uso de drogas apresenta-se como uma solução para a gestão da PUC-SP, no sentido de não prejudicar os alunos pegos usando drogas ilícitas ao mesmo tempo que fortalece uma mudança da aparência da Universidade, pois o uso de maconha ocorre de modo menos aparente.

O grupo compreende que a proibição da entrada de policiais na PUC-SP possibilita que, muitas vezes, as leis sejam executadas de um modo particular dentro do Campus, pois a tarefa de fiscalização do cumprimento de normas fica a cargo da Reitoria da Universidade. Portanto, os entrevistados apontam que apesar de compreenderem que o uso de drogas (ou melhor, seu impedimento) se trata de uma questão legal e que o Ato segue a mesma direção da legislação, o impedimento e a fiscalização ao uso de drogas no Campus é atribuído, de modo mais intenso a Reitoria, diminuindo a atribuição ao Estado (responsável pelas questões legais). Porém, deve-se ressaltar que a fiscalização e impedimento do uso que cabe a gestão da instituição é realizada por seguranças contratados, os quais não possuem o mesmo poder de garantir o cumprimento de normas que os policiais. Em contrapartida, a Reitoria utiliza-se de ameaças e punições a favor do cumprimento do Ato, já que os funcionários responsáveis pela fiscalização atuam através da abordagem do usuário, impedimento do uso e identificação do infrator.

A execução e fiscalização por parte dos seguranças da PUC-SP da Lei Anti-Fumo no Campus Monte apresenta-se aos alunos como confusa, devido a falta de adoção de critérios claros referentes as localidades em que o fumo é (ou não) permitido. Além disso, os entrevistados revelam que não ocorre o cumprimento integral da Lei, já que é possível fumar em locais fechados como no interior de alguns Centros Acadêmicos (C.A.'s). A respeito de suas implicações em relação ao uso de drogas ilícitas, os participantes afirmam que a Lei Anti-Fumo fortaleceu a implementação da Política de drogas da Reitoria da PUC-SP, pois restringiu o fumo de tabaco a espaços abertos (com exceção de alguns espaços como os centros acadêmicos). Assim, isso proporcionou a diminuição da quantidade de locais passíveis de uso de maconha, além de colaborar com o deslocamento dos espaços de uso de drogas ilícitas e tornando este consumo menos visível.

O grupo afirma que o Ato de drogas proposto pela Reitoria encontra dificuldades em sua implementação por romper com alguns elementos da cultura da PUC-SP, como a permissividade do uso de drogas ilícitas no Campus. Além disso, o Ato esbarra em outro aspecto cultural desta instituição que trata-se do caráter proibitivo presente nesta política de drogas. A este respeito, os alunos ressaltam que a reflexão e a problematização de questões sociais são aspectos historicamente promovidos e valorizados pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pois estão intimamente ligados ao papel desta instituição na sociedade. Então,

compreendem que a proibição revela-se como um motivo de críticas a política adotada, pois não possibilita o pensar sobre as questões cotidianas de modo mais amplo, restringindo-se ao uso de drogas realizado no espaço do Campus. Desta forma, deixa de considerar as consequências e implicações relacionadas ao consumo de drogas para além do ambiente acadêmico.

Neste mesmo sentido, entendem que o uso de drogas é um fenômeno que ocorre na sociedade e que a postura proibicionista em relação as drogas camufla este consumo a partir de uma visão moralista. Então, impossibilita uma compreensão menos preconceituosa a respeito deste tema, inibindo assim, a discussão sobre este assunto. Ressaltam, também, que este tipo de política apresenta-se como uma solução mais simples para o gestor que a implementa, pois apresenta efeitos imediatos e aparentes (de fachada), resultando em uma melhor aceitação. Além de evitar outras implicações como a culpabilização exclusiva do usuário, que assume o papel de infrator da lei, desconsiderando outros aspectos que influenciam sua conduta, favorecendo o consumo de drogas. Outra característica trata-se da resistência a tentativa de proibição ao uso, ou seja, a tentativa de encontrar maneiras possíveis de burlar o impedimento, que não contribuem com uma reflexão sobre o tema.

A discordância a respeito da adoção deste modo de manejo do consumo de drogas ilícitas na PUC-SP foi expressa por alguns estudantes da PUC-SP através de manifestações como a distribuição de panfletos com dizeres a respeito da proibição (assinalando que se tratava de uma postura repressiva) e conversas nos corredores dos prédios do Campus com representantes da gestão da Reitoria. Porém, o grupo entende que os conteúdos dos discursos a respeito do Ato evidenciam que, muitas vezes, a reação dos alunos não envolve um pensar de modo aprofundado acerca do uso de drogas no Campus Monte Alegre. Ainda, a respeito desta mesma postura (não reflexiva) dos estudantes frente ao Ato, os entrevistados assinalam situações em que os não usuários de drogas ilícitas aceitam a política de drogas adotada (sem pensar sobre suas implicações) ou a atitude de usuários de maconha que simplesmente ignoram o Ato e continuam consumindo esta substância dentro da Universidade do mesmo que o faziam antes de sua implementação.

Apesar de levantarem levantarem críticas referentes ao Ato do Reitor, o grupo de não usuários de maconha acaba por não desqualificar totalmente esta ação da Reitoria, pois consideram que o uso no Campus Monte Alegre, que ocorria de modo

amplamente liberado, deveria ser alterado. Para isso, apontam um outro modo de lidar com a questão das drogas ilícitas dentro da PUC-SP, que ocorreria através da promoção da discussão deste tema com toda a comunidade acadêmica, desta maneira, os alunos consideram que esta medida poderia ser mais eficiente. Posto que poderia acarretar em uma mudança mais profunda e não apenas uma alteração da imagem da universidade, além disso, apontam que as ações proibitivas tem sido adotadas na sociedade sem gerar o fim do uso de drogas. Assim, a partir do debate, as pessoas que frequentam a universidade poderiam levantar novas idéias e alternativas a respeito do consumo de substâncias psicoativas, além da reflexão sobre o sentido do uso de drogas no ambiente universitário. Em relação a esse sentido dado pelos usuários ao uso de drogas ilícitas dentro da PUC-SP, o grupo considera que o argumento apresentado atualmente revela-se de modo confuso, pois o significado do consumo de maconha é atribuído a uma atitude de protesto e contestação. Então, acaba se esvaziando a medida que é possível fazer uso no Campus Monte Alegre, deste modo, os entrevistados relacionam este argumento a possibilidade de fumarem maconha na universidade sem serem incomodados e ao compartilhamento do uso com outras pessoas que consomem esta substância.

Ainda sobre a adoção da política que possui como meta a discussão a respeito do uso de drogas, a PUC-SP acabaria por fazer uso de uma medida afinada as suas funções de promover o questionamento, lidar com o conhecimento e formar pessoas. Ressaltam que esse manejo apresenta, também, uma difícil implementação, pois consideram a possibilidade dos estudantes entenderem a postura da Reitoria frente ao debate como “tendenciosa” (sem abertura efetiva para a discussão da temática). Além de outras dificuldades referentes a atitude dos alunos, como uma possível falta de articulação dos estudantes, resultando em um não engajamento em relação a discussão ou que os grupos de alunos que possuem posicionamentos diversos (a favor ou contra o uso de drogas ilícitas na universidade) defendessem apenas seus próprios interesses, impossibilitando o movimento de troca de entendimentos e a reflexão.

Os estudantes entrevistados não entendem que a proibição ao uso de drogas ilícitas deveria ser, necessariamente, o caminho a ser seguido, pois apontam que é possível consumir estas drogas de um modo mais consciente, sendo necessário que ocorra um esclarecimento a respeito dos riscos e outras informações referentes a este consumo, porém apontam que uma política de Redução de Danos, por ser

frequentemente alvo de críticas, não seria uma medida que a Reitoria da PUC-SP estaria disposta a adotar, pois iria gerar muita discussão. A partir desta reflexão, consideram que seja possível promover um espaço em que o uso de drogas não seja liberado ou aceito, mas que também promova a discussão de modo franco a respeito do uso de substâncias psicoativas.

Ao abordarem a temática referente aos espaços de discussão promovidos após a implementação do Ato, revelam que não foi criado um movimento mais amplo que organizasse os alunos (nem por parte da Reitoria, nem pelos alunos) para debater sobre o uso de drogas ilícitas de modo mais aprofundado, ressaltando que ocorreram somente alguns eventos pontuais com esse propósito na Semana de Psicologia (do curso de Psicologia) ou Semana Acadêmica (todos os cursos da Universidade). Tal fato não gera uma grande mobilização estudantil além dessas situações, o que pode estar relacionado ao hábito dos estudantes de conviverem com o uso de drogas no Campus (suprimindo o interesse na discussão por não se tratar de uma temática nova). Em contrapartida, este enfraquecimento da resistência a política de proibição adotada pela Reitoria é entendida pelos alunos, também, como um reflexo dos efeitos do Ato, que principalmente reorganizaram os espaços de consumo de maconha, mas não acarretaram em seu impedimento.

Os não usuários entrevistados entendem que o centro acadêmico foi afetado pela implementação da política de drogas do Reitor, pois afirmam que o C.A. é um lugar em que o uso de drogas (tabaco e maconha) é possível. Nesta mesma direção, revelam que após o Ato, o consumo destas substâncias tornou-se mais intenso e constante neste ambiente, comparando este local a um “fumódromo”. O aumento do uso no centro acadêmico é apontado pelo grupo como um fator que acaba ofuscando outros objetivos deste espaço, como a articulação política dos estudantes. Logo, apontam que muitos alunos não usuários acabam deixando de frequentar o C.A. por se sentirem incomodados com a fumaça, não conseguindo permanecer neste ambiente, ou por se sentirem excluídos do convívio, já que não fazem uso de maconha, resultando em uma menor frequência de alunos do curso. A respeito da intensificação do uso, os não usuários revelam que após a política de drogas da Reitoria da PUC-SP, ocorreu um aumento da ocupação do espaço do centro acadêmico por alunos de outros cursos da Universidade, apontando que estes alunos “estrangeiros” fazem uso deste espaço apenas para consumirem maconha, gerando incômodo aos alunos do curso que o C.A. é destinado. Outro

aspecto considerado é a imagem dos alunos que frequentam o C.A, que por fazerem uso deste espaço, acabam sendo considerados usuários de drogas ilícitas.

Os não usuários revelam que a discussão entre estudantes sobre o uso de drogas no C.A. é difícil, pois a tentativa de pessoas que não usam drogas ilícitas em abordar este assunto é considerada moralista. Inda além, este debate gera uma divisão entre usuários e não usuários, não possibilitando uma troca de entendimentos, mas sim tentativas de impor suas compreensões, deste modo, o diálogo acaba se centralizando entre pessoas que possuem opiniões semelhantes.

A respeito do uso do álcool no Campus, o grupo afirma que é proibido, porém ocorre em eventos pontuais e de pequeno porte que são organizados por entidades estudantis, assim, ressaltam que depois de seu início, dificilmente ocorre a interrupção das “Cervejadas” (como são denominados) devido ao consumo de álcool. Apesar de entenderem a presença do álcool na vida universitária como “natural”, possuindo grande aceitação social, este uso dentro do Campus e em horário de aula é reprovado, pois afirmam que a finalidade da Universidade como espaço destinado ao ensino acaba se perdendo, desvirtuando. Além disso, revelam que a aceitação do uso de uma determinada substância está vinculada ao incômodo produzido por este consumo, entendendo de modos distintos o incômodo referente ao uso do álcool e do tabaco (cigarro). Apontam, então, que o cigarro é menos tolerado devido ao desrespeito de pessoas que fumam e expõem outros indivíduos a fumaça produzida por este consumo. Em relação ao uso do álcool, compreendem que os comportamentos de outros universitários que se encontram sob efeito desta substância não interferem no bem-estar ou influenciam em seu rendimento acadêmico de outros alunos.

### 3 Aproximando os sentidos

Nesta etapa do trabalho, pretende-se realizar uma discussão do sentido para os alunos do Ato do Reitor da PUC-SP referente a intensificação a proibição ao uso de drogas ilícitas no Campus Monte Alegre. Será realizada, então, por meio da aproximação das análises do Grupo de estudantes usuários de maconha e não usuários desta substância.

Ao serem analisadas as falas dos alunos entrevistados dos dois grupos, torna-se possível apontar compreensões afinadas entre eles, principalmente, em relação as intenções dos gestores ao implementarem o Ato de drogas, o modo de implementação pautado na proibição e os efeitos desta política no Campus Monte Alegre. Assim, os grupos revelam que a diminuição do consumo de drogas ilícitas **não se apresenta como o foco** da ação do Reitor. Deste modo, a intenção primeira que se desvela aos alunos diz respeito a tentativa de mudança da imagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na sociedade (para pessoas que frequentam ou não a PUC-SP), afim de afirmar a postura de intolerância desta instituição ante ao uso de drogas ilícitas em seu campus, além da tentativa de atrair possíveis alunos ingressantes na universidade, assumindo um caráter publicitário.

Ainda em tom de concordância, é possível afirmar que o discurso dos grupos em relação aos efeitos da implementação do Ato do Reitor da PUC-SP evidencia que a política de drogas se trata de uma **medida proibitiva**, implementada por meio da punição, que **não** possibilitou a discussão sobre o uso de drogas ilícitas na universidade, rompendo com um aspecto cultural da instituição, pois consideram que a PUC-SP apresenta, historicamente, a postura de promover a reflexão sobre questões presentes na sociedade. Além de possibilitar o pensar sobre os significados e constituições de suas normas e regras, sendo evidenciado um modo crítico de lidar com as temáticas cotidianas.

Em complemento a estes aspectos, os dois grupos consideram que a política de drogas da Reitoria possuiu sua implementação fortalecida pela execução da Lei Anti-fumo, possuindo uma influência direta no consumo de maconha dentro Campus Monte Alegre. Deste modo, compreendem que ocorreu um deslocamento do uso de

maconha que ocorria em diversos locais do campus para algumas localidades, principalmente os centros acadêmicos, neste sentido, entendem que essa reorganização espacial do consumo de drogas ilícitas possibilitou um velamento deste fenômeno. Isso **não resultou em uma diminuição quantitativa** do uso destas substâncias, pois apontam que juntamente a restrição de lugares passíveis de consumo, ocorreu uma **intensificação** do uso nos C.A.'s.

Apesar dos grupos explicitarem compreensões muito próximas, observa-se um contraste entre o discurso dos alunos e a compreensão dos gestores da PUC-SP referente a política de drogas adotada explicitada na entrevista concedida ao Jornal Estado de São Paulo, em 29 de Abril de 2010, intitulada “*Na PUC, Veto Completa 1 Ano*”, em que a equipe de reportagem buscou a gestão da universidade para descobrir o modo que avaliavam a política de drogas adotada. Assim, um dos Pró-Reitores da PUC-SP expressou que a des-estimulação ao “*uso de maconha nas dependências da faculdade teve bons resultados*” (p. C4), conferindo este sucesso a adoção de uma abordagem educacional e preventiva junto aos alunos. Além do auxílio da Lei Anti-Fumo que teria diminuído o consumo de cigarro, fazendo com que o fumo de maconha fosse mais notável, resultando em diminuição do uso desta droga por constrangimento do usuário. Vale considerar que nesta mesma reportagem, a equipe de jornalistas adentrou em um centro acadêmico e abordou um aluno, que ao ser questionado sobre os efeitos do Ato, acendeu um cigarro de maconha na frente dos repórteres, explicando que nada mudara, ressaltando que os seguranças abordam os usuários e pedem que apaguem os referidos cigarros. Com efeito, os usuários acabam por consumirem maconha no momento em que não são observados pelos seguranças.

Apesar dos integrantes dos grupos expressarem considerações distintas a do Pró-Reitor, é possível visualizar que a reportagem apresenta a tentativa de afirmação para os meios midiáticos da mudança da imagem da PUC-SP em relação ao consumo de maconha em seu campus, o que é acenado pelos estudantes entrevistados durante as entrevistas.

No contexto expresso pelos entrevistados, em que o Ato do Reitor influenciou na intensificação do uso de maconha nos centros acadêmicos devido ao deslocamento para estas localidades, além de diminuir a visibilidade deste consumo no campus, o C.A., tornou-se um espaço de resistência ao Ato, já que foi fixado como uma localidade em que é possível consumir maconha, sendo revelado ao

grupo de usuários como a solução ao problema da intensificação da proibição, o que se evidencia ao não levantarem possíveis encaminhamentos para a questão do uso de drogas na universidade, sendo evidenciado pela seguinte afirmação: “*Eu não vejo uma “saída”, porque eu não vejo um problema [...] (ao ser questionado sobre uma solução/”saída” a respeito do uso de drogas na PUC). Entretanto, para o grupo de não usuários, o uso de maconha no centro acadêmico fez com que se sentissem excluídos deste espaço. A partir disso, podemos pensar se essa nova configuração vai efetivamente consagrar o que foi ponderado pelo grupo de não usuários: “[...] será que não existe nenhuma reflexão por parte do C.A. de que talvez o movimento político se esvazie por conta disso (uso de maconha)?”*. Além de ser possível questionar se a Reitoria seria beneficiada por esta desarticulação política dos alunos, a partir do momento que ocorre a implementação de uma ação que rompe com aspectos culturais da PUC-SP e pode ser passível de resistência da comunidade acadêmica (inclusive estudantes).

Os entrevistados que não consomem drogas ilícitas revelam o incômodo com o uso de maconha que ocorria em diversos locais da universidade antes do Ato da Reitoria. Assim, apesar de criticarem a proibição adotada, acabam por não desqualificarem totalmente esta ação, deste modo, afirmam que era necessário mudar, pois “continuar do jeito que estava também não cabia”. Porém, do mesmo modo que o uso de maconha foi alterado espacialmente (mas ainda se faz presente); o incômodo dos não usuários com consumo desta droga na PUC-SP ainda permanece após o Ato. No entanto, este desconforto com o uso de drogas ilícitas mudou de feição, já que ocorria em relação ao consumo em todo campus (mais esparsos) e atualmente está relacionado ao sentimento de exclusão do espaço do centro acadêmico devido a intensificação deste consumo.

O grupo de não usuários apresenta-se incomodado com a atual configuração do uso de maconha nos centros acadêmicos da PUC-SP. Desta maneira, ensaiam encaminhamentos e soluções referentes a política de drogas na universidade. Neste sentido, fazem considerações sobre a política de proibição criticando-a, apontando um caminho oposto a uma ação impositiva ou proibitiva, acenando para uma política que valorizasse o debate. Contudo, indicam diversas dificuldades referentes a sua implementação e por fim comentam a existência de políticas que não permitem o consumo de drogas no espaço universitário, mas ao contrário da proibição tradicional, promovem um debate franco a respeito do uso de substâncias

psicoativas, além do esclarecimento dos riscos e implicações deste consumo.

Apesar de afirmarem a existência desta última política que não assume a liberação do consumo de drogas, ao mesmo tempo que promove a discussão, o grupo de não usuários considera a proibição do uso de substâncias ilícitas como uma ação intimamente ligada ao abafamento da reflexão sobre o tema. Desta forma, os não usuários, consideram também que esta atitude desafina a noção que possuem de universidade como instituição responsável pela promoção do “Ato de pensar”. Logo, este grupo, apesar de considerar o uso de álcool (droga lícita) dentro do campus como inadequado, por se tratar de um espaço destinado ao estudo e revelar incômodo em relação ao consumo de maconha na PUC-SP, deixa de apresentar um posicionamento favorável a proibição ao uso de drogas no campus, trazendo a luz também a incerteza acerca do papel da universidade de coibir ou não o uso de drogas ilícitas.

O grupo de participantes que relata consumir maconha não se apresenta incomodado com este consumo na universidade, mas acomodados com a organização gerada devido a solução encontrada através do uso nos centros acadêmicos. Este modo acomodado de tratar o uso de drogas ilícitas na PUC-SP é desvelado a partir do momento que os usuários deixam de promover a discussão de propostas estruturais de manejo em relação ao uso de drogas na universidade, considerando somente uma ação restrita a relação entre fumantes e não fumantes dentro do centro acadêmico, indicando a possibilidade de dividirem o espaço do C.A. Apesar de ressaltarem o entendimento da universidade como instituição responsável pela reflexão acerca do modo que a sociedade lida com as regras e leis que a regem, acabam deixando de lançar o olhar para além do mundo da PUC-SP, desconsiderando os aspectos legais do uso de drogas, acenando para um interesse maior de conseguir consumir maconha dentro do campus da PUC-SP do que discutir aspectos relacionados a ilegalidade do consumo desta droga na sociedade.

Apesar de propor esta ação com a finalidade de diminuir o incômodo de pessoas que não compartilham o uso de drogas fumígenas no centro acadêmico, somente parte do grupo compreende que o consumo de maconha incomoda não fumantes que tentam habitar o mesmo espaço (C.A). Cabe lembrar que os alunos que não consideram que o consumo de maconha gera incômodo para àqueles que compartilham do mesmo espaço argumentam que não observam este conflito, pois nunca foram abordados ou presenciaram um consumidor ser abordado por um não

usuário com a finalidade de pedir a interrupção do uso. Assim, o grupo de usuários não compartilha da mesma compreensão do grupo de não usuários que se sente incomodado e excluído do C.A. Ou seja, a possibilidade do uso de maconha incomodar as pessoas que *co-existem* no centro acadêmico não se revela aos participantes do grupo composto por consumidores de maconha com a mesma intensidade que se abre para o outro grupo.

Em continuidade, é possível dizer que o grupo de usuários não é radicalmente afetado pelo incômodo que se desvela aos não usuários nesta situação. Neste sentido, compreendemos que no momento que o usuário de drogas fumígenas *escolhe* fazer uso de maconha, *descerra-se* a ele o “mundo do uso de maconha”, a partir de uma *conjuntura*, uma totalidade significativa que possibilita ao usuário o consumo de drogas. Então, no momento em que realiza esta ação, acaba por impor um sentido de realidade ao não usuário de drogas ilícitas, que se sente obrigado a jogar no horizonte existencial apresentado pelo mundo do uso de drogas que vem ao seu encontro. Porém, o mundo do uso de drogas que se abre através da fumaça que chega ao não usuário (a partir do fumo realizado por alguém próximo a ele) acaba por afetar de modo muito mais radical e impositivo o não fumante do que o modo que o incômodo sentido pelo não consumidor é capaz de afetar a pessoa que está usando drogas. (Heidegger, 1993).

Apesar de Heidegger não apontar de modo explícito questionamentos a respeito de problemas ético-políticos a partir do *co-existir*, é possível acenar para um modo de lidar com questões éticas afinadas a fenomenologia-existencial. Retomando a indeterminação e finitude constitutivos do agir e pensar humanos (Heidegger, 1993), torna-se possível repensar a ética, de modo que **não** esteja fundamentada em:

“[...]regras e procedimentos teóricos e práticos a partir dos quais se poderia garantir a boa vida em comum, antes e principalmente, trata-se de pensar e agir no sentido de uma ética do deixar-ser, capaz de deixar o outro ser livre para seu poder ser mais próprio [...]” (Duarte, 2003, p.20).

Nesta direção, Duarte (2003) explica que é evidenciada a necessidade de tentar olhar para o outro que co-habita como um outro *ek-sistente* que ele é, ou seja, acolher o outro para deixar que seja o que o outro é, como afirma:

“[...] é reconhecer-se como originariamente destinado a co-habitar a abertura, à clareira do ser que ilumina o que é, na qual aparece também o outro. Reconhecer-se destinado pelo ser ao aberto implica cuidar e conservar a morada, o mundo no qual o *ek-sistente* co-habita com o outro[...]” (p.21).

Assim, torna-se possível apresentar uma compreensão do fenômeno apresentado pelas entrevistas, acenando que ao impor a facticidade da fumaça ao não consumidor de maconha, o usuário, além de impor um sentido de realidade, acaba por não acolher o outro, tratando-o com indiferença, no sentido de não ser radicalmente afetado pelo que se abre ao outro como incômodo.

Por último é possível compreender que ao longo de seus discursos, os grupos apontam a valorização do pensar promovido na universidade, defendido pelos estudantes como um valor cultural da instituição. Assim como revela o grupo de não usuários que compreende as discussões no C.A. como não geradoras de um debate, já que ocorre um fechamento dos grupos com interesses distintos apenas naqueles que defendem, sem considerarem os outros posicionamentos, podemos observar que um fenômeno parecido a este se desvela. Neste sentido, é possível considerar três tipos de posicionamentos distintos frente a questão do uso de drogas na PUC-SP. O primeiro deles é compreendido de modo afinado pelos grupos, que indica a postura proibitiva adotada pela Reitoria ao impor o Ato de drogas ilícitas; outro é evidenciado pela acomodação com o uso de maconha no campus possibilitado pelo deslocamento do consumo por parte dos estudantes usuários de drogas ilícitas. E por último, a postura dos não usuários de drogas que apresentam incômodo ante a situação de consumo de maconha, mas também não promovem a discussão na comunidade acadêmica da maneira que defendem sua execução na universidade. Deste modo, observa-se que as esferas que possuem posicionamentos distintos acabam por tentarem garantir o sucesso de seus próprios interesses, sem a afetação mútua dos interesses alheios, desvelando assim, um esquecimento do pensar sobre os fenômenos (valorizado pelos entrevistados) que é abafado pela intolerância.

**PARTE III**  
**Reflexões Finais**

## Considerações Finais

O presente trabalho partiu da tentativa de investigar a respeito do sentido do Ato de drogas ilícitas do Reitor da PUC-SP para os estudantes da Universidade, para isso, foram realizadas entrevistas com dois grupos de alunos; o primeiro era composto por estudantes do Curso de Psicologia que relatavam o consumo de maconha e o segundo por alunos deste mesmo curso que afirmavam não serem usuários desta substância.

A partir do desvelamento dos discursos trazidos pelos grupos, foi possível compreender que possuem entendimentos muito próximos acerca de alguns aspectos apresentados. Nesta direção, indicam que a ação promovida pela Reitoria trata-se de uma política que intencionou a mudança da imagem da PUC-SP na sociedade, assumindo um caráter prioritariamente publicitário, afirmando-a como instituição mais organizada, que não permite o uso de drogas ilícitas no Campus Monte Alegre.

Os grupos ainda concordam que o Ato de drogas como uma ação ineficaz, pois não impediu o consumo de drogas ilícitas na PUC-SP, porém influenciou este consumo no sentido de uma reorganização espacial. Assim, os alunos afirmam que a política de drogas da Reitoria foi fortalecida pela Lei Anti-fumo que propõe o impedimento do consumo de drogas passíveis de fumo em locais fechados, pois colaborou com o deslocamento do consumo, que ocorria em diversos locais do Campus, para determinadas localidades, como os centros acadêmicos. Logo, ocorreu um encobrimento do uso, já que o consumo nos C.A.'s tornou este fenômeno menos visível, porém, os entrevistados consideram que não ocorreu uma diminuição da quantidade de maconha consumida na universidade, pois afirmam a intensificação do uso nestes espaços.

A fixação do consumo de maconha nos centros acadêmicos promoveu um rearranjo do modo que os alunos ocupam este espaço, que se tornou predominantemente habitado por pessoas que consomem drogas fumígenas, lícitas e ilícitas. Desta forma, os não usuários de drogas apresentam a questão do incômodo com o consumo nesta localidade, por se sentirem excluídos do C.A.

devido a fumaça e não compartilharem do uso de maconha. Ainda sobre este mesmo assunto, o grupo de usuários, ao passarem a consumir drogas ilícitas dentro do C.A., acabaram por utilizar um espaço destinado a articulação de alunos para resistirem ao Ato de drogas da Reitoria. Apesar de solucionarem o problema do impedimento ao uso de maconha no Campus, o consumo no C.A. aponta para uma possível desarticulação política dos estudantes, já que deixou de ser frequentemente utilizado por não usuários.

O modo de lidar com o uso das drogas que se revela a partir da proibição é criticado pelos grupos por não possibilitar um pensar sobre a temática envolvida, sendo que também desafina a aspectos culturais da PUC-SP, como instituição que promove o questionamento do modo que a sociedade se organiza. Porém, ao mesmo tempo que apresentam essas compreensões, os alunos dos dois grupos não apontam que ocorreu uma grande mobilização estudantil acerca do debate do uso de drogas ilícitas na universidade, considerando a realização de eventos pontuais que promoveram o debate sobre o assunto. Tanto a postura da Reitoria de implementar a proibição, quanto o posicionamento do grupo de usuários que não se revela incomodado com a estruturação do uso na universidade, e também, do grupo de não usuários que revelam incômodo com esta situação, deixam de promover a mobilização da comunidade acadêmica para exercerem o importante papel da PUC-SP de valorizar a reflexão, evidenciado no discurso dos estudantes. Logo, este modo de lidar com a situação que se revelou aponta uma atitude de centramento nos interesses que se apresentam com mais agradáveis a cada uma das três instancias citadas, caminhando no sentido da intolerância.

Assim, foram levantados apontamentos referentes a uma ética pautada em um referencial fenomenológico-existencial. Deste modo, a partir do resgate que Heidegger (1993) faz da indeterminação e finitude que marcam o modo de existir humano, torna-se possível pensar a ética a partir de outros parâmetros que não se restrinjam a definição de modos ou regras que tivessem a finalidade de garantir uma boa co-existencia, mas apontaria para a necessidade de reconhecer aquele que é vizinho, no sentido de trazê-lo a proximidade, encarando-o de modo que seja possível deixá-lo ser livre para seu *vir-a-ser* mais próprio.

A partir do alcance do presente trabalho, revelam-se questionamento de grande importância para outros estudos que caminhem nesta mesma direção apresentada, no sentido de pensar sobre a possibilidade de adotar uma política de

drogas na âmbito universitário a partir de um modelo não proibicionista (“Guerra as drogas”), ou considerar se um projeto preventivo relacionado ao uso de drogas e a ética-existencial proposta poderia se apresentar como um melhor caminho.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, C.P.; ONG, L. F. S.; SOARES, R. T. C.; VILELA, L. G. **Entre Mitos e verdades: a compreensão do aluno sobre a prevenção ao uso de risco e dependência de drogas na escola**. Pesquisa de Iniciação Científica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009

ANDRADE, A.G.; QUEIROZ, S.; VILLABOIM, R.C.M.; CÉSAR, C.L.G.; ALVES, M.C.G.P.; BASSIT, A.Z. - Uso de álcool e drogas entre alunos de graduação da Universidade de São Paulo. In: **Rev ABP-APAL** 19(2): 53-59, 1997

BURGIERMAN, D. R. Maconha: coleção para saber mais. **Super Interessante**. São Paulo: Editora Abril, 2002.

CANUTO, M. H. A.; FERREIRA, R A F; GUIMARÃES, E. M. de B. Uso e abuso de drogas ilícitas por jovens do 1º ano da Universidade Federal de Goiás. **Rev Paul Pediatría** 2006;24(2):135-42.

CARNEIRO, H. Breve Histórico do uso de drogas. In: SEIBEL, S. D. In: **Dependência de drogas**. 2 edição, São Paulo: Atheneu, pp. 9-26, 2010.

CAVALLARI, C.D.; SODELLI, M. Redução de Danos e Vulnerabilidades enquanto Estratégias Preventivas nas Escolas. In: SEIBEL, S. D. In: **Dependência de drogas**. 2 edição, São Paulo: Atheneu, pp.795-809, 2010.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** 9ª edição. São Paulo: Centauro, 2005.

DUARTE, A. Heidegger e a Linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. **Natureza Humana** vol. 7, n. 1, p. 129-158, jan.-jun. 2005, PUC-SP.

ESCOHOTADO, A. **Las drogas**. De los orígenes a lá prohibición. Madrid. Alianza Editorial, 1994

\_\_\_\_\_. **História general de las drogas**. 3ª edição, Madrid, Alianza, 2000

FIORINI, J.E.; ALVES, A.L.; FERREIRA, L.R.; FIORINI, C.M.; DURÃES, S.W.; SANTOS, R.L.D., ET AL. - Use of licit and illicit drugs at the University of Alfenas. In: **Rev Hosp Clin Fac Med S. Paulo** 58(4): 199-206, 2003.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4ª edição. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993

\_\_\_\_\_. **Seminário de Zollikon**. Editado por Medard Boss. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2001.

INWOOD, M. J. **Dicionário Heidegger**. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

KARNIOL, I.G. Cannabis Sativa e derivados. In: SEIBEL, S. D. **Dependência de drogas**. 2 edição, São Paulo: Atheneu, pp.233-234, 2010.

KERR-CORRÊA, F.; ANDRADE, A.G.; BASSIT, A.Z.; BOCCUTO, N.M.V.F. - Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. In: **Rev Bras Psiquiatr** 21(2): 95-100, 1999.

LEMONS, K.M.; NEVES, N.M.B.C.; KUWANO, A.Y.; TEDESQUI, G.; BITTENCOURT, A.G.V.; NEVES, F.B.S.C., et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). In: **Rev Psiq Clin** 34(3): 118-124, 2007.

LUCAS, A.C.S.; PARENTE, R.C.P.; PIKANÇO, N.S.; CONCEIÇÃO, D.A.; COSTA, K.R.C.; MAGALHÃES, I.R.S., et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. In: **Cad Saúde Pública** 22(3): 663-671, 2006

MACRAE, E. Antropologia: Aspectos Sociais, Culturais e Ritualísticos. In: SEIBEL, S. D. **Dependência de drogas**. 2 edição, São Paulo: Atheneu, pp.27-37, 2010.

MATOS E SOUZA. F.G.; LANDIM. R.M.; PERDIGÃO. F.B.; MORAIS. R.M.; FILHO, B.A.C. - Consumo de drogas e desempenho acadêmico entre estudantes de medicina no Ceará. In: **Rev Psiquiat Clin** 26(4), 1999.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. In: **Pesquisa qualitativa em saúde**. 2º Edição. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

O'HARE, P. Redução de Danos: alguns princípios e a ação prática. In: MESQUITA, F.; BASTOS, F. I. (Orgs.). **Drogas e AIDS - estratégias de redução de danos**. São Paulo: HUCITEC, p.65-78, 1994

RIBEIRO, M. Organização de serviços para o tratamento da dependência do álcool. In: **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, 2009

SANT'ANNA, S. N. Os significados do consumo e uso nocivo de álcool e outras drogas na PUC/SP - Campus Monte Alegre - 2005-2007. **Uma questão Acadêmica Desafiadora**. Doutorado (Doutorado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2008.

SILVA, L.V.E.R.; MALBERGIER, A.; STEMPLIUK, V.A.; ANDRADE A.G. - Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. In: **Rev Saúde Pública** 40(2): 208-218, 2006.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. C. A dependência de drogas e a fenomenologia existencial. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse** - nº 11- São Paulo: A Associação, p.85-92, 2002.

SODELLI, M. **Aproximando sentidos**: formação de professores, educação, drogas e ações redutoras de vulnerabilidade. Doutorado (doutorado em Educação: Psicologia da Educação) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Escola e AIDS**: um olhar para o sentido do trabalho do professor na prevenção à AIDS. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1999.

SOUZA, J., KANTORSKI, LUCIANE, P., GONCALVES, S. E. et al. Centro de atención psicosocial alcohol y drogas y reducción de daños: nuevas propuestas, nuevos desafíos. In: **Rev. enferm. UERJ**, abril/junho 2007, vol.15, no.2, p.210-217. ISSN 0104-3552.

STEMPLIUK, V.A.; BARROSO, L.P.; ANDRADE A.G.; NICASTRI, S.; MALBERGIER, A. -Comparative study of drug use among undergraduate students at the University of São Paulo – São Paulo campus in 1996 and 2001. **Rev Bras Psiquiat** 27(3): 185-193, 2005.

SZYMANSKI, H. **Entrevista Reflexiva**: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In SZYMANSKI, H. (Org.); ALMEIDA, L. R.; PRANDINI, R. C. A. R. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, p.9-58, 2004.

TAVARES-DE-LIMA, F. F.; **A educação preventiva no desenvolvimento da criança : o entristecimento e a necessidade de adoção de ações redutoras de vulnerabilidades para a "educação psíquica"**. Tese de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2008.

TOSCANO, A. Jr. Um breve histórico sobre o uso de drogas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. Jr. In: **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, pp.7-24, 2001.

WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G de . The use of alcohol, tobacco and other drugs among Brazilian college students. In: **Rev. Psiq. Clín** 35, supl 1; 48-54, 2008

Wagner, G.A.; Stempliuk, V.A.; Zilberman, M.L.; Barroso, L.P.; Andrade A.G - Alcohol and drug use among university students: gender differences. In: **Rev Bras Psiquiatr** 29(2): 123-129, 2007.

## Anexos

## Anexo I

Revista Veja SP, Ano 2009, edição 2117

### Educação

# Decisão por combater maconha cria polêmica na PUC

## A reitoria finalmente decide lutar contra o uso de drogas no câmpus de Perdizes

Por Camila Antunes | 17/06/2009

Durante muito tempo, a reitoria da Pontifícia Universidade Católica (PUC) foi conhecida por fazer vista grossa às rodinhas de estudantes que compartilhavam cigarros de maconha no câmpus de Perdizes. Espaços como o Pátio da Cruz e a "prainha", como é conhecida a área de acesso ao prédio principal, ficavam muitas vezes envoltos em um fúmacê e um cheiro de mato queimado que denunciavam o uso da droga. "A maconha faz parte da cultura universitária e não me incomoda", diz Aline Vianna, de 21 anos, aluna do curso de letras. "Percebo que aqui não vale a lei nacional, que eu considero hipócrita", acrescenta sua colega Raysa Pereira, de 19 anos. Embora boa parte dos alunos declare não usar drogas (caso das três moças fotografadas para esta reportagem), a maioria evita discriminar quem o faz. "Incomoda-me levar fama de maconheira", afirma Juliana de Andrade, de 26 anos. "Mas creio que aceitar quem fuma é uma questão de tolerância."

Não é. A Lei Federal nº 11 343 considera o porte de maconha crime. O consumidor flagrado com a erva pode ser obrigado a prestar serviço comunitário e a participar de programas de desintoxicação. Dependendo da circunstância e da quantidade de droga apreendida, corre o risco de ser considerado traficante. Pesquisas indicam que 9% dos usuários de maconha se tomam dependentes severos. Está cientificamente comprovado que ela leva à busca de drogas mais pesadas. Causa espanto, portanto, que seu uso tenha sido até então ignorado numa das mais prestigiadas universidades de São Paulo. "Assim como em qualquer família, fingia-se que o problema não existia para não enfrentá-lo", declara o pró-reitor Hélio Roberto Deliberador.

Quando assumiu o cargo de reitor, no fim de 2008, o professor Dirceu de Mello decidiu mudar essa postura. Em abril, enviou aos mais de 16 000 alunos e aos 1 500 professores um e-mail no qual reportava a decisão de iniciar um "enfrentamento franco do uso de drogas no câmpus Monte Alegre", em Perdizes. A primeira ação foi treinar 120 seguranças da empresa Graber para abordar quem acendesse cigarros de maconha. Agora eles devem exigir que sejam apagados e também tomar nota do nome, da classe e do curso ao qual o aluno pertence. Assim, a reitoria tem como chamá-lo para uma conversa. Não se prevê envolver a polícia ou ameaçar o estudante com expulsão. No máximo, ele será aconselhado a participar de um grupo socioeducativo. Outro detalhe: os centros acadêmicos estão dispensados da vigilância dos bedéis. À porta da agremiação de ciências sociais, um cartaz provoca: "Aqui pode! Fume à vontade".

Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2117/decisao-por-combater-maconha-cria-polemica-na-puc>>. Acesso em: 20 de Maio de 2010 às 22h.

Anexo II: O Ato da Reitoria da PUC-SP sobre drogas ilícitas no Campus



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Reitoria



NRR 2009/563

Na reunião a que se reporta o despacho de fls. 4, abaixo, com participação do Reitor, do Prof. Hélio Roberto Deliberador (Pró-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias), do Prof. Mário Augusto Fontes (Assistente Especializado do Pró-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias) e da Profa. Márcia Cristina de Souza Alvim (Diretora do campus Monte Alegre), decidiu-se pelo enfrentamento franco do problema envolvendo o uso de drogas no campus Monte Alegre. Enfrentamento que far-se-á em duas frentes: a relacionada com os usuários, propriamente, e a referente aos traficantes.

Quanto à primeira frente, o que fica desde logo determinado é o rigoroso engajamento da segurança interna da Universidade nas atividades de fiscalização e controle de possíveis usuários: apontamento dos casos e levantamento de nomes, com pronta comunicação, para as providências de rigor, à Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias. Nesse sentido, para determinações à Direção da GRABER Sistema de Segurança Ltda., reunião que fica designada para o próximo dia 22 às 15 horas (Reitor, Pró-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias, Assistente Especializado do Pró-Reitor de Cultura e Relações Comunitárias e Diretora do campus).

Quanto à segunda frente de enfrentamento – traficantes –, contactos com a Polícia, para ação fora dos limites territoriais da Universidade e providências de lei, serão diretamente conduzidos pela Reitoria, pela Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias e pela Direção do campus Monte Alegre.

Justifica as medidas ora adotadas o interesse maior da comunidade puquiiana (e inúmeras as reclamações a respeito), cuja respeitabilidade não pode ficar à mercê de minoria refratária ao cumprimento de regras básicas de convivência (aspectos ético e legal).

Ciência deste, em especial, às Direções da APROPUC, AFAPUC, Centros Acadêmicos e Atléticas. Assim como aos Srs. Secretários Executivos da Fundação São Paulo.

Divulgação a toda coletividade universitária, por fim, através dos processos usuais de comunicação.

São Paulo, 13 de abril de 2009

  
Prof. Dr. Dirceu de Mello  
Reitor

Rua Monte Alegre, 984 - Perdizes - 05014-901 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel.: 3670-8278/ 36708279

## Anexo III:

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Sou aluno do curso de Psicologia da PUC-SP e estou fazendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Este trabalho visa uma formação completa e abrangente de seus participantes para a melhoria do ensino da graduação de forma geral.

Em função disso, peço a colaboração para participar do projeto:

Política de Drogas e Universidade: uma compreensão Fenomenológica Existencial

O trabalho é supervisionado pelo Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli e temos o compromisso ético de manter o sigilo sobre as informações veiculadas, a preservação de sua identidade, bem como garantir que a desistência na participação será feita sem quaisquer impedimentos ou justificativas e em caso de necessidade de sua parte, esta se prontifica a atendê-la para esclarecimentos.

Pedimos sua autorização para a realização deste trabalho.

São Paulo, de de 2010.

Profissional Responsável: Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli CRP06/46337-5

**Autorizo a utilização do material coletado para a realização de pesquisa conforme acima explicitado.**

Nome do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

R.G.: \_\_\_\_\_

Nome do(a) Entrevistador(a): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome do Pesquisador (a) Responsável: Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli

Assinatura do (a) Profissional Responsável: \_\_\_\_\_

## Anexo IV: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP**  
**SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE**

Protocolo de Pesquisa nº 113/2010

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Psicologia  
Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a). Marcelo Sodelli  
Autor(a): Filipe Aburaya Yamaki

**PARECER** sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Políticas de drogas e universidade: uma compreensão fenomenológica existencial*

### CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

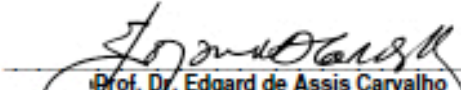
No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

### CONCLUSÃO

Face ao parecer consubstanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de **03/05/2010**, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **113/2010**.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 03 de maio de 2010.

  
Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

## Anexo V:

### **Entrevista com o grupo de estudantes usuários de maconha**

Pesquisador: Como vocês compreendem o ato do Reitor de intensificar a proibição ao uso de drogas no campus?

Grupo: a decisão dele, ou como isto esta acontecendo de fato?

Eu acho que isso tem a ver. Você pode falar um pouco mais sobre isso? O que gerou a pergunta?

Grupo: é... Porque, a gente sempre da um jeito, sempre consegue, não é nem um pouco difícil, então a proibição deles faz pouco efetiva, então eu não sei se tem mais um valor político e diplomático do que de fato efetiva. Ainda mais que a gente conta com a conivência dos GRABBERS que nunca fica claro se é uma orientação deles a permissividade ou é a "gente finisse" de cada um assim, muitos fazem vista grossa e muitos... sei lá, você está fumando descaradamente o único baseado do pátio da cruz o cara vai lá e te aborda, mas muitas vezes mesmo quando não podia antes, já não podia antes, e rolava uns 3 antes e o cara passava e fazia vista grossa...não sei...

Grupo: Você fumou no pátio da cruz agora? Agora depois dessa lei do fumo?

Grupo: Eu já fumei baseado lá depois dessa lei do fumo

Grupo: É então, é que eu tava pensando agora é que um ambiente seguro independente do GRABBER é o Centro Acadêmico, só que são poucos os que permitem até o cigarro, quanto mais à maconha.

Grupo: Então, mas uma coisa que eu achei engraçada, nessa semana eu estava fumando cigarro na "prainha" e o segurança virou pra mim e falou assim, "então entra no C.A. Ou vai para a rampa", só que o C. A. Em relação a essa lei do fumo é mais proibido que a "prainha".

Grupo: é

Grupo: Então existe também uma conivência dos Grabbers (seguranças) em a gente fazer algo que é proibido, não só em relação à gente fumar um baseado, porque aí...

Grupo: Eu acho que não é só conivência, porque ai o cara vai ficar arrumando problema o dia inteiro? Vai lá, vai fumando, vai, vai, pode ser...

Grupo: Não, conivência é que ajudar a gente ajuda ele também, não causa problemas

Grupo: assim é que ele está seguindo as ordens.

Grupo: É. Ele não quer saber se no C.A. pode, ele sabe que aqui não pode e é isso que ele vai garantir.

Grupo: É que ele não pode deixar acontecer ali na... é que tem uma câmera vigiando pra ver se ele vai fazer isso na verdade ou não...

Grupo: Na verdade é isso...

Então vocês acham que tem uma questão maior de seguir as ordens do que uma mudança?

Grupo: Na verdade, pra mim assim, eu acho que uma coisa é isso, como a gente sente na prática que na verdade não muda nada, porque você muda o lugar que você vai fumar e... Enfim, mas o que eu acho é que é uma decisão do Reitor, é um jeito do reitor de lidar com a questão que não muda nada, ele não faz... ele não traz a discussão para um ambiente universitário, ele faz como é lá fora, a sociedade se organiza pelas leis e aqui dentro eu acho que, pra mim pelo menos, uma universidade é o espaço de se questionar como as coisas estão sendo construídas lá fora e ai querer lidar com a questão da maconha na universidade deixando a proibição, a fiscalização mais rigorosa, tudo bem...é um jeito, mas esse rigorosa é bem entre aspas, que é o que todo mundo está falando, porque todo mundo dá se um jeito, enfim...e não traz discussão, não traz a problemática para pensar também.

Grupo: é mais uma medida socio-educativa usada como punição.

Grupo: Acho que além do mais, esse enfrentamento, esse dito enfrentamento que ele se propôs a fazer, na minha opinião é muito mais uma promoção da própria reitoria, da própria figura dele do que qualquer outra coisa.

Grupo: é de fato, se ele se debruçasse em algum problema de fazer com que a galera consumisse menos droga no campus ele ia ter um resultado mais efetivo.

Grupo: Sei lá, teoria da conspiração e tal, mas eu acho que a questão menor aí é o uso de drogas, o uso de maconha, é muito mais a propaganda na minha opinião pelo menos que ele conseguiu com VEJA e com milhões de jornais por aí, simplesmente pelo fato de soltar a bomba. "Vamos lembrar para o mundo que se usa maconha... Que se usa drogas de um modo geral dentro da PUC" e com isso ele ganhou um destaque, uma causa, uma luta...

Grupo: E até uma ridicularização... os caras do CQC pararam o Hélio na frente..

Grupo: Pro bem ou pro mal...

Grupo: É... mas falou...apareceu

Grupo: A tirada deles (do CQC) foi "Agora que a maconha foi proibida na PUC"

Grupo: Tem essa questão... existe um movimento humano que é assim...de liberação e de desconstrução do puritanismo, mas que também levanta as suas bases reacionárias, tem muita gente que quer mesmo o controle.... E fica em choque.

Grupo: Isso na PUC é quase cômico assim, porque tem esse casamento de uma tradição comunitária e ser propriedade da Igreja... E como essas coisas se dão aqui dentro é completamente diferente de lá fora.

Grupo: O fato das drogas e do outro é exatamente pela Igreja, a gente ter a liberdade de fazer o que quiser aqui e ninguém invadir, ou pelo menos ter esse acordo pelo respeito que a Igreja Católica detêm no nosso país, acho que foi muito mais por esse lance ai e com a história da PUC veio com essa questão de revolução, de mudança de comportamento, de atitude, só que a nossa posição aqui hoje em dia para usuário de droga não a ver com isso, é um bando de vagabundo mesmo enchendo a lata e ficando "loução" mesmo e que "se foda", não tem nada de mudança, mas em um primeiro momento aqui na PUC onde as drogas ganharam esse espaço acho que a idéia era outra, por isso acho que é necessária uma discussão disso, não nessa forma, não proibindo, se a pergunta é essa "o que é que levanta a atitude do Reitor?", levanta é que ele ta bem bobo no que ele está fazendo, mas ele está conseguindo o destaque que ele quer.

Você poderia falar de como vê a efetividade desta ação?

Grupo: efetividade nenhuma, só efetividade de propaganda pra ele

Grupo: é... de holofote...

Grupo: é a única efetividade, mas acho que é assim, como tudo que tem a sua utilidade, se eu for exprimir assim, então essa questão levantou essa discussão mais um pouco e de alguma forma as drogas são uma coisa que atravessam a humanidade desde sempre e a gente ta querendo sempre abafar esse tema, esse e outros tantos, pelo menos foi mais um motivo para ele aparecer... "a droga...ah...maconha...ah..se fuma? Fuma, fuma uma pá de gente" , então vamos fazer uma....

Grupo: ...universitários... teoricamente são pessoas que são o futuro...

Grupo: tem muita gente nesse mundo ainda que é contra isso dentro da nossa própria geração.

Grupo: só fazendo um gancho com o que você falou, acho que independente das formas e dos objetivos com que a reitoria, enfim, se utilizou, se fez fazer, eu acho que essa questão do abafamento, acho que pelo menos ela trouxe..., inclusive a gente ta aqui pelo motivo que isso fez surgir, fez emergir, que eu acho que, enfim, a questão do uso de drogas aqui ela parece que já faz parte do cenário, que é natural, você chega aqui PUC e assimila esse...

Grupo: É... quem se ofende com isso, aguenta.

Grupo: Mas eu acho que independente das formas...

Grupo: Na minha cabeça acho que PUC e drogas é quase a mesma palavra.

Grupo: mas é uma coisa que faz parte do cenário, uma coisa naturalizada, você chega aqui e sabe... antes de entrar aqui eu já sabia como é que era, sabia por relatos, por pessoas...

Grupo: acho que deve até ter pesado na sua escolha... não?

Grupo: acho que não... acho que não....

Grupo: Até porque, tipo, na USP, se é que fosse a outra opção também...

Grupo: exatamente...

Grupo: isso é o que eu fico pensando, porque é meio comum a todas as universidades públicas do país que tem um campus com espaço mais aberto...

Grupo: Mas na PUC é gritante porque não tem um campus mais aberto...

Grupo: exatamente...

Grupo: Mas quando a gente entrou, a gente ouviu esse discurso, que a PUC é uma universidade particular com cara de universidade pública... a gente também imaginava que isso também tava envolvido com goteira, falta de material..."tudo fudido", mas enfim, isso foi uma coisa que eu pensei agora...que me chamou a atenção

Grupo: Eu lembro da aula do Bruttin que ele perguntou se a gente fosse fazer... Ele esta falando de símbolo, alguma coisa... Se a gente fosse fazer um símbolo da organização PUC, as duas coisas que surgiram foram uma folha da maconha e um Bob Marley...

Pesquisador: Vocês falaram da discussão... Que de certa forma o ato trouxe uma discussão... Alguém quer falar como se deu esta discussão? Em que nível chegou essa discussão sobre a temática?

Grupo: Acho que essa discussão está em andamento, ela está ganhando a proporção dela no espaço mais consciente...

Grupo: Mais ou menos, eu acho que tem um limite de amplitude claro ao mesmo tempo que todo mundo discute a gente fala, quando o Grabber vai embora, agente comenta, mas eu não sei o que de faz pelas pras instâncias institucionais mesmo abrirem isso como um ponto para todo mundo

PESQUISADOR: Como é esse comentário que se da quando se dá o episódio depois que o segurança vai embora?

Grupo: Ah... Tipo, tem pessoas que falam que acham que o Grabber é um saco... "ah..ta bom"...meio que mal trata pra ele calar a boca logo.

Grupo: Ah ta, mas ai você já está voltando para a discussão de como é a política daqui...

PESQUISADOR: é isso...

Grupo: Eu to pensando mais na questão da discussão da droga em si, não só da política...

Grupo: Ah então, mas uma coisa que eu presenciei também, tem Grabber que faz questão de chegar na estupidez...

Grupo: É...

Grupo: Tem alguns que são muito educados...

Grupo: Tem mais um trato interpessoal aí que...

-muitas pessoas falando de uma vez-

Pesquisador: Espera ai gente. Calma. Um de cada vez se não depois não vou conseguir... (entender o que foi gravado).

Grupo: Mas assim, tipo, quando a gente está fumando na frente do C.A. E o cara fala pra você dar cinco passos, porque aqui não pode e ali pode e você fala "ta bom"... vai lá e ali pode... Com a maconha, grosso modo, é a mesma coisa... Então o que a gente fala nas costas do Grabber é qualquer coisa que compreenda ele no trabalho dele e rapidamente coloque a gente no que a gente quer fazer de novo... entendeu? Então a problemática ou qualquer conflito que tenha ai acaba assim que o Grabber deixa a gente fumar no lugar onde a gente possa fumar... Eu fico me perguntando assim, se de fato em nenhum lugar da PUC pudesse fumar, ai alguma coisa iria acontecer, mas mesmo abrindo pra Veja ou não abrindo para a VEJA, se ele queria outras coisas além de proibir as drogas, tipo, isso, não sei o que vocês acham disso, mas eu não acho que é verdadeiro o teor do conflito que se discute

enquanto o comportamento é sempre dúbio, que depende mais da sua relação com aquele Grabber que é mais gente fina que o outro do que de fato você ter uma posição de fato da faculdade e uma efetivação desta posição..entendeu?

Grupo: Mas tem uma coisa que é assim, não sei nem se era o plano do Reitor mesmo exterminar o uso de drogas aqui na PUC. Acho que a idéia mesmo era revelar para a mídia que a gente pretende também abarcar o outro perfil de estudantes que possam frequentar a PUC também... e acho que isso ele conseguiu....de fato...que é divulgar “Não...a PUC não tem só estudantes que vão para a PUC só para usar droga...”

Grupo: e a política da droga não vem sozinha, tem todo o... Tem o violão, tem a máquina f...

Grupo: Acho que foi mais nesse sentido, a atuação dele só visou isso, não visou de nenhuma forma combater o uso

Grupo: Os caras tão querendo mudar a cultura da PUC também...

Grupo: E tão mudando já...

Grupo: E tão mudando para fora e...

Grupo: Eu vi assim, faz parte do plano de Marketing deles...

Grupo: é exatamente...

PESQUISADOR: e pra você? Como você acha que é essa questão de mudar a imagem da PUC... dessa publicidade?

Grupo: De mudar a imagem da PUC?

PESQUISADOR: então qual a finalidade de mudar a imagem da PUC?

Grupo: eu acho que ela pode ser só maquiada, mudar, mudar, não...

Grupo: Não vai mudar...

Grupo: Até porque as coisas não vão mudar aqui, é só para quem esta de fora poder ter uma impressão diferente...

Grupo: Mais ou menos, porque eu acho que a longo prazo...

Grupo: A longo prazo outras pessoas vão entrar aqui, eu penso que a PUC ela é composta pelos que estão a aqui

Grupo: exatamente...

Grupo: A nossa cabeça é essa a partir do momento que outras pessoas, com outra visão vão começar a entrar, a PUC vai mudando a sua cultura...

Grupo: Os caras tão intencionados em mudar a cultura, aos pouquinhos eles...

Grupo: Tem a crise das faculdades particulares, que ta precisando pegar mais gente pra trazer para a faculdade, mais estudantes e tem essa questão de abrir essa questão cultural para abarcar mais alunos, acho que é essa a finalidade...

Grupo: Esse é mais um passo pra daqui a pouco por catraca aqui, pensando bem, ta ligado... Se for esse modelo mais comercial, mais...

Grupo: Acho que tem outra questão além da publicidade...

Grupo: Uma das propostas do Reitor é não fazer isso, não se ele teria essa...

Grupo: Também não sei se vai ser no mandato dele...

Grupo: Acho que isso demora mais tempo...

Grupo: precisa demorar um pouco mais, porque eu acho que pra chegar esse ponto precisa haver uma concordância melhor da comunidade...

Grupo: eu acho que hoje em dia não tem a cara da PUC ter catraca...

Grupo: Exatamente... a esmagadora maioria não concorda com isso, mas eu não duvido que daqui ha algum tempo as pessoas comecem a concordar com isso... Que nem o M. Me falou hoje que sumiram umas coisas do C.A. E isso para muita gente vai ser resolvido na hora que você colocar uma catraca... tem muita gente que valorizaria isso de forma a se por, se submeter a isso...

Pesquisador: eu queria retomar só uma parte da pergunta... Você falou que às vezes as pessoas se incomodam, não é? Como você vê essa questão do incômodo das pessoas?

Grupo: Então, eu não vejo de maneira direta, nunca, nunca, e eu fumo aqui desde antes de entrar aqui há alguns anos... Nunca vi uma abordagem do tipo "Você pode fumar ali. não curto" ou então " Ai, seu maconheiro...", não, nada, nenhuma abordagem de quem não fuma e se incomoda perante a pessoa que ta fumando, eu vejo, eu penso, não há de ser unânime...

Grupo: eu já, bastante...

Grupo: Não há de ser unânime de uma faculdade tão densa que nem a PUC, fisicamente densa, tem muita gente em vários cursos, em vários períodos, não é possível que todo mundo ache ou aprove... não sei o que, mas eu imagino que os que não gostam esquivam...

Grupo: Eu penso, por esse lado, na verdade, os que fazem uso de drogas na PUC são aqueles que mais freqüentam a PUC mesmo, o resto do público da PUC é muito rápido...

PESQUISADOR: O que é frequentar a PUC então?

Grupo: frequentar é ficar um tempo a mais, entendeu? É a hora que você vai fumar o seu baseado... em alguma hora você vai estar fumando ele...ou você vai ta na saída, ou na entrada, então você vê outras pessoas e acaba se relacionando só com as pessoas mesmo, a grande maioria que usa...de resto, a esmagadora maioria que não faz uso de drogas aqui na PUC entra e sai...poucos ficam...

Grupo: eu Não sei... Eu sou uma pessoa que não faço uso aqui dentro, por exemplo, e eu tenho uma presença muito grande e assídua...

Grupo: Você tem...

Grupo: Você... uma pessoa, é isso que eu estou falando...pensa o resto...

Grupo: Eu não sei se são todas, a maioria, eu não sei se da pra pensar dessa forma, se as pessoas que usam droga ficam mais, se fumam... se tão fumando e acabam ficando...

Grupo: Eu to dando a minha presença da minha perspectiva, da minha estatística, do que eu vejo e falo... lógico que no seu caminhar você pode encontrar outras coisas, mas no meu caminhar...

Grupo: Tem uma questão que acho que dentro do C. A. Muitos alunos que não se utilizam de drogas não entram lá porque se sentem incomodados com a fumaça e tal...

Grupo: e é antidemocrático isso.

Grupo: e não ficam e não freqüentam o centro...

Grupo: ta virando uma discussão agora, mas isso não é uma discussão, isso é quase um acordo de silêncio... ninguém faz nada, ninguém fala nada a galera chega lá e acende ....

Grupo: já teve essa discussão... bastante...

Grupo: não tinha discussão... mas desde o primeiro dia que pisei aqui já conhecia a molecada, o "pessoalzinho", "as meninhas", eu chegava ali e queria ir, interagia....mó cheiro de cigarro, para, nem frequento...

Grupo: mas isso não chega ao conhecimento da maioria, por mais que... discussões sobre isso aconteceram até na época do "o que vamos fazer com o C.A. E antes disso...mas esse é o ponto, é uma minoria que participa, não da pra dizer que não, é uma minoria. A grande maioria sabe o que vai acontecer, não se interessa, não vai atrás....também não acho que a informação não chega até as pessoas, acho que chega...mas as pessoas não vão, não vão participar disso, porque é isso, é uma

coisa que ta institucionalizada...

Grupo: Só uma coisa, voltando a aquela história de que as pessoas que... da sua pesquisa..que fumam...da sua análise...da sua estatística....que você falou...que as pessoas que fumam tem uma frequência maior na universidade, pensando no Centro acadêmico, pensando nos espaços de convivência, os espaços de convivência são marcados por pessoas que só fazem uso...realmente...se você for pensar, você vai ter pessoas ficando mais na universidade do período extra-aulas, pessoas que fazem uso, compartilham o uso e tal... Porque tem uma relação também com os espaços de convivência

Grupo: tem uma ocupação que se faz deste espaço.

Grupo: Então acaba também, não acho que essas pessoas não frequentem também porque elas são desinteressadas, mas também porque elas são excluídas destes espaços de convivência...

Grupo: Era exatamente isso que eu estava falando... exatamente por não ter esse espaço...exatamente por esse exemplo que eu dei...falando assim, nas meninas que entram, que acabaram de entrar no primeiro ano...quantas e quantas param e olham..."nossa, é a porta do inferno"...

Grupo: Acho que a gente ta pensando muito em termos de direitos, um espaço que é reservado, um direito que diz um poder ou não poder, mas tem uma organização que se faz e uma organização que acontece... não diria que as pessoas são excluídas daquele espaço, mas verifica-se aquele espaço, o C.A. Estou falando, verifica-se muito mais usado pelas pessoas que usam cigarro, maconha e estão fazendo seu social extra-aula, do que...

Grupo: Mas é muito mais uma exclusão simbólica... não é nem uma exclusão física...

Grupo: Ok, entendi, não acho que os caras mandam embora quem não fuma, mas até que ponto você quer fazer valer um direito porque ele deve ser um direito democrático e até que ponto você deve respeitar a ocupação que se deu no espaço....porque se foi uma ocupação que se deu no espaço sem conflito, porque não tem a briga de "tirem a maconha do C.A", então é uma ocupação legítima aquilo, não é ilegítimo, não é que as pessoas que não usam droga....não existe essa luta, então não existe essa prioridade...

PESQUISADOR: E onde fica o lugar... Você poderia falar um pouco mais deste direito das pessoas que não consomem?

Grupo: Então, não... eu não sou uma delas...

PESQUISADOR: Então, como você entende que se dá esse direito?

Grupo: Meu, eu to falando do direito que está no papel, o C. A. É um centro acadêmico para os estudantes...os estudantes fumam, os estudantes não fumam...então o direito é qualquer pessoa que for estudante pode usufruir...

Grupo: Participar no mínimo da decisão...

Grupo: Participar da decisão, de qualquer atividade, de passar tempo lá, qualquer coisa...

PESQUISADOR: Mas eles se sentem incomodados em...?

Grupo: Eu não me sinto nem um pouco capacitado pra falar isso, porque não é o que agente vê, não é uma conversa que tem... então seria uma especulação bizarra

Grupo: Mais ou menos para ver se te ajuda... (falando para o entrevistador)...Quando as mulheres da “Casa do Psicólogo” estavam lá, quando elas trabalhavam, elas não fumavam nem cigarro, nem nada, elas pediam pra gente não fumar no horário comercial que elas trabalhavam e tipo, cada vez que alguém fumava elas saiam e diziam “por favor, a gente não quer fumar...vocês estão fumando, a fumaça vem pra cá...a gente sofre...”. Então quem queria parava, quem não queria não parava... E geralmente as pessoas ou paravam de fumar, iam para a janela ou iam para outros lugares... É mais ou menos assim que funciona quando alguém se queixa...

Grupo: bom, acho que o espaço de respeito ele existe, mas ele tem que ser batalhado de certa forma, aqui a gente tem um pouco dessa liberdade, mas acho que essa discussão mesmo do cigarro, desta proibição do cigarro em ambientes fechados, acho que isso levantou aparentemente eu não vi surtir isso, mas eu acho que a longo prazo vai...eu acha que o grande ganho desta questão é o respeito ao ser humano, respeito ao outro que de olhar e falar dane-se fumar, beber, cheirar, se eu quero fazer isso comigo, eu faço comigo e não com o outro, entendeu? Esse respeito ele vai acontecendo com o tempo... desta forma, no meio da guerra, agora as pessoas que se incomodavam com o cigarro se sentem um pouco mais no direito de falar, porque antes o C.A. Foi uma ocupação que acho legítima, “to aqui, to fumando, os incomodados que se mudem”, mais ou menos assim, mais ou menos é a nossa sociedade burguesa egoísta, eu por mim...Mas agora aos poucos a gente

vai aprendendo a respeitar as diferenças também dos que fumam, dos que não fumam, aceitar o diálogo, de alguma forma aqui tem esse espaço,

PESQUISADOR: Como você considera essa questão do respeito e o uso de drogas dentro do C.A. Pensando que existem estudantes que não usam?

Grupo: hum...é uma questão delicada...

Grupo: não estou entendendo aonde você quer chegar... Como reagem as pessoas que não gostam?

PESQUISADOR: Não, vocês como pessoas que usam, como vocês compreendem essa questão do respeito?

Grupo: na mesma dimensão que você relaciona com o Grabber, tipo, o direito é o mesmo, ele vai te colocar a mesma regra institucional, só que o cara vai te dar um trato e você vai responder este trato, de uma maneira ou de outra, se o cara for chato, se o cara for legal, como o outro é a mesma coisa,é um relacionamento que você vê "pô, o cara está ai mó de boa" estudando, pediu, foi gentil quando ele pediu pra eu fumar em outro lugar, não vejo por que não... "ou então meu" a menina chata, ela sempre faz isso, não gosto dela, ela que se "foda", eu vou fumar, mas não é uma posição que se tem a respeito de uma situação geral do direito ou do respeito, é sempre um trato particular, tipo assim, na PUC parece que é essa a dimensão na qual ficam canalizada essas podes, não podes, esses respeitos, não respeitos...tipo entre duas pessoas, não...não se pensa amplamente.

PESQUISADOR: Então se dá na situação, é isso que você esta falando?

Grupo: é eu acredito que sim.

Grupo: Então, mas também tem aquele pedido que está escrito nos cartazes de "por favor, fume entre a janela e a bancada", que tipo, a gente querendo não faz, tipo quando eu vejo alguém fumando eu falo ta ligado "tem como você fumar entre esse, por esse espaço aqui , deixa esse lugar livre", ta ligado?

Grupo: eu falo também, e falei bastante, muito tempo e o que os outros faziam era bem isso, depende de como vou falar, tem neguinho que fala "se você não tivesse sido gentil, eu ia te mandar a merda e ia pra cima de você".

Grupo: obviamente, é a pura verdade.

Grupo: mas é receio que os outros tem de ser abordado e "ó, será que você pode não fazer o que você está fazendo aí?"

Grupo: por esse lado, a gente aqui... O não fumante, ele passa um pouco mais mal, sofre mais, porque o fumante que já chega meio que no direito, tipo eu acendo, foda-

se você, se você estiver incomodado, você que fale pra mim..."ou, por favor...", na verdade acho que é assim, essa consciência ainda não apareceu agora, mas acho que essa é uma discussão porque tende a isso, na verdade quem tem que pensar é o oposto, antes de eu acender o cigarro olhar e pensar assim, "será que eu vou incomodar alguém?", então eu só to pra mim, a gente é egoísta na hora do bom, né? Na hora do ruim acho que...

Grupo: Ah cara, não acho que isso é um egoísmo...

Grupo: Ah, eu acho, você entrar e jogar o a sua fumaça na minha cara, eu acho egoísmo...

Grupo: Uma coisa é tipo você chegar, mas é muito contextual isso, uma coisa é você chegar num, sei lá, num bando de ...lugar estranho, um bando de gente que você não conhece, você pegar um baseado e vê lá só um bando de pessoal que você acha que não fuma nada, que é um bando de engravatado, sei lá o que aí você pensa, se pá isso é meio fora de contexto... Quando você entrou isso acontecia, você está lá e aquilo só acontece...

Grupo: Então o erro do outro justifica o seu?

Grupo: Então, mas eu não chamo aquilo de erro do outro... É a cultura do lugar, é a ocupação legítima que se deu aí...

Grupo: mas eu estou dizendo que é um desrespeito...

Grupo: Então você está dizendo, então é seu comentário

Grupo: é opinião, é opinião, não é, não é nisso neste ponto não é discutível, eu não tenho direito de ferir você em absolutamente nada e agora a gente já tem n estudos que comprovam que a fumaça que eu estou te jogando ela é agressiva...

Grupo: mas qual é o valor que isso tem para você? Até onde que o cigarro, que o valor do cigarro, o que o cigarro significa é construído tão individualmente assim?

Grupo: é, pelo seu pensamento, assim...

Grupo: na minha história pelo menos, cigarro nunca foi uma coisa só para mim, tem os outros no significado que o cigarro tem para mim...

Grupo: eu to dizendo, não estou dizendo do ato em si...to dizendo de jogar na cara do outro, se você fuma e eu fumo, "tamo aí", esse é o ponto pra mim, a gente assume... Eu sou um drogado a muitos anos da minha vida e eu sempre achei que eu estava correto em fazer aquilo, ao ponto do resto da sociedade é que condena esse tipo de prática, a gente pode ser, tem que ter o lado louco e o lado são da história, você não pode ser nem moralista, ta entendendo, e nem ser loucão e achar

que vai tudo por água abaixo, porque assim não funciona, a gente não respeita mesmo, aqui não, aqui é o drogado que manda, aqui é o fumante que manda...se você não pedir...

Grupo: Então justamente, até onde que o seu meio social que você falou é contra?

Grupo: mas não é questão do meio social ser contra, acho que nem é contra, a questão nem é essa...

Grupo: to discutindo a ...x?...

Grupo: nem to discutindo nada, só to dizendo que essa questão tende a esse lado, tende a equilibrar um pouco mais este processo que é um processo que expande a questão da droga, do espaço, é uma questão de respeito ao humano, é uma questão de respeito ao próximo, é uma questão do direito dele, entendeu?

Grupo: ok, mas isso colocado, o que é mais funcional numa relação? Você imaginar "n" possibilidades de ofensa ao outro, e perguntar sobre essa "z" porque tem coisas que você faz que ofendem.

Grupo: Não, agora você está levando por outro lado, Você entendeu o que eu quis dizer...

Grupo: eu entendi, mas justamente isso...

Grupo: mas é que se você for ao limite dessa sua lógica, é obvio que sim, aonde você quer chegar com isso? Você quer chegar que eu vou ter que...pra rebater o meu argumento você vai ter que...

Grupo: eu quero chegar que tipo, é mais prático pra não falar qualquer outra coisa...

Grupo: Então você que chegar pra mim e dizer que eu tenho que chegar aqui pra você..."olha, se eu te chamar de disso, disso, disso, disso, disso, disso, e disso você vai se ofender?, não, não é isso que eu estou dizendo, você chutou o balde para o outro lado pra tentar desvalorizar o meu argumento e não é assim que funciona...

Grupo: ta bom...

Grupo: eu só estou dizendo que uma agressão é uma agressão, eu fuma em uma sala fechada com você é uma agressão, se você suportar essa agressão e falar "tamo junto", então "tamo junto", agora se você não consentiu isso e eu acendi aqui eu to achando que eu tenho direito de te agredir e foda-se você, não é o respeito ao ser humano, eu não to te respeitando como vida.

PESQUISADOR: Alguém pensa algo sobre a questão do respeito e de fumar no mesmo espaço?

Grupo: Eu não sei, eu tenho uma coisa muito assim, eu já vi muita gente fumando aqui no corredor depois que foi proibido e eu, hoje sempre comento que eu nunca faria isso porque é exatamente isso que aqui é institucionalizado e eu não estou dizendo de regra, de política institucional, mas é institucionalizado que não se fuma nesse corredor, então não se fuma neste corredor, mas eu não me incomodo minimamente de fumar no C.A. Que é um lugar que é institucionalizado que se fuma, é um lugar para fumantes e não fumantes que quiserem ficar lá, considerando que é um espaço que o fumo é legalizado.

PESQUISADOR: Mas é o espaço que o não fumante que fica lá aceita?

Grupo: Sim...

PESQUISADOR: Então só fica lá o não fumante que aceita a fumaça?

Grupo: sim

Grupo: existe uma opressão, não existe uma certa pressão?

Grupo: sim, mas não tem outro jeito, né? Ninguém vai deixar de fumar cigarro dentro do C.A...mas eu acho que é assim, é o espaço, acho que tanto o fumante precisa ter seu espaço quanto o não fumante precisa ter o seu.

PESQUISADOR: Mas como se daria esse espaço do não fumante?

Grupo: pra mim tem uma coisa que é o bom senso, um pouco, sabe? Acho que a gente não precisa depender de uma regra que aqui pode, que ali não pode, e acho que , por isso acho que é uma questão muito mais cultural da relação entre as pessoas, assim. Você fumar em um lugar fechado, realmente é agressivo, mas ir e chegar na janelinha, na porta, conseguir estar no mesmo espaço, pensando que tem alguém ali...

Grupo: é isso que eu to dizendo, que essa questão indica para esta questão do respeito ao humano e não a regra.

Grupo: eu concordo plenamente, acho que é uma questão de bom senso, mas pegando aquilo que você falou, V, da ocupação, que acho que realmente houve uma ocupação e isso foi legitimado, está legitimado, isso, estamos falando em um ambiente institucionalizado de determinada forma, eu acho que daí entrou numa relação de força, que uma instância sai vencedora e esta forte e se manteve, então, será que o bom senso penetra nisso aí, acho que essa é uma questão. Porque....

Grupo: Hoje não existe...rs.

Grupo: O bom senso não tem esse espaço para chegar, hoje não tem uma conversa...

Grupo: emergiu uma determinada força tal, os fumantes, não tem nome, mas isso foi instituído e eu acho que o bom senso é barrado.

Grupo: Mas vocês estão chamando o bom senso de 50% de fumantes e 50% de não fumantes?

Grupo: não, estamos chamando o bom senso de...

Grupo: não, não...respeito

Grupo: se esse bom senso sempre aconteceu, se o cara que acendeu o baseado sempre se preocupou com o cara que tava do lado, sempre escutou a reclamação desse cara e a ocupação ocorreu dessa maneira, não vejo como o bom senso não penetrou ali. Teve todas as chances de ter acontecido.

Grupo: Mas você que hoje o bom senso se faz presente no ambiente como o centro acadêmico da psicologia?

Grupo: Acho que faz.

Grupo: você acha que faz? Eu não sei...

Grupo: o cartaz ali não tem estampado nenhum de oficial, alguém teve essa idéia, podem ter sido duas pessoas ou vinte... Ai o M. Vai lá da maneira mais gentil que ele pode e pede para que aquilo seja válido.

Grupo: e foram fumantes que fizeram aquilo...rs.

Grupo: mas aqui a gente volta para aquela questão das ações individuais de cada um de acordo com as relações interpessoais que cada um estabelece. Se existe bom senso ai, se existe bom senso entre eu e o M. É uma coisa, agora no coletivo acho que não, acho que existem ações individuais, acho que existem ações de bom senso, então assim, uma pessoa que vai lá, que nem o exemplo que M. Falou eu acho bacana, é um exemplo simples..."vai lá, bota o braço na janelinha", ta participando, ta compactuando daquele espaço com o outro e ta respeitando aquela questão, eu acho fantástico, mas eu acho que pensando no coletivo, no ambiente como espaço coletivo, eu acho que não, eu acho que ficam várias individualidades, cada um se relacionando...

Grupo: ou seja, não há um coletivo, não há um bom senso que esteja ou não esteja no coletivo.

Grupo: será que essa consciência coletiva existe? Acho que não existe em nada...

Grupo: que essa lei anti-fumo criou um espaço que é permitido fumar, que é o C.A. Ou é fora da PUC, ou ...

Grupo: na rampa...

Grupo: A lei anti-fumo proíbe o C.A. Quem criou o C.A. Como espaço que se fuma é a PUC.

Grupo: Mas ela intensificou muito o uso daí de drogas e cigarro dentro do C.A. Acho que isso é uma problemática muito grave, porque você não pode fumar fora do C.A. Maconha, nem cigarro, então a pessoa tá incomodada com a pessoa que tá fumando lá dentro, enquanto a pessoa tá fumando e não tem possibilidade de fumar em um outro lugar, então virou um território fixado para ter um consumo.

Grupo: Mas então, acho que o problema disso é a imagem que isso dá pra gente. Entendeu? Ouvir que um funcionário da PUC chega e diz você tem uma seda? A gente dá e o cara fala, não vou entrar aqui só porque o pessoal fala que só por que "entrar na psico" queima meu filme em nível de PUC? Todo mundo fala que sabe que todo mundo que entra aqui fuma maconha. Tipo, ver uma molecada que tá colando do primeiro, segundo colegial aqui do lado, a molecada tá vindo para fumar e a gente tá deixando, vejo os moleques sair e bolando um, mano, o bagulho é um pastel, nem sabe bolar e vem aqui fumar...

Grupo: mas você já fumava maconha antes...

Grupo: tá ligado, mas da vontade de chegar e falar, "você tá na faculdade?, sai daqui..."

Grupo: mas é muito complexo, porque você pode virar e falar assim, muito melhor pra esse molequinho fumar aqui do que em qualquer outro lugar.,fica muito mais protegido. Mas daí pra fazer "comecem sua vida de maconha aqui..."...não.

Grupo: Se eles descobrirem esse lugar, se eles descobrirem que no C.A. Da psicologia pode, eles já estavam.

Grupo: só para comentar o que você falou, de que o fumante não tem outra alternativa sem ser o c.a. Porque ficou proibido fumar lá fora e tal, mas ficou naquelas, eu por exemplo, fumei muitos cigarros aqui na escada do C.A., e na boa, sempre quando dá eu fumo ali, até porque o C.A. É quente "e o caralho", não gosto de ficar lá dentro.

Grupo: na verdade pra mim não tã fumando, a lei não mudou absolutamente nada, continua fumando do mesmo jeito, toda hora, no mesmo dia que falou que a lei tava valendo do cigarro, milhões de professores subindo e descendo, pra lá e pra cá.

Grupo: ah, mas no geral eu percebi uma grande diferença, assim, os lugares pra fumar ficaram muito mais concentrados,

Grupo: sim, ah tá.

Grupo: o C.A. Ta muito mais...

Grupo: Você vê na entrada, sempre tem mais, nas duas entradas, sempre tem mais um burburinho fumando, e tal, mas de modo geral não acho.

PESQUISADOR: Mas como vocês vêem a questão da lei anti fumo e o consumo da maconha?

Grupo: você está falando da PUC?

PESQUISADOR: aqui na PUC. É. Acho que o G. Falou um pouco, como vocês vêem que afetou a lei anti fumo?

Grupo: Então, não acho que afetou, acho que os problemas estavam ai antes e se introduz mais uma variável ali que vai aparecer quando esse assunto for tocado.

Grupo: uma variável que vai dificultar e vai diminuir o consumo também.

PESQUISADOR: Você acha que diminuiu o consumo?

Grupo: ah sim, o pátio da cruz não era assim.

Grupo: acho que é bem no sentido que G. Falou...

Grupo: é...não diminuiu, mudou de lugar,

Grupo: não deixa de ser uma organização.

Grupo: diminui nos lugares que não eram mais passíveis de ...x..., isso diminuiu, não vou fumar em tal lugar porque pode ser que você seja punido por isso.

PESQUISADOR: Você acha que alterou o consumo?

Grupo: deslocou...

Grupo: deslocou...exato.

Grupo: exatamente...quantitativamente não.

Grupo: quantitativamente não.

Grupo: Mas espacialmente, total.

Grupo: Ah sim...

Grupo: Não é uma coisa mais tão aparente...

Grupo: concentrou.

PESQUISADOR: E teve algum outro efeito da Lei?

Grupo: posso só falar uma coisa...eu acho que é exatamente o que eles queriam, eles não quiseram em momento algum lidar com a questão das drogas, mudou a aparência e foi isso assim, a PUC saiu, mudou a aparência da PUC...

Grupo: Os Grabbers gente fina continuam os grabbers gente fina, os chatões continuam os chatões.

Grupo: Você mascarou a coisa, mas momento algum...

Grupo: mas é que ia dismantelar a PUC inteira se você querer trabalhar mesmo a questão do uso de drogas aqui dentro...

Grupo: é...mas essa não foi uma posição...

Grupo: A reitoria não que esse calo no sapato dele ia ter muito.

Grupo: ia dar um trabalho...

Grupo: não foi essa a questão...

Grupo: ia até pegar fogo isso aqui se o cara falasse não entra mais maconha aqui...

PESQUISADOR: eu quero retomar uma pergunta...da discussão que foi gerada a partir do ato do reitor. Em que esfera ficou essa discussão sobre o uso de drogas? Eu acho que você falou um pouco não é V.?

Grupo: eu acho que não mudou mesmo, porque é muito mais o papo de quando o Grabber vai embora a gente fala um pouco disso e logo depois muda de assunto e dá risada, entendeu? Do que movimentou uma conscientização, ou ...

Grupo: teve um movimento eu acho, tiveram várias reuniões e quase todos os centros acadêmicos fizeram um debate, o pessoal do direito fez um debate contra as drogas, a gente da psico fez lá na 333 (sala), teve no "benê" Ali, tiveram várias discussões, mas pra mim assim, todas as discussões caminharam no mesmo sentido...porque que se proíbe e não se trabalha a questão? Todas as discussões que não essa que o Grabber sai e você bate papo, mas discussões que foram institucionalizadas para essa questão, é, nenhuma delas assim, todas elas fora exatamente no mesmo caminho, de o quanto a proibição não trabalha, fica na pontinha do iceberg tentando fazer com que ele não apareça e lá embaixo tá a mesma...na do direito veio um cara, tava um pessoal, tinha um do DENARC, tinha um presidente da OAB, a discussão foi assim, a conclusão de toda história foi qual o sentido de se proibir? Qual é o efeito de se proibir a questão? Ali no "Benê" a mesma coisa e todos os centros acadêmicos optaram por chamar pessoas para comporem as mesas de discussão que fossem na linha anti-proibicionista, tiveram a repressão na PUC...e as discussões foram todas por aí, qual é o sentido disso?

PESQUISADOR: Mas como vocês vêem então essa questão do uso de drogas na PUC? Vocês vêem uma saída? Alguma coisa do gênero?

Grupo: eu não vejo saída, porque eu não vejo um problema...

PESQUISADOR: saída no sentido de organização. Como vocês vêem? Existem pessoas que ficam incomodadas como você falou e ao mesmo tempo tem o ato do reitor que proíbe, como vocês vêem que deveria ser manejado?

Grupo: a gente concordou que o ato do reitor não proibiu efetivamente, a gente concordou que não se fuma menos maconha a partir disso, mas os espaços foram distribuídos, aqui pode, aqui não pode, acho que isso facilita o convívio, mas acho que isso não muda a dimensão do bom senso. Também não vai reduzir 100% os conflitos de convívio, o cara que fuma, o cara que não quer...sei lá, eu acho que sempre vai prevalecer a micro dimensão.

PESQUISADOR: eu queria entender um pouco melhor então como são esses conflitos, como você vê esses conflitos, como eles se dão?

Grupo: então, eu nunca tive conflitos, eu nunca fui abordado por uma pessoa que não fumava. As vezes tipo, esses conflitos tipo, assim como agente fala quando o Grabber vira as costas , os não fumantes falam quando a gente sai e deixa a marofa. Então fica aquela coisa de falar mal pelas costas a grosso modo.

Grupo: que foi uma medida muito efetiva já, agora eles já tem o território de onde é consumida a droga, agora, depois disso a gente corre o risco de a partir dos estudantes proibirem o uso de drogas no C.A. Em uma assembléia assim, E dai acabou o uso de drogas na PUC.

Grupo: é

Grupo: Não acho que isso seja injusto, assim como se deu a ocupação legítima do espaço pelos maconheiros...

Grupo: Sim, mas foi uma medida assim que deu território da droga e pouco...restringiu para caramba e cortou com uma cultura que vem...

Grupo: não cortou com uma cultura eu acho...

Grupo: porque todo lugar era um lugar possível de uso, mas agora não é mais.

Grupo: ainda não cortou, mas eu acho que caminha para.

Grupo: caminha para...também acho...

Grupo: na contramão também os maconheiros não param de fumar por causa disso, se de alguma maneira se restringe aqui, você dilui ao mesmo tempo.

Grupo: eu entendo que a universidade deve ser espaço de discussão e tal e eu até compreendo na minha opinião que todas as drogas deveriam ser legalizadas, né? Com "n" restrições a partir delas, porque eu acho que assim, eu sou a favor da legalização de todas e radicalmente contra o uso de todas, entendeu? Porque querendo ou não isso destrói o ser humano e coloca o ser humano em situação de vulnerabilidade e não é o indivíduo, é a sociedade. Mas existe toda a indústria em cima disso, todo o processo que exige do homem essa própria auto-destruição e que

a gente mesmo fica valorizando como se fosse bonito, legal, belo, maravilhoso, mas de fato pode ser até, pode ser não, é absolutamente reacionário da minha parte ou bem moralista, mas eu acho que esse tipo de coisa não é o espaço aqui, acho que aqui deveria ser o espaço de você entrar e estudar, ta ligado? Entra e sai... Você quer se drogar? Quer beber? Quer cheirar? Fumar? Vai pra puta que pariu, entendeu?

Grupo: mas você fuma aqui dentro...

Grupo: Sim, eu fumo, por isso que eu falei, eu acho que é assim, cada espaço é no seu espaço, agora é tudo misturado, entendeu? Agora não tem necessidade de ser diferente disso, porque nossa cultura, nosso movimento é esse, mas eu acredito que as coisas ficam melhor organizadas cada coisa no seu espaço. Isso também valoriza essa questão do respeito ao humano, entendeu?

PESQUISADOR: e como você acha que, você falou que talvez não seja o espaço de usar drogas na universidade...

Grupo: porque o espaço que você usa drogas deve ser um espaço que todos que estão ali concordam com o uso de drogas, a partir do momento que a gente está num coletivo e a gente entrou aqui, todos nós aqui, pode concordar ou não, querer outra ideologia, mas todos nós assinamos um contrato de estudo, a nossa função aqui é vim e entrar, estudar, e sair, a relação humana vai vir...

Grupo: eu discordo...

Grupo: você pode discordar...mas acho que a relação humana atravessa tudo, eu não vou deixar de estar me relacionando com você como ser humano ou com a PUC como espaço só por causa disso, mas sim, ela tem que ser separado em seus objetivos, querer cobrar disso é uma coisa que eu acabo ferindo o direito de outros eu querer exigir m direito para mim, o meu direito vai até onde começa o do outro, aqui é um espaço coletivo, não é só meu, ou dos maconheiros ou só dos drogados, se quiser faz uma universidade dos maconheiros. O direito tem que ser para todo mundo, entendeu? Não posso fazer uma coisa que atravesse você, se você não gosta, você não gosta, mas a gente concordou em estar no mesmo espaço.

Grupo: eu ia só responder sua pergunta, você perguntou o seguinte, como é que você vê um manejo possível?, Eu acho que o seguinte, eu acho que com relação aos usos, eu não sou contra os usos, acho que eles se dão e não tem espaços privilegiados ou desprivilegiados para tal, mas acho que já que houve um rearranjo em função dessas medidas e tal, e as coisas acabaram se concentrando no centro

acadêmico que acho que é um espaço potente para muitas outras coisa que não só o uso, por exemplo, uma questão infra-estrutural é o meu manejo, tem essa questão, vou pegar um caso específico, já que o nosso centro acadêmico tem uma parte ali e tem outro espaço que era ocupado pela livraria, eu faria um espaço ali pras pessoas que quiserem fumar um baseado poder fumarem, o outro espaço fica pro restante da galera, a galera limita um espaço específico ali vai, eu acho que assim, um espaço protegido, a pessoa vai ali e vai a hora que quiser, fica a vontade, monta ali de acordo com o tempo que tem que ser montado, construído esse espaço, acho que é um espaço protegido que sei lá, você está conseguindo é... Compartilhar com os outros daqueles que não curtem, não querem saber, se incomodam, sei lá, e ta tendo o uso ali, as pessoas não vão ser feridas nesse sentido, o uso delas vai ficar só que eu acho que já que a gente sofreu esse rearranjo, a gente trabalhar em cima disso, to dentro disso que a gente tem, como é que nós vamos fazer, acho que é essa a minha sugestão por exemplo.

Grupo: acho que esse é o caminho sim, o caminho que eu insisto, do respeito ao ser humano. Tanto ao que usa droga, quanto o que não uso. Eu uso droga e acho que não é correto, não acho bonito e nem valoroso um ser humano fazer isso consigo mesmo, mas você faz, vai respeitar? Vai respeitar...tanto quem gosta, como quem não gosta. Vermelho, verde, existem mil cores, porque que eu vou falar que uma não é mais bonita que a outra, só que tem que ter esse respeito, não é todo mundo que fuma, então não é todo mundo que é obrigado a fumar ou não é todo mundo que é obrigado a passar por isso, mas vamos construir o seu espaço. Aqui quem quer, quer...tem o seu aqui, como você disse, respeitado, guardado, protegido, protegido socialmente mesmo.

Grupo: sim.

Pesquisador: eu queria fazer uma retomada, você falou para mim que talvez o espaço da faculdade fosse um espaço que não fosse para usar drogas, mas eu queria saber, tem algum prejuízo? Quais os efeitos de usar droga na universidade na sua opinião?

Grupo: acho que tem um prejuízo muito grande... Prejuízo por misturar sintonias, gasta-se muita energia, acaba ser... Eu não acho adequado, entendeu? Pelo fato de que tem gente, muita gente que entra e sai para se drogar, eu tenho essa cultura, eu penso que um espaço ele é construído pelo, pela forma que você se porta nele, assim é uma, na minha opinião uma biblioteca, por exemplo, tem pessoas que

gostam e tem pessoas que não gostam num clima de biblioteca, mas aquele clima ele é construído para isso entendeu? Eu acredito assim, eu acredito que os lugares, os ambientes, eles controlam muito a gente e eles devem ser construídos em uma certa direção, eu penso que aqui a PUC por ser do jeito que é, é tudo muito espaçado, você entra, eu por exemplo, eu entro, na hora que eu to conseguindo entrar no nível que eu consigo estudar, entrar numa relação de conhecimento, de aprofundamento, já dispersou, já era, já desmanchou. Se aqui fosse um laboratório de química, pesado, com cálculos nervosos eu não ia conseguir estudar aqui nem fodendo...

Pesquisador: mas o uso influencia...?

Grupo: ai cada um vai ter que pesar o seu, eu não sei. Pra mim pesa o meu próprio uso, se eu usei demais eu não vou conseguir, se eu não usei ta de boa.

Grupo: da pra decompor a sua resposta em efeitos da, do estudo por causa dos efeitos da maconha, substância, mexe com concentração, memória, sei lá o que...e a outra parte da cultura do maconheiro difundida na universidade, que consequências isso tem na organização da universidade...

Grupo: diferentes níveis...

Grupo: são perguntas diferentes, né?

Pesquisador: e no aspecto individual, o que você acha assim que influencia o uso na universidade?

Grupo: você ta falando do efeito da droga?

Pesquisador: não só no efeito, mas...

Grupo: o que te faz fumar aqui? Isso?

Pesquisador: eu acho que tem uma questão do uso que se dá dentro da universidade que de certa forma influencia em um estudo ou não, e a minha pergunta é essa, como você compreende isso.

Grupo: eu não entendi.

Pesquisador: como você compreende fumar na universidade?

Grupo: meu, eu acho um privilégio, eu acho um privilégio.

Grupo: uma compreensão possível, sem dúvida.RS...

Grupo: eu acho ótimo, não entra polícia, tem um monte de amigos, se você não tem você pede um pega do cara que tem, quando você tem e o outro não tem você fala assim “alguém quer dar um pega?”, não sei o que, é um ambiente socializador.

Grupo: eu fumo maconha e é um privilégio, porque você fuma maconha e depois tem uma aula bacana, as vezes não, mas as vezes você tem acesso a um conhecimento legal, as vezes ...

Grupo: eu acho do caralho sair de uma prova foda e meu dar dois passos e poder fumar ali, sabe, poder falar de alguma coisa que acabou de acontecer, sei lá, maconha é legal pro maconheiro, se puder achar um lugar para fumar maconha, o cara nunca vai achar ruim.

Pesquisador: Mas alguém sente tipo que influencia no desempenho?

Grupo: é total isso, ninguém discorda disso...

Grupo: mas acho que não necessariamente negativamente...

Grupo: é...por exemplo eu já tive professora que falou para mim é tipo normal ter aluno que puxa um fumo para aguentar o peso de uma aula, em supervisão...

Grupo: é, mas eu não sei se é um bom desempenho...

Grupo: mas aí depende do aluno, se você fumar um pra aguentar...

Grupo: mais ou menos como o cara de medicina que tem uma carga de estudos pesadíssima e não é a toa que a faculdade de medicina, ai sim estatisticamente falando que é uma das carreiras que mais consomem droga da formação, que é muito pesado aquilo, se você não tem esses desvios aqui...poder fumar um, poder se drogar, poder pirar muito numa festa...e a PUC dá isso, a gente tem uma carga animal de coisas para fazer, e você misturar isso com uma maconha, nossa, você não sobrecarrega nenhum dos dois...rs..

Grupo: eu acho que a maconha, não sei, pelo menos na minha experiência, em alguns momentos ela foi até facilitadora de uma compreensão mais ampla de algumas coisas, de uma , um portar-se mais apropriado para uma discussão, mais apropriado no sentido do raciocínio, da compreensão...

Pesquisador: você pode falar um pouco mais o que é esse “apropriado”?

Grupo: não sei, acho que eu já me senti com maior facilidade para compreender tal matéria, fenomenologia por exemplo, e não que assim, eu lembrava de tudo depois, depois eu conseguia sistematizar aquilo e colocar numa prova e responder o que era perguntado.

Grupo: sim, igualmente tem assim também fumar maconha e estudar genética, não é a coisa mais indicada...

Grupo: acho que isso depende de matéria a matéria,

Grupo: exatamente, de pessoa a pessoa.

Grupo: mas isso também é assim, o efeito da maconha em relação ao estudo ajuda porque te dá um critério a mais a discernir qual que é a sua estratégia melhor de estudo...entendeu? Tipo, isso eu não vou conseguir produzir chapado, porque eu sei, eu posso fumar maconha na minha universidade, eu fumo maconha e faço isso, eu sei portanto que eu não tenho um bom desempenho quando eu estou chapado. Igualmente eu sei que eu tenho um bom rendimento na aula de feno, então você introduz um elemento que te dá mais possibilidades de discriminação...então mesmo que você experimente e não goste, fala assim, "não meu acho que maconha não devia estar na faculdade"...por quê? Porque a maconha esteve na faculdade e eu me dei mal, mas isso só se deu porque a maconha esteve na faculdade, por isso eu acho interessante a maconha estar lá para todo mundo poder discernir e lidar com isso.

Grupo: eu tenho um dado estatístico...acho que , boa parte das melhores discussões que eu tive na universidade e não foram em sala de aula, mas que foram fora da sala de aula, e que me acrescentaram muito quanto formação de psicologia foram no C.A. Fumando maconha, e não sei, já tive discussões também não, mas está numa rodinha também de maconheiros...

Grupo: também não só maconha, mas a cerveja no bar também,

Grupo: ...a cerveja no bar também, é que a maconha é assim, é entre as aulas...

Grupo: eu concordo com você, eu acho que pensar nessas discussões que tem no C.A. São discussões super produtivas e tal, acho que esse é um tipo de uso...

Grupo: eu acho que eu poderia ter essas discussões sem fumar maconha, mas geralmente eu me encontro com muitas pessoas assim pela maconha, porque um vê e já vem, da um pega e começa a rolar,

Grupo: isso eu acho um uso e não só um uso da questão da maconha, mas acho que um uso do espaço do centro acadêmico que eu acho fantástico, eu acho que você ta ali trocando idéia, ta discutindo, daí é um tema polêmico, eu acho isso fantástico, agora...

Grupo: não é problema da maconha...é interação humana,

Grupo: mas é o uso da maconha na universidade, é o momento do uso da maconha na universidade.

Grupo: Agora, esse tipo eu acho fantástico, agora por exemplo, a gente sai daqui umas oito? Umás oito horas, se a gente sair daqui e a gente vai pro centro

acadêmico, é que agora a gente já está no período de férias, mas você vai lá por volta desse horário e você não encontra um gato pingado da psico e o pessoal vai lá só pra fazer isso, entendeu? E lota aquele lugar e eu me sinto expulso daquele lugar, entendeu? É nesse sentido, então eu acho que a questão não é usar ou não usar maconha e tal, mas as formas que você se dá para isso, eu acho que eu...você vai a tarde, a tarde eu acho que é o melhor horário para ficar no C.A. No meio da tarde, eu acho que as pessoas tem, eu acho que ai entra a questão do bom senso, acho que as pessoas tem uma ligação diferente, porque eu acho que eles se apropriaram além do conhecimento, acho que elas se apropriaram daquele lugar de uma outra forma, de uma forma que elas bancam aquele lugar, que aquele lugar tem outro significados para a pessoa, e eu acho que você chega ali e por essa restrição, esse cerceamento do uso de drogas que as pessoas tiveram que ir para os C.A`s para fumar, e pra alguns, que não são todos e tal acho que isso fode em alguns aspectos, nesse sentido, você vai lá e fala porra não vou conseguir trocar idéia com ninguém aqui, ta cada um na sua brisa, só querendo...

Grupo: principalmente porque a galera não consegue ter bom senso com quem não é familiar...rs.

Grupo: e tipo ta ali, eu to aqui, quero fumar meu banza e vou embora, não quero nem saber o que ta rolando aqui entendeu?...É nesse sentido...

Grupo: que eu vejo, quem mais desrespeita é quem não ta envolvido com o espaço.

Grupo: ...e é nesse sentido que talvez até os próprios alunos de psicologia desse domínio que tem sobre o espaço, de manhã cedo é a mesma coisa, de manhã cedo lota a galera ali e você chega “puta, o pessoal se apropriou de tudo aqui”, eu acho isso um pouco complicado.

Grupo: é porque é uma medida muito difícil assim,

Grupo: por isso que a minha sugestão é essa, delimitar o espaço para aquilo mesmo e delimitar aquele espaço para, aquele espaço de convivência além de tudo, que acho que é um espaço de interação de você trocar idéia, de você debater, sei lá, espaço pra isso, porque se as pessoas querem ir pra isso, só pra fumar um beque, então vai lá abre a portinha ali, fuma um beque e vai embora, porque acho que muitas pessoas fazem isso, vai lá , fuma um beque e vai embora.

Grupo: é porque o C.A. Já é o cantinho de fumar a maconha...da pra fazer um cantinho, dentro de um cantinho...

Grupo: Acho que é possível...

Grupo: se fosse só pra psico dava, mas pra PUC inteira? Porque todo mundo...a PUC inteira...

Grupo: vai ficar insuportável e todo mundo vai deixar de ir...

Grupo: "vamos fumar no moquifo? Não, mó cheiro...lá só tem maconheiro..."

Grupo:"é, vamos chegar lá e já vai ta lotado".

### **Entrevista com o grupo de estudantes não usuários de maconha**

Pesquisador: Como que vocês compreendem o ato do Reitor de intensificar a proibição ao uso de drogas ilícitas dentro do campus?

Grupo: Básico...

Grupo: É...eu também não entendi porque deu tanto rebuliço assim, porque aqui no campus... Não pode em nenhum lugar, porque aqui no campus, porque aqui poderia desse jeito?

Grupo: é, eu fiquei pensando...eu não pensei muito, como não consumo drogas na universidade, pra mim não teve um impacto muito grande, mas eu fiquei pensando que a forma como foi feita deveria ter sido pensado antes que ia gerar um stress muito grande aplicar uma medida dessa da forma que como foi feita, porque tava na cara que os alunos não iam aceitar pacificamente, iam se manifestar, acho que ou eles esperavam isso e realmente já sabiam como lidar com isso ou então foi muito mal programada a tentativa.

Pesquisador: mas como você viu a forma que foi feita?

Grupo: como eu vi?

Pesquisador: é

Grupo: ah... Uma proposta proibicionista em que de repente se colocou seguranças pra vigiar e o próprio fato de pegar o nome dos alunos já é uma certa ameaça de depois ter uma certa punição ou uma coisa assim, ao mesmo tempo assim... Ao mesmo tempo como eu fiz um estágio no PAC eu vi que também tem uma...um tipo de atendimento do PAC a alunos usuários de drogas e eu acredito que seja para esses alunos que foram pegos dentro do campus, então até que ponto isso vira uma medida de atendimento ou não mais uma ameaça de punição...se o cara usar ele vai lá ter que fazer um tratamento no PAC, até onde isso não vira obrigatório também,

não sei de que forma poderia ser feito, mas acho que é uma medida muito repreensiva e na PUC as pessoas não aceitam esse tipo de medida, os estudantes não tem esse caráter de aceitar isso pacificamente...

Grupo: Mas eu fico pensando assim, por ser uma instituição de ensino, eu fico pensando é...talvez toda essa crítica só surgiu porque historicamente a PUC se formou como um lugar onde era legalizado, bem isso que C. colocou...todo lugar é proibido, mas aqui criou-se um espaço que pode, então como uma lei particular e daí por ser uma instituição de ensino que tem isso acho que cria esse conflito assim, mas...na verdade eu fico pensando...foi uma coisa imposta? Sim, mas é uma lei maior, então vai fazer como? É uma lei que existe, né? E talvez essa reação crítica que teve em cima dessa postura foi por ser universidade e lidar com essas questões, mas ao mesmo tempo deixa-se de discutir uma questão maior, as vezes eu vejo por ai que as pessoas ficam vendo a droga na PUC como aqui só no nosso pedacinho.

Grupo: Eu fico pensando também que no fato da polícia ser proibida de entrar aqui também obriga a universidade a ter esse papel da vigilância e de controlar isso aqui dentro, então de certa maneira, quando isso não é garantido propor uma coisa que vem de fora, fica diretamente ligada a reitoria, coordenação, vira uma responsabilidade exclusiva da universidade. Acho que isso dificulta porque qualquer ato, qualquer medida que se tome já cai direto nas costas da própria universidade não da questão da polícia não poder entrar para fiscalizar e coisa do tipo, como se seguisse suas próprias leis...sabe?

Pesquisador: E como você vê que é a ação da universidade nesse contexto que você falou?

Grupo: Como eu vejo? Na verdade o que eu sei é pelos depoimentos, o que me contam, que são seguranças abordando as pessoas, dizendo as vezes que não pode, pegando o nome dos alunos, anotando número de matrícula, coisa desse tipo...

Grupo: Eu acho que a questão da droga tem uma questão política envolvida que é o uso da droga aqui não é isolado, você ta comprando a droga de alguém, a droga ta vindo de algum lugar, e isso nunca é muito discutido para quem quer usar droga aqui, por quem quer usar droga aqui. Então eu acho que a gente ta defendendo o uso da droga, a priori não acho nada de errado usar droga aqui a não ser no sentido de que não me atrapalhe, nada, não me incomoda, nenhum motivo. Mas acho que

não pode, no país não pode, nenhum lugar pode, porque aqui poderia? Fora que acho que esvazia algumas críticas políticas, porque aí fica um monte de gente brigando pela droga que acho que é uma luta meio vazia, porque é uma questão muito maior do que poder fumar aqui no campus ou não.

Grupo: Eu acho que a universidade podia promover uma discussão sobre isso, mas não sei se teria muita aderência dos alunos.

Grupo: É

Grupo: É, mas seria o espaço deles falarem alguma coisa, a universidade estaria se propondo a tentar conversar de alguma maneira com...

Grupo: Mas será que seria uma conversa tão...

Grupo: Não sei, mas acho que a tentativa já é válida...

Grupo: acho que (a conversa) já seria um pouco tendenciosa...

Grupo: Mas acho que o que é muito criticado é que não houve essa conversa,

Grupo: Não houve, foi uma medida de proibição e cobrança e busca de quem é usuário e acho que essa medida é difícil ser...fazer uma política de proibição de alguma coisa e não encontrar resistências, então você abre o espaço para a discussão, para trazerem idéias, por mais difícil que seja e realmente é conversar sobre isso eu já acho muito mais válido, porque é uma medida enfim, extremamente indelicada do ponto de vista comunitário, eu acho...

Pesquisador: Como vocês vêem como foi essa resistência ao ato?

Grupo: acho que é proporcional ao ato, talvez se fosse de outra forma, talvez tivesse mais, uma resposta mais consciente, uma resposta mais...

Grupo: eu fico pensando o que vocês viram como resistência porque eu tô aqui pensando...

Grupo: Na época assim que eu vi os alunos de ciências sociais distribuindo uns panfletos “não a repressão”, mas também entra nesse discurso muito já gasto...

Grupo: que também não é reflexivo...

Grupo: que não é reflexivo, exatamente...que é um bando de não sei o que, burguesia...e repressão, esse papo e também não adianta, e também não promove... “então já que eles colocaram isso, vamos tentar chamar alguém para debater”...fica um contra controle...

Grupo: eu lembro também de ter visto alguns alunos é, procurando o Hélio para conversar, mas assim, meio no corredor, sabe? Meio casando o cara para conversar

e não foi nem chamar para uma conversa também...”é então, a gente tem que debater isso aí”, já uma postura meio agressiva também.

Grupo: é também tem aluno que não tá nem aí, pra eles tipo foda-se se tão proibindo ou não, quero fumar e pronto.

Grupo: ou “é proibido, não pode mais, Graças a Deus” e pronto. Acho que é tanto dos dois lados. Acho que tem a não reflexão tanto das pessoas que costumavam fumar dentro do campus e que com essa regra interna, nova regra interna, continuam como uma forma de protesto, tanto das pessoas que sempre foram contras e agora alguém apoiou e pronto... Tô feliz assim e acabou... É...

Grupo: é “me incomodava então resolveu pra mim então tá beleza”...

Grupo: é e não resolveu, né?

Grupo: é fachada...

Grupo: aparentemente...

Grupo: se escuta de um acordo de cavalheiros que se fizeram entre os guardas e os alunos de poder fumar só no...dentro dos C.A`s... E gente, fica inabitável o C.A.

Grupo: Não dá...

Grupo: E os C.A`s tem janelas para fora...

Grupo: Não tem janelas...

Grupo: O problema é que tem C.A. que tem janela para corredor...

Grupo: Pra sala...

Grupo: E daí você tá na sala de aula e vira um fumódromo na sala...

Grupo: e aconteceu uma coisa de... Lembra quando estava tendo uma feira? Do combate anti-manicomial, etc. até uma que tava na feira é uma amiga da minha mãe, ela ficou inconformada de como o pessoal que tava recebendo o CAPS tava fumando maconha ali no meio, gente, é um absurdo, como a gente que propõe essa reflexão e tem o objetivo de promover saúde...e aí chamam o CAPS para mostrar o seu serviço e a galera fumando em peso maconha ali, é muito contraditório isso... Eu fiquei um pouco...

Grupo: é que eu penso um pouco no sentido da droga assim, né? Porque que fuma dentro da universidade? Por que aqui? É proibido em tudo, mas pessoas fumam em outros lugares e quando eu converso um pouco com as pessoas eu tenho a impressão de que é bem isso, a universidade é um lugar de contestação e de protesto, então aqui é um ambiente que você pode fazer isso, só que daí o protesto fica um pouco...”mas pode?...então é protesto se antes não era permitido?”...

Grupo: Acho que confundo tudo, né? É o espaço que é permitido e sabe que ninguém vai incomodar, junta com essa questão política, ai junta com essa questão do grupo , que fuma junto e são as pessoas que fumam com ele estão lá, então acho que vira uma mistura de coisas, mas eu fiquei pensando no que você falou também, até pras pessoas que não vem pra PUC, o que sai no jornal, o que sai nas revistas assim, vira e mexe tinha uma notícia. Agora não tanto...agora o foco está mais “A PUC reprime a droga no campus”, mas antes era “fumacê na PUC”, tinham umas chamadas assim, sabe? Eu lembro que minha mãe ficava horrorizada, desesperada, ela não sabia o que ela fazia, se ela defendia a PUC pros familiares assim, que na minha família são uma tragédia...já ”nossa, que coisa absurda a PUC ser assim” e ela não sabia o que ela fazia, se ela defendia pras pessoas, mas ao mesmo tempo ela também achava um absurdo e ai como é que ela ia defender, sabe? Falar “Não, não é assim, mas também tem pessoas responsáveis”, coitada, eu via ela ficando muito confusa nesse meio de campo, mas realmente... O que passa pra fora é que é uma coisa...

Grupo: Eu não sei, mas acho que o nosso C.A. Acabou trazendo muito esses usuários, virou um lugar que pode mesmo, eu varias vezes passo lá não tem ninguém da psicologia, tem varias pessoas fumando maconha, mas não são da psicologia, são de outros cursos...ai fica estranho,né? Acho que acaba... Eu tenho um amigo do meu curso de fotografia que já veio falar “é...vocês...eu passei lá no C.A. Da psicologia...só tem doidão...” Pô, o que eu vou falar?

Grupo: Não tem não...

Grupo: Tem como todo lugar...é estranho...

Grupo: Né? Acho meio estranho que as vezes tem até uma cobrança do pessoal do C.A. Do tipo, mas as pessoas não vem ao C.A. Não aparecem no C.A. Pô,mas eu vou aparecer lá pra que? Sabe? As pessoas da psicologia não estão lá muitas vezes...

Grupo: Exatamente...

Grupo: Meu, eles estão usando o espaço do C.A. Pra fazer coisas que fogem ao objetivo do C.A. Tudo bem...vocês querem fumar de vez em quando lá? Tudo bem...mas só para fazer isso o tempo inteiro? Fica um espaço que não é mais para ser C.A. Pra ser fumódromo.

Grupo: E com a desculpa do protesto, eu fico um pouco com essa idéia de que...

Grupo: É camuflado...

Grupo: É...

Pesquisador: Mas isso se intensificou após o ato do reitor? É isso que estão falando?

Grupo: Do C.A. Sim...

Grupo: é...

Grupo: Eu achei muito...antes dava para ir lá, ficar um pouco, conversar, agora não dá, é aquela fumaça o dia inteiro, sabe?

Grupo: Você vê de longe, você passa assim e você vê que tá branco...

Grupo: Não gostar do cheiro ;e uma coisa, mas ficar no meio da fumaça lá, eu acho que não tem quem agente, quem não usa que agente ficar no meio daquela fumaça 10 minutos que seja.

Grupo: E não participando do ritual...

Grupo: É...

Grupo: Porque o uso da maconha é um ritual, né? Cada um fuma, tem que dividir, se você não participa você vai ficar de fora meio excluído...

Grupo: E só pegando a parte ruim que é ficar fedendo...

Grupo: É...

Grupo: No final a medida tirou a maconha de todo o campus, mas manteve, com toda essa negociação entre os usuários e os seguranças acabou... A medida e a maneira como os seguranças lidam com os usuários acabou delimitando um espaço

Grupo: Talvez tivesse um espaço maior para discussão se tivesse acontecido de outra forma...

Grupo: E a resistência acaba não sendo tão forte, porque agora eles tem...são mais organizados no espaço, acho que a resistência não se faz mais tão presente por conta disso.

Grupo: Vira uma resistência engaiolada na verdade, né?

Grupo: é

Pesquisador: Mas então, só para retomar um ponto. Como vocês acham que está o consumo de drogas depois do ato do reitor?

Grupo: Acho que não mudou.

Grupo: Está a mesma coisa

Grupo: eu também não acho que tenha diminuído não,

Grupo: Acho que está localizado...

Grupo: Centralizou.

Grupo: ...centralizou...

Grupo: Eu também acho...

Grupo: Em relação a outras drogas tem o banheiro, que segurança vai ficar fiscalizando o banheiro? É impossível, é humanamente impossível ficar fiscalizando um banheiro, então, é que a maconha fica mais a vista...

Grupo: Você ta falando de cocaína?

Grupo: É...principalmente...

Pesquisador: Retomando a questão inicial...como vocês compreendem o ato do reitor?

Grupo: Talvez fosse mais eficaz se fosse uma coisa mais reflexiva, pra discutir, afinal qual o sentido de usar drogas aqui dentro...porque acho que as drogas estão aí e existem milhões de questões proibitivas e ela continua, as pessoas continuam usando independente do lugar, eu acho que a questão por ser uma universidade e lidar com o conhecimento, a formação de pessoas e tudo mais, mas pudesse ter sido uma...se for pra fazer uma crítica acho que seria mais por aí...Mas que eu acho que também era necessário, continuar do jeito que tava também não cabia, tinha que...

Pesquisador: Mas como era esse jeito que estava?

De ser liberado...

Pesquisador: liberado, mas como era esse consumo de drogas?

Grupo: era constante, na frente...mais fora do C.A.

Grupo: ah...em todos os lugares, no pátio da Cruz, de vez em quando até nas salas de aula...

Grupo: é...quando estava vazia...

Grupo: é só falta no meio...

Grupo: Então, mas eu fico pensando uma coisa sobre o ato porque eu acho que não foi uma política que veio isolada, acho que essa reitoria vem tentando implantar outras políticas que fazem parte de um pacote só, e eu fico me perguntando até que ponto esse ato foi pra realmente chegar ao resultado de diminuir o consumo ou de mostrar que a PUC ta se organizando, que a PUC não é uma baderna, que a PUC tem um sistema de computador que reuni as notas, sabe? Até que ponto isso não foi para demonstrar socialmente o valor da PUC enquanto universidade de ensino que bota ordem, sabe?

Grupo: Isso eu acho essencial, porque acaba sendo uma política de fachada mesmo.

Grupo: é isso que eu fico pensando mesmo, Eu não acho que seja totalmente esvaziado..."Vamos fazer isso então e que se ferre, os alunos vão continuar consumindo", mas eu acho que o fato de não ter sido pensado em uma coisa que pudesse atingir os alunos de uma forma que eles sabem que os alunos não vão ficar cumprindo ordem que vem de cima sem criticar, só o fato de ter sido feito desse jeito me leva a questionar qual o valor enquanto medida pra diminuir realmente o consumo...

Pesquisador: Então as outras intenções possíveis do Ato seriam?

Grupo: de fazer uma boa propaganda...

Grupo: Colocar pra sociedade a forma como a PUC tem lidado com o problema que tá na mídia, tá exposto na mídia de um jeito ou de outro, vai no boca a boca também...

Grupo: me falaram que tem até um guia também de turismo que fala onde comprar drogas aqui nos C.A. Da PUC.

Grupo: Nossa senhora...

Grupo: e acho que até mostrar para os próprios alunos que a PUC tá mudando, sabe, com tudo isso que está acontecendo...

Grupo: acho que pros pais também, assim como o medo da sua mãe, de ter ficado preocupada. Assim, a faculdade é particular, a grande maioria é paga pelos pais...

Grupo: Tem uma redução em alguns cursos de ingressantes...

Grupo: sim...

Grupo: mas daí esvazia totalmente o objetivo da lei. É de fachada, continua usando aqui dentro...

Grupo: Eles se propõe a aplicar a lei de proibição, mas proíbe naquelas...

Grupo: e também não querem aumentar o problema pra eles, pois se tivesse que proibir mesmo e pegar o nome de todo mundo e assinar ia dar muito mais trabalho.

Grupo: e até mesmo o cuidado disso, porque uma coisa é pegar o nome e ir atrás, uma coisa mais de fiscalização. Ok...possível de se fazer, não é... Mas o que você vai fazer com isso?

Grupo: O que você vai fazer com as pessoas?

Grupo: Exatamente...você não é uma polícia, você é outro papel... Talvez essa que seja a grande dificuldade, né?

Grupo: Eu acho que até deve adiantar para alguns alunos...agora estão pegando o nome...sei lá o que pode acontecer comigo então deixa pra lá. Acho que isso demonstra para os alunos o quanto que “Agora não tem conversa...é isso e vocês vão ter que aceitar...” sabe?

Grupo: Mas por outro lado “é isso, mas pode...”

Grupo: Por outro lado “é isso, mas tem acordo aqui...”

Grupo: um acordo de cavalheiros...

Grupo: ai você sabe onde você pode burlar a lei

Grupo: e todo mundo sabe...

Grupo: Eu acho que eles afetaram quem eles queriam, assim, que eram os alunos mais envolvidos na luta política que se manifestaram, que só pelo fato deles se manifestarem já mostra o fato de que eles se incomodaram. Não importa se eles continuaram usando, mas acho que eles se incomodaram em ter uma reação...

Grupo: mas acho que daí a política explícita não cuida de uma outra parte que tá dentro do , vamos discutir, pra ver o que fazer com os alunos...

Grupo: Não se aplica inteira e nem se propõe a isso

Grupo: No fim é um trabalho pela metade

Grupo: talvez se propusesse a isso, a proibir de verdade, talvez houvesse uma resistência um pouco mais qualificada, e ai ela se propusesse também a discutir, talvez...

Grupo: é porque até esse atendimento que eu vi no PAC, até a forma que ele é descrita, “tratamento de alunos que fazem uso abusivo da droga”, mas quem vai determinar quem faz uso abusivo? É o aluno que vai procurar? Ou não? Então não fica claro uma série de questões que deveria ficar para os alunos... Até se eles gostariam de participar, de procurar um programa, eu fico imaginando quantas pessoas aqui dentro sabem disso. Eu só soube porque eu fui fazer um estágio lá dentro, tive que ler obrigatoriamente tudo sobre o PAC, se não também não saberia.

Pesquisador: Quero levantar uma questão a respeito desse espaço de discussão que foi gerado. Como vocês vêem essa discussão? Qual foi o espaço de discussão que foi gerado através do ato?

Grupo: Acho que gerou a discussão entre os alunos, mas eu não sei entre quais alunos que eu fico me perguntando um pouco assim, porque a gente ta conversando aqui entre pessoas que não fumavam dentro do campus e é uma discussão, não sei como se deu essa discussão do outro lado assim...mas acho que foi mais essa

discussão entre os alunos, em alguns eventos da universidade, semana acadêmica, semana de integração, eu não sei muito...

Grupo: acho que vem mais de fora pra dentro, minha família veio muito assim perguntar..."nossa, proibiram...? Mas como podia? Como assim?"

Grupo: é, talvez tenha mexido mais fora do que com a gente mesmo.

Grupo: eu acho que a gente acaba acostumado, convivendo com isso...

Grupo: Mas já era uma discussão meio... Não era nem uma discussão... Era uma coisa diária...

Grupo: Acho que já era um incômodo de quem não usava e...

Grupo: Acho que já era uma coisa que gente já estava meio habituado assim, ia gerar uma discussão... Acho que mesmo para quem usava...

Grupo: Não foi uma discussão nova...

Grupo: não.

Pesquisador: Vocês acham que trouxe elementos novos? Algum elemento novo?

Grupo: Talvez a capacidade da reitoria de realmente fazer...aplicar a medida aqui.

Grupo: Talvez a informação de que agora a reitoria não está pra brincadeira...

Grupo: é.

Grupo: é, mas entre aspas...

Grupo: é...por uma semana...

Grupo: O jeito que o Hélio fala, aquela calma dele, aquela coisa...estamos implementando...da muita impressão de ser uma coisa muito vaga que não dá em nada...

Grupo: Se é que houve um interesse da universidade combater de fato...talvez a manutenção do consumo tenha algum interessa na política da universidade, como foi discutido de não prejudicar nenhum aluno, de manter internamente uma aparência de uma política ditatorial e acaba sendo de fachada tanto pra dentro quanto pra fora.

Grupo: de repente o que eles queriam era mostrar para o lado de fora que estava pondo ordem, mas pra dentro também não interessava te uma confusão muito grande com essas pessoas mais envolvidas com a política e então esse acordo agrada ambas as partes. Como só quem vem pra cá vai ter acesso a verdade, ué?

Grupo: Mas sabe o que eu acho também? Que não teve um movimento também de ir contra esse ato das pessoas, dos estudantes aqui da PUC, eu fico pensando que é uma questão tão maior que também por isso que não tenha. Você não ta brigando

com a universidade e com a Reitoria, não é bater na porta e falar “ai a culpa é sua”, não, é uma lei maior, não teve nenhuma organização, argumentação desse público que foi contra de uma forma organizada e tudo mais, e nem se criou isso, não se criou uma organização. Talvez a gente como aluno podia ter organizado isso, e não necessariamente ter vindo da reitoria...um espaço para isso e chamar a reitoria... Se aconteceu eu não fiquei sabendo, fiquei sabendo de uma ou outra palestra, são coisas mais pontuais, que é uma questão muito maior que não é só da universidade. É que aqui é permitido por um acordo interno, o que a gente falou, agora é proibido, mais ou menos...

Grupo: na verdade é como é em todo lugar

Grupo: A lei existe, mas existem as exceções.

Grupo: isso que estava pensando agora, será mesmo que a faculdade tem que proibir? É uma coisa que existe na sociedade, quando você proíbe você está escondendo um lado, porque existe, acho que de uma certa forma poder permite mais uma discussão e menos preconceito, porque essa visão de “ai não pode cheirar cocaína, não pode fumar maconha” é uma coisa super moralista e meio vazia.

Grupo: A minha questão é um pouco esta...

Grupo: Eu sei, talvez em um lugar mais privado...

Grupo: é que aí você tá escondendo...

Grupo: é, porque é uma coisa proibida, né?

Grupo: mas é um problema...

Grupo: é...gera um problema...

Grupo: eu não sei... Eu fico achando um pouco estranho assim, os alunos fumarem antes de entrar na aula

Grupo: mas acho que isso vai muito de cada um também, tem gente que “vamos lá, vamos pro C.A.” e todo mundo se junta e eles vão fumar, tem gente que não... Vamos pra casa de fulano que é aqui perto...tem gente que se der vontade vai fumar na porta da sala...

Grupo: Acho que a discussão da droga é muito delicada mesmo...

Grupo: como que você vai discutir o preconceito, tendo uma lei proibicionista em cima?

Grupo: mas acho que é como... O que usar a partir dessa lei... Porque a lei ta ai e acho uma questão bem delicada. Eu acho que pode ser um espaço aberta para a

discussão não moralista e ao mesmo tempo não poder usar a droga aqui dentro. Em escola, por exemplo, locais...escolas que são extremamente abertas para isso, mas você não pode usar dentro da escola, né? Talvez a universidade pudesse seguir esse caminho, sem ser moralista...

Grupo: mas minha escola era muito contrária a isso que eu não consigo nem pensar. Numa coisa desse tipo...

Grupo: eu também acho que aqui é um espaço de promover discussão

Grupo: mas não de proibição também sem discussão

Grupo: mas é que a proibição é maior.

Grupo: mas sem discussão...não é essa proibição que fizeram.

Grupo: é que na verdade a proibição já existia, ela só...

Grupo: a água tá subindo e gente...a PUC tá mal...

Grupo: historicamente a PUC sempre se propôs a discutir, a problematizar certas questões, valores na sociedade, acho que a gente tem em vários, se não em todos os cursos da universidade e a partir do momento que você tenta uma política de proibição e impede qualquer tipo de abertura para discussão, acho perde até o caráter que a PUC vem construindo há muito tempo, os valores que a PUC sempre defendeu desde a época da ditadura que foi o exemplo clássico, a partir do momento...tá certo ela existe, mas existem problemas com a lei fora, existe o tráfico, existe uma série de problemas, a PUC antes de tomar essa medida preventiva tinha que propor discussões, de mostrar pra sociedade muito mais do que ela tá proibindo, que ela tem idéias a dar, idéias a discutir, a favorecer a discussão da própria sociedade. É uma universidade afinal, se propõe a isso.

Grupo: é ainda mais sendo comunitária, ela não é privada. Tem essa ainda, pelo menos no nominho

Grupo: que também é de fachada.

Pesquisador: Mas vendo essa postura do ato da reitoria como proibicionista, vocês pensam em um outro tipo de solução que poderia ser dada?

Grupo: ia ser debater

Grupo: eu acho, acho que daí a partir dessa reunião talvez poderiam ser dadas algumas outras sugestões e debatendo, ponderando, talvez eles chegassem a um consenso, algum tipo de medida que não precisasse ser feita dessa forma

Grupo: mas ao mesmo tempo eu penso assim, se foi desse jeito tem uma questão da imagem que a universidade quer ter e até construir a partir desses últimos anos,

de ser uma coisa mais focada, mais séria no sentido de rígida... Eu fico pensando naquela pesquisa que teve na USP que foi um programa de redução de danos, não lembro muito bem afinal o que era exatamente a pesquisa, mas eu lembro que estava aqui na PUC e até recebi o cartãozinho que era uso de ecstasy e explicava algumas coisas e que foi muito criticada de diversos lados por ser uma perspectiva de redução de danos, daí fico pensando se a PUC fosse fazer alguma coisa nesse sentido iria gerar muito mais discussão, coisa que ela não iria bancar.

Grupo: e de novo entra aquela coisa da mídia

Grupo: que não ia bancar, então pelo menos faz desse jeito e pronto acabou

Grupo: pelo menos traz um benefício muito mais imediato

Grupo: fico pensando em um trabalho mais conciso...

Grupo: e também articular esses alunos que já são muito envolvidos politicamente, que já tem essa questão da manifestação, do protesto muito, sei lá, é uma coisa que eles já estão acostumados a fazer e habituados a ganhar desse jeito é, né? Eu não acredito que seja uma tarefa fácil articular esses alunos, cada um com um interesse, cada um lutando mais do que o outro pelo seu interesse, pelo que acha que é certo e não sei se daria em alguma coisa também, acho que igual o que o Y. Falou, tinha que ser proposto uma questão de não ficar sendo de fachada, mas até que ponto poderia sair daí uma medida mais bem aceita, mais interessante não sei, ninguém pode dar certeza que teria saído daí.

Grupo: sem garantia nenhuma.

Grupo: é, não dá.

Grupo: e não só com aquelas pessoas que fumavam no campus, mas com toda a universidade, porque a questão da droga não é só com a pessoa que usa...

Grupo: acaba transcendendo.

Grupo: é, acho que esse conformismo de manter o uso aqui internamente, acho que dificulta até a resistência para ter algum tipo de discurso, de debate, e como eu estava falando, uma medida válida seria a PUC que tem tanto um discurso de transformador da realidade e os estagiários atuam nas escolas, hospitais, no escritório modelo, seja onde for, de transformar a realidade, de tornar a sociedade mais justa, porque não propor e organizar dentro da universidade, propor uma discussão e levar isso pra ser discutido fora, e a universidade tem que ter esse papel, não é uma instituição só para formar para o trabalho, senão a gente vai ser só mais uma quanto outras. Acho que existe universidade o bastante que fica fazendo

esse tipo de trabalho, A PUC tem história nesse caminho e poderia ter uma medida que transformasse de fato a realidade, que trouxesse a discussão para a sociedade que é um tema polêmico, não é uma coisa maniqueísta... não é o papel da universidade, não é obrigação mesmo...

Grupo: mas ela acaba reproduzindo a questão do bem e do mal

Grupo: Partir do momento que coloca lei aqui dentro...

Grupo: você está perguntando pra gente qual seria uma boa solução... Na verdade parece que essa era a solução pra eles, pelo que a gente acha eles conseguiram o que eles queriam que era falar pra sociedade que a PUC ta mudando, mas ao mesmo tempo não mudar porque...

Grupo: mudar é difícil.

Grupo: ...mudar é difícil, sei lá...

Grupo: pra que arrumar confusão?...

Grupo: porque acho que geralmente a tática de proibir é mais fácil, a curto prazo tem mais efeito...

Grupo: é mais bem aceito.

Grupo: ...só que é mal aplicada, toda proibição é discutível, é uma medida fácil pra quem ta no cargo, pra quem ta na reitoria, na prefeitura, enfim, qualquer lugar, a proibição resolve o problema ali ou pelo menos de fachada mesmo, mas acaba talvez trazendo outros problemas embutidos nesse e depois não vai ter controle,

Grupo: acho que também tira toda a responsabilidade. A partir do momento que você proíbe, toda responsabilidade é do aluno se ele está usando, ele está usando, está contra a lei e o problema é dele. E não vê como uma questão interna, por que será que existe tanto aluno que usa drogas aqui dentro? Será que não existem algumas práticas que tão favorecendo o uso de drogas e não só a questão de divertimento...vai além disso.

Grupo: e também quais os reais perigos de usar drogas? Daí discutir o problema na pratica. O que é ruim? Como usar? Como não usar? Porque não sou também a favor de não usar. Eu não gosto, é diferente, mas também pra discutir o certo, sei lá, a gente quer que as pessoas não usem drogas? Eu não acho, não defenderia isso.

Grupo: hoje em dia existe um consumo que é mais consciente

Grupo: é.que exista um consumo mais consciente, mas a discussão tem que ser feita desde o começo direito e não uma proibição.

Grupo: e talvez até, eu fico pensando assim, pessoas que usam drogas aqui dentro, talvez usam aqui dentro porque talvez antes de chegar aqui passou por lugares que eram assim, sempre proibido, proibido, proibido e agora pode aqui...esse é um espaço que eu tenho, sem nunca ter refletido sobre o uso e por isso que consegue aqui. Então proibindo você só vai reproduzir aqui, proibindo ela só vai procurar um outro lugar, e assim vai indo.

Grupo: vai procurar a brecha...

Grupo: sem discutir exatamente isso, a final porque usar? Quais as consequências?

Grupo: é isso que vira um protesto vazio.

Grupo: é... Usar numa situação de trabalho? Trazer o pessoal do CAPS e fumar? Como fazer isso e lidar com o trabalho de droga ao mesmo tempo?

Grupo: e com essa população...

Grupo: nossa...e a mulher do caps ainda falou isso?

Grupo: já pensou...

Grupo: ela ficou assim inconformada..."meu deus", gente que absurdo, como você chama pra vir...

Pesquisador: mas falando mais desse uso dentro do campus? Como vocês acham que se dá a questão do incomodo e do uso de drogas aqui? O incomodo sofrido pelas outras pessoas ...

Grupo: Eu acho que é mesmo de frequentar espaço e de não pertencer o mesmo grupo.

Grupo: tem gente que deixa de ir ao C.A. Por exemplo, que fica, vocês falaram, muita fumaça, incomoda muito e você não ta curtindo, você não ta no meio do ritual, e você deixa de ir por exemplo, pra mim não que incomode, no C.A. Sim , que é um espaço com mega concentração de fumaça, enfim, ai sim.

Grupo: eu fico pensando, será que não existe nenhuma reflexão por parte do C.A. De... Que talvez o movimento político se esvazie por conta disso? Sabe? Que as pessoas que não usam, não se sintam incluídas? Eu não sei se realmente eles chegam a pensar nesse fato.

Grupo: é engraçado, eu estava conversando com um a pessoa que usa maconha e ela também estava reclamando muito do C.A. Ter virado esse espaço de uso de maconha, porque se esvaziou. Eu falei, então vamos propor como pauta da reunião, mas acabou se perdendo.

Grupo: o esvaziamento até da psicologia de lá, porque se outras pessoas nada a ver, da rua...

Grupo: porque daí não fica concentrado pelo curso...

Pesquisador: mas e como você vê esse espaço de tentar mobilizar pra repensar o uso de drogas no C.A.? É possível?

Grupo: possível é, mas não é uma coisa fácil...

Grupo: porque daí você é visto como o moralista, e não é por aí.

Grupo: acho que isso é o pior, você pode ser tachado como o careta. Você é contra os drogados...

Grupo: mas é muito assim, se você não é oito, você é o oitenta...isso me incomoda também.

Grupo: você não consegue ser o que tem o diálogo, é difícil também, tem uma coisa que eu vi muito mais dentro da PUC que teoricamente é um lugar que teoricamente, sendo um espaço onde as pessoas mais permitidas deveriam ter mais dialogo, eu vejo o contrario. Acaba tendo menos e você é visto com um...puxa esse assunto meio moralista, você só consegue conversar entre os seus iguais

Grupo: no fim as drogas são uma coisa meio que divide turmas assim, ou você é da turma que uso ou você é da turma que não usa.

Grupo: não tem muita troca.

Grupo: é radical, dos pólos. Eu tentei frequentar algumas reuniões do C.A. Assim, mas eu acho muito difícil a reflexão ali, porque são algumas mesmas pessoas que sempre falam alto assim e põe uma opinião muito difícil de...não é um debate, é um...vamos fazer desse jeito...

Grupo: Só tem esse pensamento...

Grupo: ganham no grito...

Grupo: sempre um jeito meio manipulatório para provocarem algumas coisas pra dizer "tá vendo...você que provocou, você ajudou a fazer isso, agora você vai criticar?"

Grupo: Se bota numa posição "vamos pensar sobre isso..." e dá risada.

Grupo: não quer nem pensar.

Grupo: Eu sempre participei das coisas assim e na PUC que eu percebi isso, porque que eu não to participando?...Isso me incomoda e eu não to fazendo nada... Então que eu fui percebendo que os líderes não representavam e conversar sobre o que eles pensavam era muito difícil, porque eles vão representar a maioria e tão lá.

Grupo: uma hora você desiste também. Eu tentei também por um tempo.

Grupo: porque fica aquele espaço extremamente restrito ali.

Grupo: E não se forma outros.

Grupo: Fiquei pensando em uma outra forma de incomodar. A minha família tem essa idéia da PUC ser desorganizada e bagunceira, mas não tanto essa idéia de ser uma faculdade de maconheiro, mas eu tenho uma amiga que faz direito que a família é muito categórica em relação a isso, pra ela nenhum amigo dela presta porque já parte de um princípio que todo mundo é maconheiro, menos ela. Isso é uma coisa que incomoda, eu já nem ligo. Já pergunta, você faz o que mesmo? Psicologia? Já é louco mesmo...ninguém tá nem aí, mas ela por exemplo que dá muito valor por essa imagem a zelar, quanto advogada, quanto uma pessoa extremamente respeitável que quer ser juíza, como é que ela fica? Sendo que o pessoal acha que todo mundo aqui é maconheiro, vão achar que ela também é. Acho que isso é uma outra forma de incômodo. Mas não eu acho que é geral esse incômodo. Eu não ligo muito também.

Grupo: Eu não acho que na USP é diferente. São as melhores faculdades...não acho que tem uma imagem diferente.

Grupo: Em casa é engraçado. Na USP eu vejo até...é que é maior, você vê menos, em casa eu sempre ouvi histórias e críticas em relação a USP . . Porque tem bosques, você pode entrar de carro...Não sei, estou pensando nisso agora, a PUC, a questão da droga aqui pelo menos como eu vejo com as pessoas que não estudam aqui...é muito mais infantilizada, fuma na PUC como se fosse uma questão pontual e na USP por ser pública e grande tem que ser uma questão mais da sociedade. Entra gente de fora.que tem um trafego de muitas pessoas que moram nas redondezas. Ah sei lá, coisas que eu já escutei. Só por papo isso, não tô dizendo nada de ter lido, e na PUC não, uma coisa mais doméstica, assim. Um problema doméstico e na USP um problema mais público.

Grupo: Acho que ser privada.comunitária...mas acho que ser privada ou não faz também diferença, né?

Grupo: eu acho que enquanto universidade pública, acho que esperam que se tome alguma decisão mais proibicionista mesmo, é uma coisa já esperada. Acho que por ser público já se presume que tem que ser assim e isso não tem que ser muito discutido...

Grupo: você tem a imagem, mas é sempre meio sem cara...é maconheiro, é uma coisa sem cara.

Grupo: acho que tem muito a cara de curso. Psicologia, ciências sociais, filosofia. Medicina, eles usam pra caramba, tem acesso ao laboratório, mó galera. É mas se tem qualquer coisa aqui...os maconheiros...

Grupo: eles são médicos...rs.. Eles operam as pessoas.

Grupo: Eles usam droga e tem muitas profissões que usam drogas.

Grupo: na publicidade, aqueles brainstorms

Grupo: ou quando tem que ficar muito acordado.

Pesquisador: A C. Falou “será que é o espaço de usar droga na PUC? E eu tenho uma pergunta que surgiu disso que é “Como vocês vêem o uso de drogas lícitas na PUC?

Grupo: Acho que é o mesmo problema. Quer dizer, com bebida, com cigarro talvez seja um pouco diferente.

Pesquisador: Como que é?

Grupo: O cigarro particularmente me incomoda muito, então é uma questão... A bebida não incomoda os outros, mas cigarro, qualquer lugar que a pessoa ta fumando, ta todo mundo sentindo o cheiro de cigarro.

Grupo: Nossa e antes aqui nesses corredores ali de cima que são mais fechados, era muito ruim.

Grupo: Era horrível.

Grupo: Eu achei ótimo, mas eu achei a campanha da PUC péssima, “apague o seu desrespeito”.

Grupo: Que é mais ou menos a proibição.

Grupo: Poderia ser “faça o ambiente mais agradável”, né?

Grupo: Pergunte ao seu colega se ele se incomoda...não isso, né?

Grupo: Mas isso me incomodava muito também

Grupo: é como impor uma questão de bom senso sei lá.

Grupo: Mas bebida também não pode, né?

Grupo: Mas bebida não pode só que é bem mais pontual, né?

Grupo: Não pode, mas também tem umas festinhas no C.A.

Grupo: Logo que a gente entrou eles proibiram as festas aqui no Pátio da Cruz ai o pessoal estava revoltado e eu ficava pensando “gente, porque eles estão revoltados? Tem aula aqui embaixo, o pessoal não consegue ter aula porque tá

tendo festa, o pessoal fica bêbado e depreda a faculdade e tá todo mundo achando um super absurdo não ter festa. Realmente, deve ser uma festa super divertida, fico imaginando, deveria ser muito legal mesmo, talvez se eu tivesse aqui antes até iria gostar da festa, mas perde a prioridade de ser uma instituição de ensino.

Grupo: Já são difíceis as festas aqui, né?

Grupo: é que a PUC também é muito apertadinha, né? As festas da USP são uma delícia, mas tá lá um espaço super aberto, muito grande, não tem mais aula...e é muito gostoso, mas...por ser arejado.

Grupo: Eu lembro que eu mesmo ajudei a organizar festa no C.A. Na época que eu era da bateria, a gente tinha que entrar com umas malas com as cervejas todas escondidas lá dentro, não podia nem por um instrumento pra fora que já sacava.”o pessoal da ateria esta organizando cervejada no C.A.”, mas depois que você já tava com tudo lá dentro e colocava a plaquinha pra fora que era cervejada , ninguém tava nem ai, ...é assim, entrou? Agora já era.

Grupo: teve uma vez só que deu problema, desde a época que a gente estuda aqui. Que teve uma festa e acabaram com a festa, mas foi uma vez só.

Grupo: foi.

Grupo: é que são pequenininhas também, então não sei. O que me atrapalha mais é o som.

Grupo: é

Grupo: é...você ta na aula e fica ouvindo...

Grupo: Acho até que universidade...não sei, pode até ser preconceito meu, não vejo muita graça em beber dentro da universidade... Tem bar aqui atrás...tem lugar muito melhor, acho muito mais fácil, não vejo qual o fetiche de quem...

Grupo: Então, eu acho que é esse de “proibido”, só porque é proibido...então vamos fazer.

Grupo: é.proibido é mais gostoso...

Grupo: Mas aglomera mais pessoas. Uma festa dentro da PUC...

Grupo: dentro?

Grupo: O pessoal ta passando...

Grupo: tipo, no bar você fica com seus amigos, aqui não...vira uma festa.

Grupo: é que o bar é tão aqui do lado.

Pesquisador: e essa questão do consumo de álcool e o espaço da universidade?

Grupo: também acho que não cabe aqui também, porque o problema é que se pudesse usar esse espaço, mas não no horário da aula, tudo bem...no fim de semana... É uma festa que iria ser ótima.

Grupo: É o que eu digo da USP assim, já acabou a aula, tem o espaço físico e tem festas que são legais por serem bem arejadas. Eu pensava muito no cigarro que era uma coisa que incomodava muito, não fica aquela coisa e era legal. A questão é essa mistura. Eu acha estranho em momentos na sala de aula...

Grupo: com o som muito alto.

Grupo: ...meio ruim também, não combina.

Grupo: é que também é a questão...fico pensando também no que você perguntou... E acho que o período da faculdade envolve tanto álcool na cultura, de todos os países que eu conheço até hoje está muito envolvido...eu não acho que seja alguma coisa que dê para separar, acho que no fim já é uma coisa super natural, “pô, o aluno está na faculdade, tem que beber, se divertir”.Mas ao mesmo tempo também, colocar isso dentro do espaço da universidade e falar tudo bem pra isso, complicado, porque você tira a prioridade do seu espaço de ensino.

Grupo: é, exatamente, eu acho que se fosse em uma hora certa, um lugar certo, tá ótimo.

Grupo: que é a questão, usar droga no trabalho?, É a mesma coisa droga lícita ou ilícita e o estudo.

Grupo: Eu já vi uns professores reclamando assim que de vez em quando vem uns alunos bêbados pra aula e como é que o aluno vai aprender se ele tá bêbado...

Grupo: Desculpa o professor, mas acho que o problema é do aluno.

Grupo: é, mas acho que isso pode incomodar muito mais o professor do que os outros alunos, eu nunca vi um aluno reclamando que o outro está bêbado na sala de aula, no máximo você vai dar umas risadas, “olha.o cara ta viajando...”.

Grupo: E se o professor estiver bêbado?

Grupo: Como dizem que já aconteceu...

Grupo: é verdade, já ouvi boatos...

Grupo: acho que quem chegou aqui na universidade tem que saber o que é melhor para ele, tanto em chegar bêbado em sala de aula, quanto...

Grupo: ele tem que saber o que é melhor pra ele, mas ele também tem que ter um bom senso, é claro. O que eu pensei inicialmente é aquela questão dele bêbado

entrando na sala, se não ele acaba com um discurso moralista também ou uma preocupação...sei lá...

Grupo: meio de mãe e pai

Grupo: ...é, uma escolinha que você tem que educar o menino a se preocupar com o desenvolvimento...já passamos disso.

Grupo: já deveríamos ter passado...

Grupo: o bom senso...

Grupo: ...Não existe...

Grupo: por isso é importante o tipo de lei que proíbe o cigarro, tem sua , como é que posso dizer? Sua validade...tem uma parte boa da lei que se não é pelo bom senso, se as pessoa não respeitam umas as outras, então vamos fechar...

Grupo: que seja imposto...

Grupo: ...seja imposto, e acaba sendo uma medida...

Grupo: e tem que pensar nos espaços, delimitar espaços abertos para o cigarro, nem delimitar o espaço do C.A.

Grupo: e o espaço aberto acaba sendo o espaço dentro da universidade, sempre que você entra por exemplo você ...uma tonelada de...gás...

Grupo: igual viraram as calçadas. Você passa na frente dos bares, se entrou tá ótimo, mas saindo, quase morre intoxicado.

Grupo: de novo a discussão de medida proibitiva, ou tem outras medidas mais inteligente que pensar com o braço, te tirar, de proibir, acho que isso serve para o cigarro, mas isso ai já fora da universidade.

Pesquisador: e como você vê a medida do cigarro e o ato do reitor aqui?

Grupo: acho que deu mais força...

Grupo: mas o que veio primeiro? O ato do Reitor, né?

Pesquisador: isso...

Grupo: acho que a lei veio bem a calhar, sabe...reforçou o pacote

Pesquisador: como se deu na prática isso?

Grupo: ah, enfim não pode mais fumar aqui dentro, mas pode fumar no pátio da cruz, eu acho aceitável...

Grupo: pode fumar no pátio da cruz?

Grupo: Acho que não

Grupo: Agora pode...

Grupo: não pode na prainha, ou vai na rampa ou vai no bosque.

Grupo: é, antes não podia na rampa, né?

Grupo: tem os lugares especiais para fumar, tanto cigarro quanto maconha...

Grupo: e a PUC tomou varias multas...

Grupo: é, a PUC estava perigando de ser fechada dois dias, né? Se tomasse outra multa...

Grupo: isso tem muito a ver como foi constituído a lei e não só agora, porque acho que tem um espaço permitido, é...acho que pela lei os espaços que pode fumar cigarro aqui dentro da PUC que tem a ver com a lei...não é porque o PUC criou uma lei própria.?

Grupo: Acho que a PUC criou uma lei própria porque não pode fumar se tem paredes envolta...

Grupo: Então no pátio da cruz não tem como...

Grupo: eu lembro que no começo o segurança acompanhava a pessoa até final da rampa, até a rua para ela fumar, e agora, por exemplo naquela rampa pode... Tanto é que eu até fiquei confusa no começo. "pô, pode dentro? Pode só na rua?", porque uma hora eu via o segurança indo com a pessoa até lá fora para se certificar na rua e depois também na rampa, nem eu entendia a lei direito...

Pesquisador: mas você acha que essa lei influenciou no consumo de maconha?

Grupo: acho que facilitou.

Grupo: uma fortaleceu a outra

Grupo: mas acho que não alterou quantitativamente...

Pesquisador: fortaleceu em que sentido?

Grupo: criou um espaço...

Grupo: talvez tenha chamado a atenção para o ato do reitor, as pessoas que...

Grupo: é...é o mesmo tipo de lei...

Grupo: sim, sim, acho que na verdade só mudou o foco, "não pode fumar maconha aqui...", agora não é não pode fumar maconha aqui, tem uma questão que é menor... Agora não pode fumar cigarro, você está dentro por causa dessa segunda lei, e não da primeira.

Grupo: é... Se não pode fumar nem cigarro, porque poderia fumar maconha?

Grupo: então...fica na sua porque tem outra lei antes...não sei, eu vejo a postura da PUC meio assim, é por isso que foi fortalecida, não é a lei que não pode fumar maconha...não pode fumar cigarro, é como se fosse seu segundo erro.

Grupo: Mas eu também vi com a manifestação contra aumentar com comentários do tipo “é primeiro proibem a maconha, agora também o cigarro, daqui a pouco a gente não vai poder nem, sei lá, beijar, sei lá...”, coisa do tipo...acho que nesse sentido também chamou a atenção para pessoas que não ...que provavelmente não eram usuárias de maconha e não tinham debatido a respeito disso para debater...

Grupo: é teve muita bandeira levantada no sentido de que, tipo, de que não seria uma lei contra a liberdade...mas eu não sei...

Grupo: a lei anti fumo pra mim é complicada, porque seria contra a liberdade de quem não fuma de ter o direito de não sentir o cheiro de cigarro, porque na verdade é impositivo, quando tem alguém fumando não dá para você isolar a área. Não sei, é o mesmo tipo de lei, mas...

Grupo: Acho que a campanha da PUC foi muito ruim mesmo...”de apague o seu desrespeito...”

Grupo: Talvez o governo também tenha sido ruim na lei anti fumo, de colocar um contador na Dr. Arnaldo de quantos dias faltam pra você respirar ar puro...

Grupo: nossa, nem vi isso...

Grupo: mas acho que essas medidas sendo proibitivas elas tanto não se aplicam diretamente, porque você sempre encontra brechas como também você impede o pensar em uma medida mais inteligente, eu acho que tem esse paralelo com as duas.

Grupo: é que a lei anti fumo eu achei inteligente, apesar de ser proibitivo. Porque não tem outro jeito de você fazer com quem não fume possa freqüentar o mesmo lugar.

Grupo: é que sendo um problema de saúde, uma política, uma medida de saúde, acho que existem outras maneiras de você diminuir o uso de cigarro, de trabalhar.

Grupo: sendo que eu to vendo do ponto de vista de quem não fuma e que não quer sentir o cheiro de cigarro enquanto tá comendo, por exemplo.

Grupo: tá certo, tem esse caráter muito positivo que eu acho, mas acaba não se completando...

Grupo: é, eu concordo.

Grupo: porque dentro de casa, se o pai fuma e o filho está ali não adianta muita coisa...

Grupo: não sei, mas eu achei que a lei anti-fumo pegou mais, que a galera respeitou...

Grupo: por ser mais gente, né?

Grupo: eu até achei que não fosse, sei lá, pensei vai ser igual a lei seca, sei lá, muita gente não deixou de beber.

Grupo: Mas as pessoas não se responsabilizam

Grupo: e outra coisa, antes era incômodo, mas como era tão corriqueiro todo mundo fumando do seu lado, você nem ia lá e falava, “pô, não to afim de sentir o cheiro”, agora é difícil, então quando uma pessoa acende o cigarro você vai se incomodar e é muito mais fácil você falar, então amigo..não to afim de sentir o cheiro do seu cigarro...

Grupo: e criou-se também um espaço...”não pode fumar aqui, mas pode fumar fora...”, quem fumava fora, não se excluiu totalmente...

Grupo: mas separou um pouco, né?

Grupo: sim, mas conseguiram.

Grupo: as pessoas ficam todas pra fora do bar agora e eu li uma reportagem que virou até um ponto de paquera as calçadas, o pessoal que fuma vai se simpatizando entre si e vai paquerando porque....